



Branca De Neve e o Caçador

Lily Blake

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



leLivros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo **Sobre nós:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa

sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**



Branca

De Neve

E o Caçador

Um romance de Lily Blake

Baseado no filme

Roteiro de Jonh Lee Hancock

Hossein Amini e Evan Daugherty

História de Evan Daugherty

Tradução de Ronaldo Luis da Silva

Índice

Folha de Rosto

Introdução

Prólogo

Parte 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Parte 2

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23



Quem você será quando for confrontado com o fim?

O fim de um reino.

O fim dos bons homens.

Você correrá?

Você se esconderá?

Ou perseguirá o mal com um orgulho venenoso?

Em pé diante das cinzas..

Em pé diante do céu de inverno.

Em pé diante do chamado.. Ouça o choro da batalha..

Deixe-o gritar desde as montanhas.

Desde a floresta até a capela..

Porque a morte é uma boca faminta.. E você é a maçã..

Então, quem você será quando for confrontado

com o fim?

quando os abutres estiverem circulando..

E as sombras descerem.

Você se curvará?

Ou lutará?

Seu coração é feito de vidro

Ou da pura cor, Branca de Neve?

Era uma vez...



Foi o inverno mais frio pelo qual o reino já havia passado. A geada cobria os

túmulos. As roseiras no jardim do castelo estavam quase nuas, suas folhas enrugadas e marrons.

Rei Magnus estava nas redondezas da floresta, com o duque

Hammond, esperando que o outro exército chegasse. O rei podia ver sua própria

respiração. As nuvens lentas e constantes se expandiam diante de seu rosto e

desapareciam no ar frio da manhã. Suas mãos estavam dormentes. Ele não sentia o

peso da armadura nas costas ou a pressão da cota de malha contra o pescoço com

um metal tão frio que fazia sua pele arder. Não se preocupava com os inimigos do

outro lado do campo de batalha, não tinha medo.

Por dentro, ele já estava morto.

Mesmo assim, seu exército estava a postos atrás dele. Um dos cavalos

relinchou. “Foi há quase um ano” pensou. “Ela morreu há quase um ano.” Havia

segurado a cabeça dela em suas mãos, observando o momento em que a vida

deixava seus olhos, O que ele ia fazer? Quem era ele sem ela? Sentou-se em seus

aposentos com sua jovem filha, mas a nuvem de tristeza era muito espessa e ele

não conseguia dissipá-la. Não ouvia nada do que ela dizia.

— Sim, Branca de Neve — respondia com a mente em outro lugar enquanto

ela o bombardeava de perguntas. — Certo, minha querida, eu sei.

Do outro lado do campo, ele via o exército inimigo. Eles eram guerreiros de

sombra, um clã da escuridão reunido por alguma força mágica inexplicável.

Estavam parados sob a névoa da manhã como se fossem silhuetas fantasmagóricas:

sem nome e sem rosto. Suas armaduras eram de um preto fosco que se confundia

com a escuridão da floresta. Não era possível dizer onde eles começavam e a

floresta terminava.

Duqu e Hammond virou para o rei, as sobrancelhas juntas por causa da

preocupação.

— De que inferno vem esse exército? — ele perguntou.

Rei Magnus travou a mandíbula e balançou a cabeça, tentando sair da

inércia em que se encontrava há meses. Ele tinha um reino para proteger, agora e

sempre.

— De um inferno que irá revisitá-lo em breve! — gritou. Em seguida,

levantou a espada, conduzindo as tropas para o violento enfrentamento.

Eles correram em direção ao exército inimigo, suas espadas mirando a garganta das figuras. Dentro de pouco tempo, as sombras estavam sobre eles. A

armadura do guerreiro era semelhante à deles, mas nela havia sombras negras que

mudavam e giravam como fumaça. Um guerreiro sem rosto correu em

direção ao

rei Magnus com a arma em punho. O rei brandiu sua espada e a figura se

despedaçou como vidro, milhares de cacos pretos voaram em todas as direções.

Levantou os olhos, atordoado. Ao seu redor, seus homens estavam atacando os

guerreiros de sombras, que, um por um, explodiram na névoa da manhã. Os cacos

brilhantes caíam para morrer no chão e desapareciam no solo duro e coberto de

gelo. Dentro de minutos, o campo estava vazio. As tropas do rei estavam ali,

sozinhas, e o som de respirações era a única coisa que pairava no ar. Era como se o

exército inimigo nunca houvesse existido.

O rei e o duque Hammond trocaram um olhar confuso. Através da névoa, o

rei pôde observar uma pequena estrutura de madeira se erguendo entre as

árvores. Foi em direção a ela. Quando estava a 20 metros de distância, viu que

aquilo era uma carroça-prisão. Desmontou do cavalo e olhou para dentro, quando

notou a mulher agachada em um canto. Tinha cabelos louros ondulados caindo

em cascata pelas costas. Um véu escondia seu rosto.

Ela havia sido levada cativa pelo exército, e quem saberia dizer o que tinham feito com ela? Dizia-se que as forças da escuridão mataram e

mutilaram

centenas de prisioneiros, até mesmo algumas crianças. Ele deu um golpe com sua

espada sobre o cadeado e o quebrou.

— Você é livre agora. Não tenha medo de mim — disse, estendendo a mão

para a jovem mulher. — Qual é seu nome, madame?

Lentamente, a mulher virou em sua direção e seu pequeno corpo se tornou

visível na luz. Pousou sua mão delicada sobre a dele e levantou o véu. Rei Magnus

contemplou a beleza da face alongada da mulher. Ela tinha lábios carnudos e

olhos azuis marcantes, com cílios longos e bastos, e duas tranças de ouro finas que

mantinham os cabelos distantes das maçãs salientes do rosto. Não deveria ter mais

de 20 anos.

— Meu nome é Ravenna, nobre senhor — disse com uma voz serena e suave.

O rei ficou em silêncio. Tudo nela, seu nariz, seus dedos, seus lábios, era

bonito e delicado. Sentiu o calor de sua mão e o cheiro dos pinheiros frescos ao seu

redor. Lembrou-se claramente do dia em que conhecera sua esposa, a única

mulher que, até então, o havia feito se sentir daquela maneira. Era verão e a luz do

Sol matizada dançava sobre as folhas das macieiras.

Justamente naquele momento, a tristeza foi finalmente removida. Ali, diante de

Ravenna, com o coração livre no peito, se sentiu, de repente, vivo novamente.

O rei voltou ao castelo com a bela jovem. As estações mudaram e aquela

alegria inicial só cresceu. Rei Magnus pediu Ravenna em casamento. A cada dia

ele se apaixonava um pouco mais por ela. Por aquela jovem mulher que tinha sido

tirada de sua casa e mantida pelo exército inimigo. Ele se comportava como um

adolescente em sua presença: seu rosto corava enquanto ela lhe contava histórias

de sua vida antes de conhecê-lo, como tinha vivido nos limites do reino com seu

irmão, Finn, e sua falecida mãe.

A filha do rei, Branca de Neve, se sentava ao lado deles durante as refeições,

com o queixo apoiado nas mãos enquanto observava e estudava Ravenna. Ainda

era uma criança, tinha apenas 7 anos de idade. Juntos, eles formavam uma família,

e isso era o que o rei sempre desejara. Ele observava o modo como Ravenna, às

vezes, sorria para Branca de Neve ou tomava a mão dela e a conduzia pelo pátio

do castelo. Ela parecia estar muito feliz com eles...

Quando o dia do casamento chegou, Ravenna estava na parte de trás da

catedral. Através das portas de madeira, ela ouvia a multidão falando e se

movendo em seus assentos. Suas bochechas receberam pó. Seus lábios foram

pintados de um profundo vermelho--sangue e seu vestido foi amarrado nas costas

com tanta força que ela mal conseguia respirar. Observou seu reflexo no espelho,

havia uma mínima ondulação em seus lábios. Naquela noite, após a cerimônia,

não fingiria mais. Finalmente ia conseguir o que queria.

— Você está tão bonita... — uma voz sussurrou.

Era Branca de Neve, de pé no portal, olhando para ela. Branca de Neve

segurou a cauda do longo vestido branco de Ravenna, erguendo-a para mantê-la

longe do chão de pedra. Ravenna chamou a filha do rei para a frente com um

ligeiro movimento de seu punho.

— Que amável criança — balbuciou. — Especialmente quando se diz que a

verdadeira beleza deste reino é a sua. — Ravenna tocou a bochecha da menina.

Sua pele era perfeita como porcelana. Tinham olhos castanho-escuros enormes e

bochechas rosa. Toda vez que ela passava pelas servas ou pelos soldados, eles

ficavam encantados.

A menina a olhou com seus olhos muito inocentes e ingênuos.
Ravenna

sorriu para ela, sabendo que esta charada iria acabar em breve e,
então, ela

corrigiria os erros que haviam sido cometidos contra ela e seu povo.

— Sei que isso é difícil, criança. Quando eu tinha sua idade, também
perdi

minha mãe.

Acariciou a bochecha de Branca de Neve. Ela podia ouvir a orquestra
na

frente da grande catedral dando início à cerimônia. Assim que ela
caminhasse

pelo corredor, tudo aconteceria como planejado.

Enquanto esperava pelas

notas iniciais

da marcha nupcial, seus

pensamentos voltaram para o dia em que os homens do rei haviam
chegado em

sua aldeia. Ela era muito jovem. Ravenna e seu irmão, Finn, estavam
na carroça

cigana com sua mãe. Sempre juntos, formavam um pequeno clã de
viajantes, até o

dia em que o exército do rei chegou. Sua mãe segurara um espelho
em frente ao

seu rosto e dissera:

— Só isso pode salvá-la.

Em seguida, ela tomou o pulso da filha e o segurou sobre uma tigela com

um líquido branco, sussurrando feitiços. Com uma lâmina afiada, cortou o pulso

de Ravenna e deixou o sangue gotejar na tigela, o vermelho vivo contrastando

com o branco. Ravenna bebeu a poção rapidamente para não sentir o gosto. Às

vezes, quando fechava os olhos, ainda podia sentir o sabor forte e metálico do

líquido em sua língua.

— Beba rápido — sua mãe dissera. — Agora, você terá o poder de roubar

juventude e beleza. Porque esse é seu poder derradeiro e sua única proteção.

Os homens do rei tiraram os ciganos de suas casas e os mataram. Finn gritava. Ele queria protegê-la, e Ravenna se lembrava claramente daquilo. Sua

mãe havia colocado as mãos nas testas e sussurrado mais magias, mais palavras,

depositando neles um poder que os ligava. Sempre teriam um ao outro e Ravenna

estaria ligada a ele até a morte. Corriam tão rápido, sem olhar para trás, e mal

recuperavam o fôlego.

Os dois escaparam, mas a mãe tinha sido deixada para trás.

O cabelo na parte de trás do pescoço de Ravenna arrepiou quando se lembrou de como o soldado havia pressionado a espada contra a garganta de sua mãe. A mãe, então, falou suas últimas palavras, chamando a atenção de Ravenna enquanto esta se afastava a cavalo.

— Saiba — gritou — que pelo mais belo sangue isso foi feito e somente pelo

mais belo sangue pode ser desfeito.

Então, sua mãe caiu de joelhos, derramando o sangue sobre a grama. Dentro

de minutos, estava morta.

— Ravenna? — uma voz suave perguntou. — Ravenna? Está na hora.

Ravenna abriu os olhos. Branca de Neve estava em pé atrás dela, segurando

a cauda de seu vestido. As portas de madeira estavam abertas. Havia mil olhos

sobre ela, esperando que caminhasse pela neve. Ela se arrumou, respirou fundo e

seus olhos azuis iam se escurecendo à medida que se fixavam no rei. “A menina

está certa. Está na hora.”

Naquela noite, enquanto os últimos convidados bebiam e comiam no pátio do

castelo, Ravenna levou o rei ao quarto dele. Deitou-se ao seu lado com seu vestido

de noiva branco, os longos cabelos ondulados soltos sobre os ombros, observando

enquanto ele terminava de beber o vinho. Ele correu os dedos pelos cabelos

dourados dela e os deixou descansar sobre a fina coroa de ouro. Rubis e

esmeraldas pontilhavam a frente, O noivo estava enfraquecido pelas festividades

do dia, seus movimentos mais lentos depois de tanta bebida. Era um alvo fácil...

Ravenna havia escondido debaixo do travesseiro, algumas horas antes, um

punhal de prata. Pegou-o e o levantou acima da cabeça, focalizando o centro do

peito do rei, onde o osso escondia o coração. Num movimento rápido, apunhalou

seu peito e assistiu ao corpo estremecer pelo golpe repentino.

— Primeiro, vou tirar sua vida, meu senhor — Ravenna sussurrou enquanto

o rei ficava imóvel. — Depois, vou tomar seu trono.

Caminhou para fora do quarto com passos largos e seguiu pelo corredor,

deixando o rei retorcido nos lençóis ensanguentados. Moveu-se e rapidamente,

descendo as escadas para o portão levadiço do castelo. Seu irmão, Finn, estava

esperando fora da treliça de ferro. Seu exército estava atrás dele, os soldados de

sombra quase invisíveis à luz do luar. Ela ergueu o portão de metal e os soldados

fluíram para o interior. Dentro de minutos, ocupavam cada centímetro

do castelo.

Enquanto os soldados lutavam, Ravenna voltou ao seu quarto. Podia ouvir

os gritos dos civis escada abaixo e o tilintar de espada contra espada. Um dos

homens de seu irmão havia trazido um espelho enorme. Parecia um escudo

redondo de bronze extremamente polido. Quando ficou sozinha, o ar fora de sua

sala saturado com gritos e berros, olhou para o espelho. Era muito maior do que o

que sua mãe havia segurado diante dela há tantos anos e era ainda mais poderoso.

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas? —perguntou.

A superfície do espelho ondulou. Um líquido se derramou no chão próximo

aos pés de Ravenna, se transformando em uma estátua de bronze quase tão alta

quanto ela. A figura estava envolta em tecido grosso, mas refletia o quarto ao seu

redor. O rosto do homem-espelho refletiu exatamente o rosto de Ravenna.

— É você, minha rainha — disse. — Outro reino cai para a vossa glória. Não

há fim para seu poder e sua beleza?

Ao ouvir as palavras do espelho, Ravenna soube que a magia que sua mãe

lhe concedera era ilimitada. Na presença dela, remos caíam, homens pereciam e

até mesmo objetos simples ganhavam uma vida mágica, revelando segredos que

ninguém mais poderia saber. Ergueu as mãos, sentindo a luz em seus dedos e se

lembrando de tudo o que sua família havia perdido para o rei. Ele estava,

finalmente, morto. O reino era novamente dela e ninguém poderia machucá-la:

nem agora nem nunca.

Quando a luta terminou e o pátio ficou em silêncio, ela desceu as escadas.

Os guerreiros de sombra lá estavam reunidos. O sangue havia respingado sobre

mesas e cadeiras, havia pratos quebrados no chão e restos do jantar comemorativo

espalhados por toda parte. Sequer estremeceu ao ver os corpos, alguns deles de

mulheres, caídos em seus assentos. Convidados do casamento e nobres

sobreviventes estavam alinhados contra a parede, contidos pelo exército de Finn.

— O que devemos fazer com os que sobraram? — um general perguntou. As

mulheres imploravam por misericórdia. Alguns nobres até choravam. Eles

puxavam seus filhos para perto de si, tentando protegê-los, embora inutilmente.

Ravenna fechou os olhos, se lembrou de sua mãe e de quão brutalmente todas as

mulheres na sua aldeia haviam sido chacinadas. Era isso o que estava destinado a

acontecer. Fora erro do rei, não dela. Era assim que deveria ser.

—À espada — disse, segura de si. Enrolou seu vestido no corpo e tremeu por

causa do ar fresco da noite. Então saiu.

Pelo canto do olho, viu Finn segurando a menina. A faca estava pressionada

contra o pescoço de Branca de Neve. Alg o no rosto da menina a pegou de

surpresa, aquela criança que, poucas horas antes, havia segurado a cauda de seu

vestido de casamento. Seus lábios tremiam e lágrimas transbordavam de seus

olhos.

— Finn, não! — berrou, sem conseguir se conter. Ele estreitou os olhos para

ela, como se não estivesse bem certo de que ouvira direito . Ela se movimentou

com alvite para não parecer fraca diante de seu irmão, que tinha acabado de lutar

valentemente em seu nome e sem questionar suas ordens.

— Prenda-a. Nunca se sabe quando o sangue real será de algum valor.

Seus olhos encontraram os de Branca de Neve. Fitaram uma à outra, o caos

permanecia ao redor delas. Mulheres foram arrastadas para fora do

palácio para

serem mortas. Nobres lutaram contra os soldados. Um menino estava gritando por

sua mãe, com o rosto vermelho e coberto de lágrimas. Mas, naquele momento,

Ravenna só via Branca de Neve e Branca de Neve só via Ravenna. A rainha

colocou a mão no peito, querendo saber o que sentia por aquela criança, a herdeira

do reino que havia derrubado. Estavam ligadas por alguma força estranha e

poderosa. Ravenna ficou ali, a mão sobre o coração, até que Finn saiu para as

masmorras e levou Branca de Neve.

Os olhos da criança nunca deixaram os seus. Ela ainda olhava a rainha sobre

o ombro, até que desapareceu atrás da pesada porta de madeira.



Pelo mais
belo sangue
está feito...



1

Finn foi vê-la novamente. Mesmo deitada em sua cama, com os olhos semicerrados, Branca de Nev e conseguia ver a sombra dele na parede do

calabouço. Ela não disse nada. Em vez disso, tirou o cobertor emaranhado de cima

de si e o dobrou na cama estreita. Correu os dedos pelos cabelos, tentando

desfazer os nós que se formaram na nuca. Então, se ajoelhou e começou a

acender o fogo como fazia todos os dias, torcendo a madeira para frente e para

trás, indo e voltando, até que as lascas finas se incendiassem. Quando o fogo subiu,

trazendo calor para seus dedos, Finn já havia ido embora.

Estendeu suas mãos para aquecê-las. Ele a visitava algumas manhãs e a

observava além das grades, os olhos pequenos dardejando acima do nariz longo e

fino. Nunca dissera nada, nunca deixara nada, nem mesmo um prato de comida

ou um jarro de água. Ela se perguntava se ele ficava feliz em vê-la

agora , com

pouco mais de 17 anos, ainda trancada no calabouço da torre. Será que ele sente

algum remorso? Será que se importa? Duvidava disso.

Branca de Neve arrumou o vestido esfarrapado em seu corpo, enfiando os

dedos nus dos pés debaixo da batinha , Fazia dez invernos. Em certo momento,

parou de contar dias ou semanas e passou a prestar atenção apenas na mudança

das estações. Olhava para as copas das árvores pela janela da cela. Conhecia cada

galho das árvores assim como conhecia cada parte de seu corpo. Nos meses mais

quentes, folhas verdes brilhantes rebentavam delas e cresciam por todo o verão.

Depois, elas mudavam de cor. O verde dava lugar a dourados e vermelhos, até que

todas elas murchavam e caíam, uma a uma, sobre o solo.

Agora, com os fracos traços de primavera no ar, ela se perguntava se este

ano seria diferente, se este seria o ano em que Ravenna viria até ela, finalmente,

para acabar com esse aprisionamento. Já fazia tanto tempo que ela quase não se

importava mais com a cela abafada. As paredes estavam sempre frias e úmidas,

cheirando a mofo. A luz entrava apenas uma vez por dia, por pouco mais de uma

hora , quando o Sol aparecia sobre as árvores. Ela sempre se sentava

onde ele

estava, deixando-o beijar seu rosto até que fosse embora. Mas era a solidão que a

matava. Tinha dias em que só queria falar com alguém. Em vez disso , repetia as

mesmas memórias em sua mente, acrescentando novos detalhes, mudando alguns,

tentando manter unidas as peças do seu passado.

Pensava em seu pai, em como ela o encontrou na noite do casamento, em

seu corpo ensanguentado. Lembrava-se do calor da mão da mãe em sua testa,

confortando-a antes de dormir. Mas sempre voltava para o mesmo momento, que

era tão vivido, mesmo agora, dez anos depois.

Foi logo depois que sua mãe ficou doente. O rei e o duque Hammond os

observava da varanda do castelo, como faziam algumas vezes, O filho do duque,

William, era da sua idade e eles brincavam juntos quase sempre, correndo um

atrás do outro pelo pátio ou resgatando pássaros doentes. Ele tinha subido na

macieira, o cabelo castanho-escuro todo despenteado. Um arco de brinquedo

repousava em suas costas.

Branca de Neve o seguia, abraçando a árvore para não cair. Quando estavam

a quase cinco metros de altura, William arrancou uma maçã de um ramo e

estendeu para ela. Era branca e vermelha,

— Vá em frente— disse ele, sua mão estendida, esperando que ela a pegasse.

Ele tinha olhos castanho-claros, e, quando inclinou o rosto em direção ao Sol, ela

viu que eram pontilhados de verde.

Ela estendeu a mão para pegar a maçã, mas ele a puxou de volta e a mordeu.

Então, ele abriu seu sorriso “eu-só-estou-te-provocando”, que era tão familiar.

— Te peguei — ele riu. Ela ficou tão irritada que o empurrou. Ele perdeu o

equilíbrio, agarrando-se a ela e a levando para baixo com ele. Ambos caíram e o ar

de seus pulmões fora arrancado com intensidade quando bateram no chão.

Permaneceram ali, ofegantes, até que um deles finalmente riu. Então, não

conseguiram parar de rir. Eles riram e riram, rolando na grama. Ela nunca se

sentiu tão feliz.

Agora, anos depois, ela se sentou na cela fria, os olhos fechados, tentando se

lembrar do rosto dele. Perguntava-se se ele ainda estava vivo ou se os soldados de

Ravenna o haviam localizado em algum lugar além das muralhas do castelo. A

última vez que o vira foi na noite do casamento. No caos, duque Hammond o

jogara na garupa de seu cavalo. Um dos guarda-costas do duque a havia colocado

em outro cavalo e os quatro correram em direção ao portão levadiço, tentando

escapar. William gritava para que se apressassem. O portão estava descendo

enquanto galopavam em direção a ele.

Quando estavam quase chegando lá, uma flecha atingiu o guarda-costas no

peito, jogando-o do cavalo. O cavalo recuou, retardando a fuga de Branca de Neve.

William e o duque se esquivaram por baixo do portão levadiço enquanto ele se

fechava, deixando Branca de Neve presa no interior das muralhas do castelo.

William gritou para ela. Ela o ouvia implorando ao seu pai para voltar, mas

os soldados de sombra já estavam fervilhando no pátio e seu guarda-costas se

contorcia no chão. Branca de Neve foi amarrada e arrastada de volta para o

castelo. A última coisa que viu foi o rosto de William, quando ele e seu pai

partiram a galope.

Um som de passos ecoou de repente pelo corredor. Era como um trovão

para os ouvidos sensíveis de Branca de Neve.

— Deixe-me ir! — uma garota gritava, sua voz avançando pelo corredor. —

Pique longe de mim!

Branca de Neve se levantou e foi até a grade. Pressionou seu rosto entre as

barras enferrujadas para

ver melhor. Ele s raramente e mantinham outros

prisioneiros na torre norte. Ela havia visto apenas três nesses dez anos, e a maioria

deles aguardava a execução. Um homem mais velho, com quase 60 anos, havia

sido pego roubando comida de uma das carroças de abastecimento de Ravenna.

Ficou ali por apenas algumas horas antes de ser executado. Havia sido espancado

de tal maneira qu e mal podia falar. Os outros dois preso s também não haviam

ficado lá por muito tempo.

O soldado arrastava uma jovem pelo corredor. Ela não era muito mais velha

que Branca de Neve. Tinha grandes olhos azuis e um rosto redondo e pálido. Os

cabe l o s loiros frisados caíam por suas costas. Ela lutou contra o controle do

soldado, mas seu esforço foi inútil. Ele a jogou dentro da cela e a fechou.

O soldado voltava ao palácio pelo corredor de pedra, seus passos soando

cada vez mais fracos à medida que descia as escadas. Branca de Neve esperou pelo

silêncio antes que se atrevesse a falar.

— Olá...? — disse. Surpreendeu-se com o som da própria voz. Tossiu.
—

Qual é seu nome? — inclinou-se para o lado, tentando obter uma visão melhor da

garota, que havia desaparecido na parte de trás da cela.

Depois de alguns instantes, a garota reapareceu. Pressionou o rosto contra as

grades, enxugando as lágrimas de suas bochechas.

— Eu sou Rose — disse com medo.

Branca de Neve ignorou seu vestido esfarrapado. Só podia imaginar como

ela era, depois de tantos anos trancada, sem nem mesmo uma escova para pentear

o cabelo.

— Como você chegou aqui? — Branca de Neve perguntou. — você cometeu

algum crime contra Ravenna?

Rose balançou a cabeça. Fitou um ponto no chão, seus olhos lacrimejavam.

— Eu não fiz nada — disse ela. — Todas as garotas da minha aldeia foram

raptadas e eu estava tentando achar um abrigo seguro no castelo do duque

Hammond quando fui pega. Eu estava...

— O duque? — perguntou Branca de Neve, com a voz trêmula. —

Ele está vivo?

— Sim — Rose respondeu. — Sua aldeia, em Carmathan, tem abraçado os

inimigos de Ravenna.

A garganta de Branca de Neve secou. Pensava que Ravenna utilizara de sua

magia negra para encontrar duque Hammond e William há muito tempo. Havia

se convencido de que estavam mortos.

— Ele ainda luta em nome de meu pai? — perguntou ela.

Rose estudou- a de cima a baixo, atentando- s e ao cabelo emaranhado e à

sujeira que manchava seus joelhos. Havia buracos na part e mais baixa do vestido

de Branca de Neve. Ela tentou cobri-los com as mãos. Não os havia notado, até

agora.

— Você é... A filha do rei? — a garota perguntou. — *A princesa?* —

Rose ficou boquiaberta. Estava totalmente confusa.

Branca de Neve assentiu. Seus olhos se encheram de lágrimas. Pensava

somente no duque, em como se lembrava dele sentado ao lado de seu pai no

jantar, rindo alto de suas piadas. Ele havia levantado William com uma grande

arremetida e o colocado sobre os ombros. Ela se lembrou de que ficou olhando

para eles, pensando que William era a pessoa mais alta do mundo. Sempre teve

ciúmes de ele conseguir tocar o teto.

Rose balançou a cabeça e pressionou o dedo indicador contra a têmpora.

— Na noite em que o reinado de Ravenna começou, fomos informados de

que todos no castelo foram mortos à espada. Como você foi poupada?

Branca de Neve balançou a cabeça, não queria revisitar aquela noite. O

cheiro de sangue no pátio de pedra. Como Finn a havia levado pela escada estreita

e comprida até a masmorra. Mesmo depois de todos esses anos, ela não sabia por

que Ravenna havia tido misericórdia dela no último momento.

— William...? — perguntou, vendo o rosto dele novamente, aqueles olhos

castanhos a fitando por entre os galhos da macieira. — O filho do duque, ele ainda

está vivo?

Rose apertou as barras de metal.

— Sim, princesa — respondeu com calma. — Ele está lutando pela causa. Ele

é conhecido por ataques-surpresa ao exército de Ravenna. Eu não tenho ouvido

falar dele há algum tempo, mas...

— Quanto tempo é algum tempo? — Branca de Neve a interrompeu.

William está lá fora, em algum lugar além das muralhas do castelo, ainda

lutando. Ela foi consumida por aquela nova esperança, não conseguia se conter, O

duque e William eram como família para ela. Talvez ela pudesse reviver suas

esperanças. Talvez o exército de Ravenna ainda fosse derrotado.

Rose olhou para o chão de pedras úmidas.

— Seis meses, talvez um pouco mais.

Branca de Neve deixou escapar um profundo suspiro de alívio. Nem tudo

estava perdido. Ainda havia pessoas lutando, se recusando a ceder às forças da

escuridão que haviam tomado o reino de seu pai. Secava as lágrimas que caíam de

suas bochechas.

— Você está bem, princesa? — Rose perguntou. Ela se inclinou, tentando

vê-la melhor.

— Estou — disse Branca de Neve, e deu um riso pequeno e cheio de esperança. — Nunca estive mais feliz.



2

Ravenna estava sentada no trono, seus generais em pé diante dela. Dezenas

de velas tremulavam, aquecendo a fria sala de pedra. O general Cavaleiro Negro,

em sua armadura negra reluzente, limpou a testa suada com um lenço. Ele ainda

fedia da última batalha, e Ravenna sentia seu cheiro a dois metros de distância.

— Há grupos rebeldes espalhados pelos arredores da floresta — disse ele.

Ao seu lado, um general com cabelo vermelh o intens o levantou um mapa do

reino. O Cavaleiro Negro apontou para as cercanias da Floresta Sombria. A

extensã o monstruosa de árvores era tão perigosa que ninguém entrava nela. —

Aqui e aqui. Mas eles representam pouco perigo. Empurramos as forças de duque

Hammond para as montanhas, mas a fortaleza dele, em Carmathan, se mantém

firme.

Ravenna mantinha a cabeça ereta, com uma alta coroa cravada sobre as

tranças loiras retorcidas. Pegou a tigela que estava sobre a mesa ao seu lado. Cinco

pássaros mortos estavam virados de costas, com a barriga aberta do bico à cauda.

Mergulhou os dedos em um deles e arrancou o coração. Então, comeu o pequeno

órgão, que não era maior do que uma ervilha, e deixou que o sangue doce

gotejasse para o fundo de sua garganta.

— Cerque- a — saboreando a carne tenra.

Outro general deu um passo à frente. Ele era mais baixo que os outros, com

uma barba grossa que pendia dez centímetros abaixo do queixo.

— As montanhas e a floresta fornecem proteção impenetrável, minha rainha — disse ele, torcendo as mãos e esperando sua reação.

Ravenna se levantou, deixando que o decote do manto revelasse toda a sua

figura em um vestido de ouro branco derretido. Ele brilhava quando ela se movia.

Parecia que ela tinha dez anos a menos que sua real idade. Não havia uma linha

de expressão em seu rosto. Na verdade, ela estava ainda mais jovem

do que

quando o rei a encontrara, como se a cada ano ficasse mais bonita. O tempo nunca

iria tocá-la. Cambaleou para frente, levantando o dedo na cara do general.

— Então, o atraia para fora ! Queime todas as aldeias que o apoiarem.

Envenene seus poços. Se eles ainda resistirem, coloquem as cabeças em estacas

para decorar as ruas.

O Cavaleiro Negro se colocou na frente do general, como se tentasse escudá-lo.

— Minha rainha — disse, curvando-se ligeiramente —, eles trouxeram a luta

até nós. Rebeldes atormentam nossas linhas de abastecimento. Anões roubam

nossas carroças de pagamento.

Ravenna não aguentava mais. Desculpas, eram sempre desculpas com esses

homens. Agarrou a lança da mão do Cavaleiro Negro e lhe bateu com força nas

coxas.

— Anões? — ela sorriu, satisfeita com o som da madeira batendo no metal.

— Eles são meio-homens!

O Cavaleiro Negro balançou a cabeça . Tirou seu capacete de metal e

arrumou para trás, com os dedos, os cabelos gordurosos.

— Eles já foram nobres guerreiros, minha rainha . Capturamos rebeldes.

Devemos passá-los à espada? — perguntou.

Ravenna sorriu . Alcançou a tigela com as aves e arrancou outro coração.

Mastigou-o, desfrutando da elasticidade suave da carne.

— Não — disse ela. — Gostaria de interrogá-los eu mesma. Traga- os aqui.

O Cavaleiro Negro sinalizou para um soldado na parte de trás da sala do

trono . Ele desapareceu pelas portas de madeira maciça. Ravenna andava

rapidamente na frente deles, sentindo sua respiração acelerar. Não havia chegado

tão longe para deixar seu reino cair pelos rebeldes. Iria caçá-los em qualquer lugar.

Não pararia até que estivessem todos mortos, suas aldeias queimadas e arruinadas,

e seus filhos prisioneiros do regime. Levaria tempo , mas ela o faria . Precisava

apenas manter sua força elevada. Seus poderes tinham que permanecer fortes.

Olhou pela janela para a muralha do castelo abaixo. Camponeses cercavam

os montes de lixo, procurando alimento em meio a carcaças de suínos

em

decomposição e tomat e s mofados. Uma mulher com um bebê agarrado nela

estava gritando. Ela derrubou um menino no chão para pegar um osso de galinha

dele. Ravenna os assistia, sacudindo suas saias metálicas cintilantes para frente e

para trás. Ela e Finn já foram pobres como eles, ciganos vivendo em uma carroça.

E onde estava o rei naquela época? Ele havia queimado sua aldeia. Havia até

mesmo matado as mulheres, acreditando que eram traidoras. Não era ela uma

líder mais benevolente do que ele?

O soldado voltou, arrastando dois homens, O mais velho tinha cabelos

grisalhos e rugas profundas ao redor de sua boca.

Um de seus olhos estava inchado. Havia um corte em seu braço que ainda

sangrava. O outro tinha a metade da sua idade, um homem jovem e bonito, com

ombros largos e músculos fortes que eram visíveis através de sua camisa rasgada.

Ele parecia intocado.

Ravenna avançou. Ambos os homens a fitavam desafiadoramente, seus

olhos brilhantes de raiva. O mais velho tentava escapar do guarda.

— Sob seu governo, perdemos tudo — disse ele, sem tirar os olhos de

Ravenna. — Nós não vamos parar até que esse reino se liberte de você.

— Nem tudo Ravenna disse, considerando o jovem bonito, corretamente

postado ao lado dele. — Não é este seu filho ? Como você se atreve a ser tão

ingrato com sua rainha? — Ela agarrou o rosto do rapaz, olhando em seus olhos

cinza. Nenhum dos dois falou.

Por um momento, o rapaz a deixou acariciar sua bochecha.

Então, em um movimento rápido, ele empurrou o guarda, o desequilibrou,

pegou sua adaga e a dirigiu para o peito de Ravenna.

A sala ficou em completo silêncio. Todo o mundo olhava para a adaga.

Ravenna quase riu. Ela não podia sentir nada. O poder que sua mãe lhe dera era

tão forte que mesmo a mais afiada das espadas não a mataria. Ela puxou a adaga

de seu peito e o buraco se fechou instantaneamente. Não havia sangue. Não havia

nem mesmo marca. A pele estava completamente lisa no lugar em que a lâmina

havia entrado. O rapaz a olhava com horror.

— Você mataria sua rainha? — Ravenna perguntou, estreitando seus olhos

azuis. Não podia se conter. Sentia a raiva crescendo dentro dela, a fúria. Esta se

misturou com seu sangue, pulsando em suas veias, fazendo-a se sentir mais forte

do que nunca. — Você tem beleza e coragem, mas quão forte é seu coração? —

sussurrou em seu ouvido.

Colocou a mão sobre o peito dele. O rosto do rapaz estava tenso. Ele tentou

se afastar, mas a magia dela o paralisou. Ela podia ouvir seu coração batendo, cada

batida ecoando em seus ouvidos, crescendo mais e mais a cada segundo que

passava. Em algum lugar próximo a ela, o pai do rapaz implorava por

misericórdia. Ela não ouvia suas palavras. Em vez disso, deixou a magia

consumi-la, arrastando-a em sua corrente furiosa. Recostou-se, derramando sua

força em seus dedos conforme as batidas do coração do rapaz se aceleravam.

“Mais rápido” pensou, e o

coração dele bombeou mais rápido. “Mais rápido” repetiu para si mesma, e as

batidas se aceleraram ainda mais, uma se misturando com a próxima, até que o

som ficasse tão alto que mal podia suportar.

O rapaz estava em delírio. Seus olhos estavam esbugalhados e vermelhos.

Ela expirou e usou toda a sua força para fechar o punho. Podia sentir o coração

dele em sua mão, como se estivesse dentro do peito do rapaz.

Continuou fechando

os dedos, mais e mais, até que a mão fechava completamente. Ele fazia uma careta

de dor toda vez que ela fazia isso.

O martelar da pulsação do rapaz tomava conta dos ouvidos dele, até que seu

coração estourou. E ele caiu no chão, morto. O pai se ajoelhou sobre ele, batendo

em seu peito para tentar reanimá-lo. Finn levantou sua espada para atacar o velho,

mas Ravenna o deteve.

— Não, deixe que ele volte ao duque e fale da generosidade de sua rainha —

ela quase riu quando disse isso. Então, saiu da sala do trono, com Finn logo atrás

dela.

Ravenna mal podia andar. Finn ficou ao lado dela e a ajudou a cada passo.

Ela sentia como se todo o ar tivesse sido retirado de seus pulmões.

Suas pernas estavam fracas, seus ombros curvados para frente. Tocou a pele de seu

rosto, que estava repleta de linhas finas.

Não se falaram até que chegaram aos aposentos dela. Ela desabou em sua

poltrona, a respiração desacelerando. Finn a observava.

— A magia cobra um preço alto — disse finalmente.

Ravenna olhou para suas mãos. Havia pontos marrons escuros no dorso

delas. A pele estava fina como papel.

— E a despesa aumenta — reconheceu. Mesmo aquelas poucas palavras

drenaram o resto de sua energia.

Agora sabia disso. Toda vez que usava seus poderes, ela envelhecia.

Essa era sua batalha, dia após dia. Mas ela tinha de ser a Rainha todopoderosa.

Tinha de ser temida e respeitada em todo o reino, sem que ninguém soubesse com

que rapidez sua mágica diminuía. Havia apenas uma coisa que a poderia restaurar

agora.

— Vá — disse ela, seus olhos encontrando os de seu irmão. — Me traga uma.

Agora.



na

parede para se manter em pé. Ela não ousava se olhar no espelho. Não queria ver

o que seu rosto se tornara. Havia linhas profundas nos cantos da boca e dos olhos,

podia senti-los. A pele do pescoço pendia flácida, cedendo sobre sua gargantilha

de diamantes.

— Tenho algo para o que a aflige — disse Finn. Ravenna olhou para a garota

diante dela. — O que é mais belo do que uma rosa? — Finn perguntou.

Rose lutou para se libertar de Finn. Sua pele era de uma bonita cor de creme. Tinha grandes olhos azuis e cabelos louros. Ravenna sorriu, amando tudo

nela. Ela era tão jovem, não tinha nem 17 anos. Era tão... *Perfeita*.

— O que você vai fazer comigo? — a garota perguntou. Ela se contorceu,

tentando novamente se libertar.

Ravenna caminhou em sua direção, seus passos ecoando na imensa sala de

pedra. Precisava daquilo mais do que tudo. Não apenas para restaurar sua

juventude e sua energia, mas também para restaurar sua capacidade de liderar o

reino. “Sim” pensou enquanto levava a mão ao pescoço da garota. “ As pessoas

precisam de sua rainha.”

Fechou os dedos em torno da garganta da jovem. Rose abriu a boca para

gritar, mas não saiu nenhum som. Ravenna podia sentir a essência da juventude

da garota se derramando, um poço de energia esperando para ser desfrutado. A

rainha se inclinou para trás, deixando a energia fluir da boca de Rose para a dela,

enchendo-a de energia e juventude dos dedos dos pés até o alto da cabeça. Sentiu

sua pele se esticar. A mão que segurava a garganta de Rose parecia mais jovem

agora, as manchas de idade haviam sumido. Seus ombros não estavam mais

curvados. Ravenna ficou ereta, sentindo o poder pulsar. Viveria para sempre dessa

maneira, manteria a beleza da juventude.

Quando tudo acabou, Ravenna soltou sua presa. Rose caiu de joelhos. Suas

mãos agora estavam retorcidas. Seu rosto estava murcho e enrugado, o cabelo

cresto e cinza. Debruçou-se no chão, as costas curvadas. Parecia ter quase 80 anos.

Todos os traços da bela jovem que ela fora haviam ido embora.

Ravenna fitou seu irmão exultante. Até ele estava mais jovem, rejuvenescido

pelo novo poder da irmã, O feitiço que sua mãe usou para conectá-los era mais

perceptível agora: Finn estava com uma pele radiante e seus olhos

brilhavam com

uma nova luz. Ele estava ainda mais forte do que antes. Seus músculos eram

perceptíveis até sob a camisa de linho.

Ela não sentiu pena da garota. Sentiu apenas o poder, a doce embriaguez

que vinha toda vez que ela tomava a juventude de alguém. Não havia nada que

pudesse detê-la. Era mais esperta do que os homens mais inteligentes do reino,

mais forte do que os mais ferozes guerreiros e mais bela do que todas as donzelas

que vieram antes dela.

Entrou na sala do espelho, queria apenas ver seu reflexo. O homem-espelho

poderia confirmar o que ela já sabia ser verdade. Desejava ouvir sua voz

novamente, a fim de ser confortada por sua magia.

— Espelho, espelho meu — começou —, quem é a mais bela de todas? —

olhou para a superfície brilhante. Seu pulso acelerou quando o espelho se derreteu

aos seus pés e se transformou na estátua de bronze. Seu próprio rosto a olhava de

volta no semblante liso e sem detalhes de seu reflexo.

— Minha rainha — o espelho disse —, você desafiou a natureza e lhe

roubou seu mais belo fruto. Mas, hoje, há alguém mais bela do que

você. Ela é a

razão do seu poder declinar.

Quem poderia ser mais bela do que ela? Ravenna não havia consumido a

juventude das meninas mais radiantes no reino? Para que tudo aquilo? Ela fechou

os punhos. Não havia ninguém mais bonita do que ela, ninguém mais poderosa ou

jovial. O espelho estava errado, tinha de estar. Agitou-se, com raiva. A grandeza

que sentiu depois de conquistar Rose havia desaparecido rápida e completamente.

— Quem é?! Me dê o nome dela! — sibilou entre dentes. Seu reflexo a fitou.

— Branca de Neve — disse o espelho.

— Branca de Neve? — Ravenna repetiu e engoliu em seco. — Eu deveria

tê-la matado quando era uma criança. Ela é a causa da minha ruína?

O espelho trouxe os dedos ao queixo e o acariciou como se estivesse pensando.

— Entretanto, ela também é o seu tesouro, minha rainha. Foi sábio tê-la

mantido por perto, pois a inocência e a pureza que podem destruir também

podem curar. Tenha o coração dela em suas mãos e você nunca mais precisará

consumir juventude. Você nunca mais enfraquecerá ou envelhecerá.
Imortalidade

sem preço...

Ravenna olhou para suas mãos, tentando imaginar como seria nunca
mais

vê-las novamente como as havia visto há apenas alguns minutos:
enrugadas e

cobertas de manchas de idade. Como seria nunca mais ter respirações
curtas,

nunca mais sentir o peso da idade sobre ela?

Como seria viver eternamente?

Solt o u uma risada baixa, o som de sua risada a estimulou e ela caiu
na

gargalhada, chorando de tanto rir. Branca de Neve, é claro! Apenas
Branca de

Neve poderia lhe dar esse presente. Havia uma razão em tê-la salvo,
ela sempre

soube. Havia uma razão em estarem conectadas. E, agora, essa razão
lhe havia sido

revelada...

— Finn — gritou ela, o riso a consumindo. — Traga Branca de Neve
aqui!

Ela continuou rindo, a leveza da ideia a confortava. Fechou os olhos e
as

lágrimas escorreram por seu rosto. Poderia viver eternamente. Só
tinha de matar

Branca de Neve e tomar seu coração. Tudo era tão simples, tão óbvio.
Como não

havia percebido antes?

Quando finalmente abriu os olhos, estava sozinha na sala. O espelho
era

como qualquer outro espelho, seu reflexo revelava a sala vazia, O
homem-espelho

se fora , mas suas palavras ainda ecoavam em seus ouvidos:
“Imortalidade sem

preço.”



4

Branca de Neve pressionou o rosto contra as barras. Uma hora tinha
passado

desde que levaram Rose. Ela viu quando Finn subiu com um soldado e
puxou a

moça de sua cela. Rose tinha gritado e chutado, mas o soldado
segurou suas

pernas. Eles a levaram para baixo, ignorando Branca de Neve e , que
também

implorava para que parassem.

Ela queria que a jovem estivesse bem. Queria acreditar que tudo era um

mal-entendido e que a garota seria liberta sem ser machucada. Mas a preocupação

a consumia . Conhecia Ravenna muito bem. E o que quer que Rose tivesse feito

(Ela havia feito alguma coisa?), Branca de Neve não conseguia afastar a sensação

de que a conversa de hoje tinha sido sua última.

Ela esfregava as mãos e andava de um lado para o outro da cela. Não conseguia entender o que estava acontecendo . Duque Hammond estava vivo.

William lutava em nome de seu pai. A lembrança deles lhe trouxe esperança. A

cela parecia muito menor agora. Não suportava mais o cheiro de mofo ou as

baratas correndo por lá à noite. Não aceitava não poder aproveitar o sol. O que

estava adormecido dentro dela começava a se agitar novamente, depois de tantos

anos. Precisava sair de lá, ir para longe daquela prisão úmida e encontrar duque

Hammond. Precisava de sua família novamente.

Tão logo o pensamento cruzou sua mente, ouviu um som sibilante. Virou e

viu dois pássaros empoleirados no parapeito do castelo. Lembrou-se das aves

distintivas da sua infância. Suas penas pretas elegantes as faziam se destacar no

céu cinza-claro. Suas caudas tinham mais do que a metade do comprimento de

seus corpos e as penas das asas eram de um azul deslumbrante. Ficaram ali, as

cabeças inclinadas em sua direção, como se as houvesse chamado até ela por

alguma estranha magia.

Foi até a janela e as observou. Elas bateram as asas uma vez, as penas azuis

capturando a luz.

— Vocês querem me dizer alguma coisa? — murmurou, questionando-se se

estava imaginando aquilo. — O que vocês estão fazendo aqui? — as aves saltaram

para o telhado. As telhas de madeira estavam podres em alguns lugares. Ela levou

um tempo para perceber o prego do telhado posicionado diretamente entre os

dois pássaros. Ele estava ao seu alcance, com boa parte para fora.

Branca de Neve enfiou o braço entre as grades de metal e agarrou o prego.

Ele tinha três centímetros de comprimento e a metade inferior ainda estava

alojada na madeira. Ela o moveu para frente, depois para trás, repetindo o

movimento até que o soltou. Os pássaros pousaram no telhado ao lado dele,

observando enquanto ela trabalhava no pedaço de metal enferrujado. Quase o

havia arrancado quando ouviu passos pelo corredor de pedra.

Ouviu o choro abafado de Rose e depois a abertura da porta da cela dela. Ela

ainda estava viva. A percepção a motivou.

As aves sentiram o perigo e voaram para longe, pousando em uma árvore

próxima.

— Vamos — Branca de Neve murmurou para si mesma. Puxou o prego com

força uma vez, depois outra. Finn fechou a porta da outra cela com violência. Ela

ouviu seus passos se aproximando da sua cela. Puxou com força uma última vez, o

prego saiu e ela caiu no chão. Deitou-se em sua cama e se cobriu com o cobertor.

Ainda apertava o prego enferrujado em sua mão.

Branca de Neve fingiu dormir. Podia ouvir Finn do lado de fora da cela.

Seus sapatos estalavam contra o chão de pedra enquanto andava rapidamente

para frente e para trás em frente à porta. Ela finalmente abriu os olhos, como se

tivesse acabado de acordar.

— Acordei você? — perguntou ele. Depois virou a chave na fechadura e

entrou.

Branca de Neve assentiu. Segurou o prego ainda mais apertado, perguntando-se o que ele queria com ela.

— Você nunca entrou antes — afirmou suavemente. Posicionou o prego

entre dois dedos, deixando a ponta enferrujada para fora.

Finn inclinou a cabeça, estudando-a. Ele parecia encantado. Ela ofereceu-lhe

um sorriso, tentando atraí-lo para mais perto com os olhos.

— Minha rainha não vai permitir isso — disse ele. — Ela quer você só para

ela.

— Eu tenho medo dela — Branca de Neve arriscou. Estudou o rosto dele. Ele

não mudara nada desde a noite do casamento de seu pai. Sua pele clara não tinha

envelhecido em nada. Seu nariz era empinado na ponta e seu cabelo louro estava

perfeitamente cortado, penteado para baixo na frente para cobrir sua testa ampla.

Ele andou em direção a Branca de Neve e se sentou à beira da cama. Ela

contou cada uma de suas respirações, tentando manter a calma. Endireitou-se e se

sentou ao lado dele. Seu punho ainda estava fechado, com o prego entre os dedos.

— Está tudo bem, princesa — Finn a acalmou. Estendeu a mão e tocou no

braço dela. — Você nunca mais ficará trancada em uma cela.

Estava vestindo a mesma roupa de couro preta que sempre usava, o colarinho se estendendo para cima para esconder o pescoço. Estava tão perto dele

agora que podia ver seu reflexo na roupa brilhante. Branca de Neve apertou o

prego enferrujado.

— O que ela quer de mim? — perguntou, levantando os olhos para ele. Finn

afastou o cabelo do rosto dela, os dedos grossos parando sobre a bochecha. Ela se

esforçou muito para não se encolher ao toque dele.

Então, ele pegou algo em sua cintura.

— Seu coração batendo — disse ele, agarrando firmemente sua adaga e a

apontando para o peito de Branca de Neve.

Branca de Neve olhou para a lâmina e depois para os olhos insensíveis dele.

Ergueu o punho. Sem hesitar, o golpeou no rosto. Segurava o prego firmemente,

querendo machucá-lo tanto quanto fosse possível.

Rasgou sua bochecha e o canto do seu olho esquerdo até o nariz. O sangue

escorria do rosto de Finn, derramando-se sobre seus dedos e sobre o cobertor de lã.

— O que você fez? — Finn se defendeu. Tentou ficar em pé, mas Branca de

Neve o chutou com força nas costelas. Pegou as chaves do cinto dele e correu para

a porta, o coração batendo forte no peito.

Bateu a porta de metal atrás dela para travá-la. Então, correu para a cela de

Rose. Branca de Neve se atrapalhou com as chaves, tentando a primeira no aro.

Não funcionou. Tentou a próxima, então a próxima, mas as chaves não serviam,

nenhuma delas. Correu os dedos sobre as chaves restantes, sua garganta

começando a secar. Havia cerca de quarenta ao todo.

— Guardas! — Finn gritou para o corredor. - seu rosto ensanguentado era

visível além das grades.

Branca de Neve examinou o interior da cela de Rose, horrorizada com o que

viu. Encurvada sobre si mesma no fundo da cela estava uma mulher velha com o

rosto enrugado pela idade. Cabelos crespos e grisalhos caíam por suas costas. Ela

usava o mesmo vestido que Rose estava usando o mais cedo e tinha os mesmos

grandes olhos azuis, mas estava irreconhecível.

— Vá — a velha insistiu. Ela foi até a porta e agarrou a mão de Branca de

Neve. — Vá, por favor. Se não, você nunca conseguirá fugir daqui.

Branca de Neve apertou as mãos da mulher uma última vez e deu as chaves

para ela. Então, foi em direção às escadas estreitas, que desciam em espiral até o

castelo principal. Circulou por elas, descendo dois degraus de cada vez, ficando

mais zozna a cada lance. Ela ouvia os gritos de Finn, mesmo estando no s últimos

degraus, e quase desabou no chão.

O terceiro andar do castelo estava quieto. Reconheceu-o imediatamente. Era

a mesma ala em que o duque Hammond e William haviam vivido. As janelas

estavam cobertas com pesadas cortinas cor de vinho e um guarda-roupa de

madeira ornamentado estava encostado contra a parede mais distante. Conhecia

cada uma dessas salas tanto quanto o seu quarto. Começou a avançar em direção à

outra extremidade do castelo, mas, exatamente naquele momento, dois guardas

subiram correndo as escadas. Suas armas estavam à mão. Podia ver em seus olhos

que já sabiam que ela havia fugido.

— Pegue-a! — um deles gritou enquanto corriam em sua direção.

Correu de volta para a escada, trancando a porta atrás dela . Não se

preocupou em olhar para trás. Eles golpeavam a porta e a madeira rangia a cada

golpe violento. Tinha de chegar ao pátio. Poderia levantar o portão e escapar,

assim como o duque Hammond e William fizeram anos antes.

— Só preciso fazer isso — disse a si mesma.

Quando chegou ao final da escada, passou pela porta e ganhou o ar livre. A

luz era tão brilhante que queimava seus olhos. Protegeu seu rosto do sol. Havia

tantos anos que estivera do lado de fora que era bom demais para

acreditar. Até o vento era estranho quando batia em sua pele.

Antes que pudesse entender tudo o que estava acontecendo, ouviu o som de

passos atrás dela. Os guardas estavam saindo da sala do trono e entrando no pátio.

Havia dez deles pelo menos. Todos usavam a mesma armadura negra. Olhou para

a ala leste do castelo, onde ficava o portão levadiço, mas dois homens a cavalo já

estavam galopando em sua direção, vindos de seus postos normais no portão. Não

havia para onde ir.

Branca de Neve congelou no lugar, incerta sobre que atitude tomar. Quando

apertou a mão sobre seu coração, ouviu um pequeno assobio. As duas aves que

tinha visto do lado de fora de sua janela estavam no pátio, circulando a poucos

metros acima dela. Esfregou os olhos, para ter certeza de que não as estava

imaginando. Elas pareciam tão vivas. A luz do Sol incidia sobre suas asas azuis,

fazendo-as cintilar.

Elas dispararam em direção ao lado oeste do pátio. Os arbustos de flores

estavam murchos e marrons. “Assim como o prego sussurrou para si mesma. Ela

as seguiu, sabendo que havia algo que queriam lhe mostrar.

Atrás dela, os guardas se aproximavam. Os dois a cavalo estavam quase a

agarrando. Ela ouvia o barulho alto dos cascos na pedra.

— Pegue-a! Ela está encurralada! — alguém gritou da sala do trono para os

soldados.

Branca de Neve continuou seguindo as duas aves. Elas estavam se aproximando do muro de pedra maciça. Branca de Neve olhou para baixo,

percebendo finalmente o que estavam lhe mostrando. Lá, debaixo dos arbustos

murchos, estava a saída dos esgotos do castelo. Era um buraco de cerca de 60

centímetros de diâmetro, largo o suficiente para ela escorregar.

Ao mesmo tempo em que as aves voaram para longe, deixou-se cair,

deslizando seus quadris pelo chão de pedra. Então, entrou no sistema de esgoto.

Pendurou-se por um momento, seus dedos seguravam a borda do dreno, antes de

deixar-se ir. Quase não podia respirar enquanto mergulhava na escuridão abaixo.

Foi imediatamente e arrastada pela corrente da água. Muito acima dela, um

guarda se abaixou para o interior do dreno, tentando segui-la, mas o dreno era

muito pequeno. Seus quadris ficaram presos. Suas pernas pairavam no ar,

chutando freneticamente.

— Abram os portões! A princesa escapou! — um guarda gritou, sua voz

ecoando pelo túnel enquanto ela flutuava para longe.

Enquanto deslizava no esgoto, Branca de Neve colocou a mão na parede,

que estava revestida de algas viscosas. As pedras eram muito lisas e o lodo espesso

se alojou sob suas unhas, deixando-as verdes.

Depois de tantos anos trancada na torre, suas pernas não tinham força para

mantê-la boiando. Ela batia as pernas o mais forte que conseguia, lutando contra

a corrente, e mantinha os braços em movimento. Porém, conforme o túnel do

esgoto se estreitou, a água a puxou para baixo.

Ela desapareceu sob o lodo espumante e seu mundo ficou às escuras.



5

Água a sugou para dentro de um tubo longo e estreito. Ela sentia as paredes

se fechando sobre si, seus ombros raspavam nelas. Encolheu-se o quanto foi

possível, cruzando os braços sobre o peito e cruzando as pernas. Não se atreveu a

lutar, pois estava com muito medo de ficar presa.

Algum tempo depois, saiu em águas abertas, tendo seu corpo finalmente

livre. Seus pulmões estavam latejantes. Queria desesperadamente tomar fôlego.

Olhou para a superfície da água, que estava cerca de seis metros acima dela. Algas

flutuavam na superfície, gerando sombras em seu rosto. Chutou com força em

direção ao Sol, mas, quando chegou às algas, viu que a camada era muito espessa.

Elas se emaranharam em torno de seus braços e pernas e a arrastaram para baixo.

“Isso não pode estar acontecendo”, pensou. A realidade da situação a desfalecia por dentro. Chutava a água freneticamente, tentando se libertar, mas um pedaço de alga ainda estava enrolado em sua perna. Ela estava muito fraca. Seus pulmões doíam. Continuou sacudindo os braços até que a superfície da água estava a centímetros dela . Com alguns pontapés desesperados, finalmente se

libertou e rompeu a barreira, emergindo para o ar livre.

Arfou para respirar. Podia ouvir o som distante de cascos na pedra. Os soldados estavam atrás dela. Olhou para a praia, a apenas 30 metros de distância.

O castelo era aninhado na encosta. O penhasco ao lado dele estava coberto de

árvores e arbustos. Nadou para a terra, grata quando as ondas a impulsionaram

para a praia. Ela não tinha muito tempo.

A praia era coberta de grandes pedras cinzentas. Estavam dispostas em

fileiras, criando um labirinto enorme , que se estendia pelo comprimento da

areia. Branca de Neve se aproximou da primeira entrada de pedra. Aquilo era

mais alto do que ela, as paredes cobertas por cracas e algas ressecadas. Seguiu em

frente, serpenteando pelo labirinto, mas, quando a passagem de pedra se bifurcou

em duas, não sabia por qual caminho seguir. Sua memória de infância

era menos

distinta quando pensava no labirinto. William tinha sido o único a encontrar a

saída.

Seu vestido estava encharcado e ela tremia de tanto frio . Ouvia o som de

cascos nas pedras. O exército estava se aproximando. Finn certamente já havia

alertado Ravenna. Se ele não a encontrasse, a magia de Raven n a certamente o

faria. Ela teria seu coração.

Branca de Neve escolheu o caminho da direita. Suas mãos tremiam. Estava

prestes a contornar uma esquina quando o som de um assobio suave chamou sua

atenção.

As duas aves haviam voltado. Estavam apoiadas no muro de pedra à esquerda. Cobriu a boca, as lágrimas se acumulando em seus olhos. Elas voaram

na direção oposta. Branca de Neve as seguiu até a praia, serpenteando para dentro

e para fora entre as pedras enormes, até que o caminho desembocou na areia.

Poucos metros à sua frente havia uma linda égua branca, que estava parada na

praia de uma maneira que nunca tinha visto um cavalo fazer antes, como se

estivesse apenas esperando que ela a montasse. O som dos cascos se

aproximava.

— Ali! — uma voz de homem gritou. Olhou para o penhasco acima.
Os dois

primeiros soldados a cavalo surgiram das árvores. Um lhe apontou um
punhal de

prata. Ela não hesitou. Correu para a égua, saltando sobre o dorso do
animal. A

égua se levantou e ela partiu pela praia rochosa.

Galopou pela costa, as ondas quebrando ao seu lado. Branca de Neve
olhava

para trás, seu cabelo era uma bagunça preta. O ar salgado que vinha
do oceano

fazia seus olhos arderem. O exército de Finn desceu o penhasco
rapidamente e

estava muito próximo delas.

Finalmente, as aves viraram à direita, de volta para o continente. A
égua as

seguiu rumo à floresta densa, e o exército perseguia Branca de Neve
por entre as

árvores.

Ela reconheceu a terra de sua infância. Eles estavam do lado de fora
de uma

das aldeias. Ela havia sentado junto aos seus pais em desfiles,
passando pelas

cidades pequenas em sua carruagem aberta, acenando para as crianças
da aldeia.

To do s no assentamento esperavam pela família real. Eles colocavam
suas

melhore s roupas e espalhavam pétalas de flores sobre a estrada de terra. Mas,

conforme se aproximava da aldeia, Branca de Neve mal a reconhecia. A maioria

das casas eram pilhas de escombros queimados. Outras estavam fechadas com

tábuas. O velho poço no centro da aldeia estava selado.

A égua manteve o ritmo. No final do caminho de terra, algumas crianças

surgiram de uma casa de palha. Havia buracos enormes no telhado. Branca de

Neve deu um tapa no corpo da égua, mas o animal se recusou a parar. Conforme

as crianças se aproximavam, ela viu o porquê. Havia pânico nos olhos delas.

Estavam todas muito magras, pareciam esqueletos ambulantes, O nariz de uma

delas sangrava. Outra era tão frágil que mal conseguia ficar de pé. Moviam-se

lentamente, fitando o cavalo com uma estranha curiosidade.

Branca de Neve partiu para a floresta, mas, conforme a égua continuava no

caminho, menos árvores lhes davam cobertura. Ela estava exposta, correndo por

um campo estéril. Troncos em decomposição tomavam conta de uma clareira que

antes era exuberante e arborizada. A grama estava chamuscada. Em todos os

lugares havia morte e destruição. O reino era uma mera sombra de seu tempo de

abundância.

Branca de Neve e mantinha os olhos nas duas aves quando elas passaram

sobre uma colina. Além da ladeira íngreme, havia uma parede de árvores antigas.

Seus troncos tinham mais de dois metros de diâmetro. Branca de Neve engoliu em

seco. Ela tinha ouvido falar da Floresta Sombria quando criança. Sua mãe

costumava contar histórias da magia contida na floresta: plantas que se enrolavam

em torno das pernas, criaturas estranhas que assombravam a vegetação rasteira e

areia movediça que poderia engolir uma pessoa inteira. Ninguém que entrou na

Floresta Sombria saiu vivo.

Branca de Neve olhou para trás. O exército de Finn estava subindo a colina.

Dentro de minutos, estariam em cima dela. Encorajou a égua a ir adiante. A égua

hesitou. A floresta estava envolvida por um denso nevoeiro, que se esparramava

por entre os troncos. Ela não conseguia enxergar um dedo à sua frente.

— Vamos — Branca de Neve sussurrou, esfregando o pescoço da égua.

Começou a entrar na floresta, a névoa a cercando. As aves haviam desaparecido no nevoeiro espesso. Olhou para os ramos da árvore. Aves estranhas

se expunham acima, seus gritos guturais causavam arrepios em suas costas. A

égua se moveu lentamente para dentro da floresta, poucos passos por vez. Branca

de Nev e respirou profundamente, suas mãos tremendo. O som dos homens de

Fin n desapareceu no ambiente. Ela só conseguia ouvir a Floresta Sombria e seus

ruídos terríveis. A égua deu um passo à frente, depois outro e depois o chão cedeu

sob seus pés. Ela recuou, derrubando Branca de Neve, que bateu no chão duro e

arfou para conseguir trazer o ar para seus pulmões. Quando olhou para cima, a

égua branca havia desaparecido em meio à névoa.

Fic o u ali por um momento, tentando recuperar o fôlego. O chão estava

molhado. O musgo espesso se movia furtivamente entre seus dedos, como se

estivesse tentando engoli-los. Podia ouvir os passos macios de homens por perto,

conforme caminhavam pela floresta.

Levantou-se e começou a se afastar deles, incapaz de ver até mesmo o chão

sob seus pés. O nevoeiro a envolveu. Olhou para trás e viu brevemente a silhueta

de um homem. Correu mais rápido, tentando fugir do exército de Finn.

Continuava avançando, sua respiração, áspera e irregular, até que seu pé ficou

preso sob uma raiz de uma árvore gigante, lançando-a pelo ar. Ela aterrissou com

um baque em uma área de cogumelos laranja e vermelhos.

Uma nuvem de pólen se levantou ao se u redor O pegajoso pó amarelo se

depositou em cada centímetro do seu corpo. Soube, em um instante, qu e algo

estava errado. Sua cabeça estava leve. Sua visão, turva. Levantou-se, tentando

fugir, mas a Floresta Sombria parecia ainda mais estranha do que antes. As árvores

pareciam figuras encapuzadas e ameaçadoras, esperando para levá-la de volt a ao

castelo.

— Você não deveria ter saído, minha cara — sibilo u uma delas, seu ramo

serpenteando para fora para tocar sua bochecha.

Outra coxeou em sua direção, levantando suas raízes gigantes com grande

esforço.

— Vejam o que temos aqui. Uma princesa. — A árvore se debruçou em sua

direção. Branca de Nev e olhou para seu rosto escuro, a casca marcada por um

machado.

— Afaste-se de mim — murmurou. Sua boca estava cheia do pólen amarelo.

Sentia-o em sua língua. — Me deixe em paz.

Mas a floresta estava se fechando. Morcegos voavam diante dela e Branca de

Neve podia ver seus dentes; as bocas cobertas de sangue.

— Por favor, não... — gritava enquanto eles a perseguiam no denso bosque.

— Fiquem longe de mim. — Ela estava muito tonta. Seu corpo parecia amarrado

em pedras. Esforçou-se para manter os olhos abertos enquanto seguia para longe

dos homens de Finn. Mas, em questão de segundos, ela caiu e o pólen mágico a

enviou para um sonho pesado e estranho.



6

Ravenna andava de um lado para o outro da sala do espelho, afiando suas

unhas nas paredes de pedra. Suas pulseiras tilintavam. A pele ao redor das unhas

estava ensanguentada, mas ela não se importava. Só conseguia pensar em Branca

de Neve. A garota estava em algum lugar fora das muralhas do

castelo, com seu

coração ainda batendo dentro do peito. Ainda estava viva.

Ravenna havia perdido a chance. Tantos anos trancada naquela torre e agora

Branca de Neve havia escapado. A rainha se perguntava por que não havia

percebido aquilo antes. Aqueles lábios vermelhos, aquela tez clara , impecável.

Cabelos negros como a noite. Sua beleza natural sempre esteve ali, esperando para

ser consumida. Mas agora era tarde demais.

Alguém bateu na porta da sala. Finn adentrou com seu rosto em carne viva.

Ravenna se voltou para ele furiosa e giro u para atacá-lo, batendo duramente

contra seu peito.

— Você juro u me proteger! — ela gritou, cada palavra repleta de dor.
—

Você não entende o que a garota significa para nós? Esse é o meu futuro. Esse é o

meu tudo.

Ravenna mal podia respirar. Sentiu as paredes se fechando sobre ela. Estava

presa para sempre, com seus poderes vulneráveis, enquanto Branca de Neve

estava livre.

— Eu lhe disse — Finn falou em voz baixa, como se nada estivesse

errado,

coabrindo as mãos dela com as suas. — Ela foi perseguida pela Floresta Sombria.

Provavelmente já está morta.

Ravenna balançou a cabeça. A culpa era de Finn, seu próprio irmão !
Ele

havia feito isso com ela. Não havia lealdade, mesmo no interior das muralhas do

castelo. Não havia ninguém em quem pudesse confiar. Aquela garota, tão jovem,

tão frágil, tinha escapado usando apenas um prego.

— Teria ele a deixado ir? Havia ele desistido muito facilmente, sabendo que

o fracasso significaria a liberdade dela? Ele havia passado tantas manhãs lá em

cima, estudando-a, observando-a dormir. “Eu sabiavenna pensou, apertando suas

mãos ainda mais fortemente. “Em algum lugar dentro dele, ele a ama”

— Ela não é boa para mim lá, perdida — resmungou. — Eu não tenho poderes na Floresta Sombria. Devo ter seu coração. — Ela bateu no peito dele mais

uma vez, satisfeito a quando ele fez uma careta de dor. Queria bater novamente,

mas ele agarrou suas mãos.

— Não tenho dado tudo para você? — perguntou ele. Seus olhos cinzentos a

fitaram, como se para lembrá-la de todas as ordens a que havia obedecido no

passado, os cidadãos que havia aprisionado e assassinado e todas as garotas que

havia trazido para o castelo para que ela as consumisse.

Ravenna puxou suas mãos.

— Eu não tenho dado tudo para você? — sussurrou, lembrando a ele do

vínculo que tinham. — Tudo? — se postou forte e poderosa na frente dele. Sem a

magia dela, a oposição já teria tomado o castelo. Ambos teriam morrido.

Ficaram assim por um momento, olhando ferozmente um para o outro, até

que ela estendeu a mão e tocou seu rosto. Correu o dedo sobre a ferida aberta. A

ferida se fechou ao seu toque, o sangue desapareceu e a pele cicatrizou com sua

magia. Quando ela tirou a mão do rosto de Finn, ele estava exatamente como era

antes. Sua pele estava firme. Não havia rugas. Não havia sequer cicatrizes. Ele

passou os dedos no lugar da ferida.

— Não vou falhar com você novamente — sussurrou, inclinando a cabeça

em reverência. — Trouxe, para você, alguém que conhece bem a Floresta Sombria.

Um homem para caçá-la, caso ela tenha sobrevivido.

Pela primeira vez naquela tarde, a pulsação acelerada de Ravenna se

abrandou. Ela olhou para Finn, que estava sorrindo, como se soubesse o tempo

todo o que lhe acontecia.

— Muito bom, ela sorriu. Um riso escuro se desenhou em seus lábios. Ela riu

de novo, com muit o mais vontade, imaginando Branca de Neve lá fora, sozinha.

Eles a resgatariam e, dentro de um dia, ela estaria de volta. — Muito bem, Finn —

disse ela, tomando o braço do irmão e se dirigindo à porta. — Me leve at é ele

agora.

Eric caminhou até a janela da sala do trono e ficou observando os corvos lá

fora. Estavam empoleirados no parapeito de pedra, curvados, olhando para a

encosta abaixo. Eram criaturas miseráveis. No dia em que Sara fora sepultada, eles

ficaram no telhado da igreja, suas cabeças inclinadas, sempre olhando para baixo.

Eram dois convidados não convidados. Durante toda a cerimônia, ficaram lá,

na escuridão encarnada, grasnando de vez em quando. Quando o padre voltara

para dentro, Eric não aguentou: atirou pedras neles e xingou-se toda vez que não

acertava.

Agora, anos depois, ele estava no castelo da rainha, camisa encharcada de

uísque. Suas calças estavam sujas; seus bolsos, vazios.

Estava tão enfurecido e triste como quando Sara, sua bela Sara, havia partido.

Bateu a mão no vidro para afugentar os corvos.

Do outro lado da sala, dois soldados levantaram suas espadas, o ameaçando.

Ele riu, com desdém. Todo o seu corpo estava dolorido da noite anterior. Sentia

uma dor forte em sua têmpora direita a toda vez que mexia a cabeça. Quando se

virava rapidamente, a sala começava a girar. Os efeitos do álcool ainda não tinham

passado.

— Então, onde ela está? - — Eric buscou atrair a atenção dos dois soldados à

porta. Sua voz ecoou pela enorme sala do trono.

Nenhum dos homens de armadura negra respondeu.

Ele estivera bebendo na taverna da aldeia. Estava mais bêbado do que havia

estado há dias, quando fora convocado a estar ali. Não tinha sido sua escolha,

realmente. Quando o jogaram sobre o dorso de um cavalo, estava embriagado

demais para resistir.

— A rainha exige sua presença — um homem disse. Era tudo de que se

lembrava. Mas Eric ainda não sabia o porquê. Estava se sentindo completamente

inútil naqueles dias. Havia vacas mais produtivas do que ele. Se a rainha precisava

da ajuda de alguém, não poderia ser da dele. Ele passou a mão pelo cabelo

gorduroso para tirá-lo do rosto.

A rainha entrou na sala e um homem jovem veio logo atrás dela. Eric dificilmente o notaria; sua visão estava totalmente fixada na beleza da mulher. Ela

era radiante. Sua pele brilhante, as bochechas rosadas, os cabelos louros trançados

para longe de seu rosto, Abriu seu manto negro para revelar um vestido solene e

seus seios destacados no alto do vestido, O tecido metálico era salpicado de dentes

d e lobos. Ela fitou-o com seus olhos azuis penetrantes. O olhar exigiu que ele

ficasse reto. E ele ficou de pronto. Ela era sua rainha. A rainha sombria. Ele nunca

a tinha visto tão de perto.

Ela caminhou em direção a ele até que ficaram bem perto. A coroa de prata

estava cravada na cabeça dela e correntes decorativas repousavam nas laterais.

Sentiu o cheiro da camisa suada dele e torceu o nariz.

— Meu irmão me diz que você é viúvo, bêbado e um dos poucos que se

aventuraram na Floresta Sombria. — Fez um gesto para o homem de jaqueta de

couro em pé atrás dela. Eric percebeu que o irmão da rainha era o mesmo homem

que o havia encontrado na taverna e o trazido até ali. — Um de meus prisioneiros

escapou para lá — continuou ela.

Eric balançou a cabeça.

— Entã o , ele est á morto... — a rainha o corrigiu , levantando um dedo

repleto de joias.

Eric cruzou os braços sobre o peito, tentando se firmar. A sala parecia estar

girando.

— Então, ela certamente está morta — corrigiu.

A rainha se inclinou para tão perto que as correntes de sua coroa escovavam

a túnica de couro dele. Seu perfume era o de rosas mortas.

— Encontre Branca de Neve e a traga para mim.

Eric balançou a cabeça. Ele havia sido caçador anos atrás, antes de Sara

morrer Havia rastreado presas por aqueles bosques e quase perdera a vida. Mesmo

com as melhores armas e os mais atualizados mapas, a maioria das pessoas nunca

penetrava mais de quatrocentos metros por entre as árvores.

— Eu fui à Floresta Sombria vezes o suficiente para saber que não vou voltar

— disse. Ele deu as costas para a rainha, mas ela apertou seu braço com mais força.

— Você será regiament e recompensado — ronronou. Eric riu . Como se

aquilo lhe importasse.

— Moedas não são boas para mim se eu repouso morto com corvos a arrancar meus olhos.

Mas a rainha não soltou seu braço. Em vez disso, apertou ainda mais, cravando as unhas em sua pele. Ela sorriu, depois se inclinou, seus lábios a alguns

centímetros dos lábios dele.

—Você fará isso por mim, caçador.

Eric olhou para a mão em seu braço. Então não era um pedido, era uma

ordem.

—E se eu recusar a ordem? — perguntou ele.

A rainha fez um sinal para os homens perto da porta. Eles baixaram suas

lanças e miraram as pontas engastadas para ele. Eric olhou para as lâminas

brilhando e não sentiu nada. Nenhum medo. Nenhuma tristeza. Ela estava

ameaçando sua vida, mas o havia abordado da maneira errada. Ela não poderia

lhe tirar algo que ele não queria mais.

—Faça-me o favor — ele zombo u , mantendo os braços diante de si e

fechando os olhos, O rosto de Sara voltou para ele. Ela estava gritando, a mancha

de sangue se espalhando em seu vestido ao redor do ponto onde o intruso a havia

esfaqueado.

— Eu imploro — acrescentou.

Quando ele abriu os olhos, a rainha ainda estava olhando para ele.

— Então você deseja se reunir com sua amada? — perguntou ela. Ele

cambaleou um passo para trás, se perguntando como ela sabia sobre Sara. Qual era

a extensão do poder da rainha? Ela havia lido seus pensamentos?

Seu peito se encheu de raiva. Ouvir aquelas palavras, “sua amada ditas pela

boca daquela bruxa, era demais. O que ela sabia sobre sua amada? Ele agarrou a

garganta da rainha. As pulseiras dela se agitaram.

— Minha mulher não é da sua conta — ele rosnou.

Os soldados correram na direção dos dois , mas a rainha ergueu a mão,

mandando-lhes dar um passo para trás. Seus olhos estavam lacrimejantes, o rosto

vermelho do ar preso dentro de seus pulmões. Manteve- s e olhando para ele,

porém com um estranho sorriso no rosto, como se estivesse gostando de brincar

com ele. Ele a soltou, querendo estar tão longe dela quanto possível. Deu um passo

para o lado, mas ela entrou na frente dele, não o deixando sair.

— Você sente falta dela? — Esfregou a garganta onde ele a havia agarrado.

— O que você daria para trazê-la de volta?

Eric não respondeu. Ele podia sentir um nó crescendo em sua garganta.

Aquelas noites em que Sara o visitava eram as mais difíceis. Ele podia ver o rosto

dela em sonho. Podia beijar a minúscula pinta no lado do pescoço dela ou

pressionar o nariz em seus cabelos, cheirando aquela mistura doce de sabão e óleo

de gardênia. Ela era tão vivida, então, mais ainda do que havia sido em vida. Ele

acordava ofegante, com o rosto inchado e molhado, desejando que ela voltasse

para ele. Enxugou os olhos, tentando evitar o olhar da rainha.

— Certamente você já ouviu falar de meus poderes — a rainha continuou.

—Traga-me a garota e trarei sua esposa de volta.

— Nada vai trazê-la de volta — Eric disse em voz alta. Havia enterrado Sara

em uma cova nos limites da cidade, deitando seu corpo na terra fria. Ele mesmo

havia feito a lápide.

A rainha levou a mão ao queixo e esperou, até que ele encontrou seu olhar.

Ela o fitava muito intensamente, com o rosto sério.

— Eu posso — sussurrou. — Acredite em mim, caçador. Uma vida por uma

vida.

Havia algo naquele olhar. Aqueles olhos azuis cinzentos olharam através

dele, como se ela pudesse ver todo o passado e o presente, todo o medo e a dor

que ele havia encontrado. As coisas que mais desejava no mundo. Sabia que,

ultimamente, desperdiçava sua vida e sua alma todas as manhãs na taverna

escura, bebendo para esquecer. Sabia que não importava o quanto tentasse, Sara

sempre voltava para ele em seus pensamentos. Ele ainda se pegava falando com

ela, cantando as canções que ela cantava. Tinha vislumbres dela no rosto de

mulheres que passavam.

Quem era essa prisioneira, essa estranha, para ele? O importava se a Floresta

Sombria fosse seu fim? Lentamente, certeza, ele encontrou os olhos da rainha e

assentiu. Aquilo seria feito. Ele iria forjar seu caminho em meio aos bosques

assombrados e recuperaria a prisioneira.

Não tinha nada a perder.



7

Eric estava na entrada da Floresta Sombria, observando as sombras à espreita entre as árvores. Havia estado lá antes, mas nunca havia ultrapassado 300

metros. Sua última visita fora depois de a rainha ter chegado ao poder. O alimento

era escasso. Ele perseguia um jovem antílope pela clareira quando o animal

disparou na neblina. Todos na aldeia sabiam que a Floresta Sombria engolia

homens inteiros. Todo mundo sabia das cobras gigantes que se enrolavam em

torno das pernas, lentamente esmagando a vida daquele e corpo, e as

flores

venenosas que podiam matar com apenas um toque . Mas seu estômago estava

vazio e era difícil resistir ao apelo de uma semana de carne.

Poucos minutos depois de entrar na névoa, foi mordido por uma aranha. Era

uma coisa gigante, vermelha e cinza, que desceu de uma das árvores. Ele só a

notara quando ela já estava sobre ele. Levou três semanas para se recuperar. A

carne apodreceu em torno da picada. Teve febre por quase uma semana e

convulsões violentas o acordavam durante a noite. Havia jurado o que nunca

voltaria.

Mas agora, depois de sofrer com seu próprio inferno, a Floresta Sombria não

parecia tão ameaçadora. Ele estava sozinho. Não tinha ninguém esperando por

ele. Tudo o que a Floresta Sombria poderia tomar dele já o tinha feito.

— Faça exatamente o que eu faço — disse a Finn, que estava atrás dele com

quatro de seus soldados a reboque. Estavam todos suando em bicas, os rostos

pálidos de medo.

Eric começou a entrar na névoa. Sua s mãos tremiam de tantas horas sem

beber. Estendeu a mão para a jarra de bebida ao seu lado, mas depois

parou,

pensando o melhor para ela. Poderia comemorar uma vez que

encontrassem a prisioneira.

Caminharam até que o solo se transformou em terras pantanosas. Entrou no

pântano, pressionando a bota em uma das pedras cobertas de musgo à frente dele.

Afundou alguns centímetros no brejo, mas a pedra era firme o suficiente para

sustentar seu peso. Pisou em outra pedra, depois em outra, ouvindo o chapinhar

suave de lama embaixo dele. O lodo trazia veneno em si. Poderia dizer isso por

causa, dos ossos de pequenos animais que emergiam das profundezas. Finn o

seguia e seus homens vinham logo depois.

Continuaram o caminho em silêncio, ganhando o pântano gigante com uma

pedra de cada vez. Eric o cruzou primeiro e ajudou os outros a ganharem o terreno

mais firme. Pássaros gigantes circulavam acima. Um deles pousou e quase acertou

a cabeça de um soldado. Eric tentava ouvir ramos estalando ou folhas crepitando

pelos bosques, mas ouvia apenas os sussurros estranhos da floresta. As pessoas

diziam que os bosques caçavam as fraquezas das pessoas e as forças da escuridão

poderiam atrair quem quer que fosse, pois conheciam seus desejos

mais

profundos. Enquanto seguia em frente, as palavras eram inaudíveis, mas ele ouvia

as vozes fracas que vinham da direção das árvores.

Finn passou por ele, entrando em um campo de cogumelos, mas

Eric agarrou seu braço:

— Exatamente como eu faço — disse. Então, puxou a camisa suada para fora

do colete de couro para cobrir o nariz e a boca.

Finn e seus homens fizeram o mesmo.

Enquanto caminhavam pelo campo de cogumelos, o pólen voava em torno

deles, com algumas partículas amarelas aderindo aos cabelos e ao rosto deles. Eric

se ajoelhou, estudando os cogumelos esmagados aos seus pés. Havia uma fileira

deles que os levava para fora do campo, para um trecho de árvores delgadas.

Moveu alguns cogumelos para o lado, o que lhe revelou uma pegada no chão.

Manteve os olhos nas árvores diante dele. Algo se moveu por trás delas.

Estava tão concentrado que não percebeu que um dos homens de Finn havia

andado para o outro lado do campo, onde uma poça se espalhava, sua

superfície

refletia o céu cinzento. Eric viu quando uma criatura sombria emergiu das

profundezas, espetando seu peito com uma cauda. Dentro de segundos, o homem

foi arrastado para baixo, suas costas desapareciam sob a superfície vítrea.

Os outros homens queriam correr de lá , mas Eric ergueu a mão para detê-los. Apontou para as finas árvores cinza. Tinha certeza de que a prisioneira

que escapara estava lá, podia ouvi-la lutando contra o emaranhado da vegetação

rasteira. Eric estava prestes a pegar seu machado quando um galho se partiu. A

figura emergiu das árvores e correu na direção oposta, penetrando ainda mais na

Floresta Sombria.

Eric a perseguiu, deixando a camisa cair de seu rosto. Moveu-se

rapidamente pela névoa espessa, tentando não apoiar seus pés em qualquer lugar

por muito tempo, com medo de que o musgo e as trepadeiras se enroscassem em

seus tornozelos. Sua presa estava distante apenas seis metros. Moveu-se em meio à

floresta densa, zigzagueando entre as árvores, até que desapareceu na neblina.

Eric reduziu a velocidade, procurando no terreno nebuloso. Avistou alguns

arbustos grossos à frente, à sua direita. Os ramos estavam quebrados

por onde ela
havia passado.

Num movimento rápido, chegou até o arbusto e segurou uma das pernas

dela com a mão. Não precisou de muita força para arrastá-la, mas ela lutava com

ele assim mesmo, contorcendo-se sob seu controle. Era muito pequena.

— Deixe-me ir! — ela gritou. Olhou para ele com seus olhos castanhos gigantes.

Ele recuou por um momento, incerto sobre o que fazer. Ela era muito mais

jovem do que ele imaginava, não tinha mais de 17 anos. Suas pernas estavam

cobertas de arranhões e hematomas. Tinha a pele mais branca que já havia visto,

com lábios muito vermelhos e cabelos pretos que caíam pelas costas. Quando

ouviu a respeito de uma prisioneira, imaginou uma bruxa manejando facas ou

algo do tipo. Definitivamente, ele não esperava por essa garota, por essa beldade.

Ele a ajudou, mantendo seu braço ao redor do braço dela. Ela lutava e acabava afundando os calcanhares na lama. Quando ele a agarrou, ela mordeu sua

mão e lhe tirou sangue.

— Basta! — Ele a puxou de volta para a clareira, tentando trazê-la para onde

Finn e seus homens os esperavam.

Mas a garota lutou, dando um duro golpe em seu pescoço.

— Ela vai me matar! — gritou e seus olhos se encheram de lágrimas.
— Eu

fui sua prisioneira por dez anos e agora ela vai me matar por razão nenhuma. Eu

não fiz nada de errado.

Observando seu cabelo cheio de nós e seu vestido esfarrapado, Eric viu que

ela estava dizendo a verdade e . Mas dez anos... “Por que a rainha precisaria

trancfiar uma garota?”: Eric balançou a cabeça, tentando não ceder aos pedidos

desesperados da garota.

— Não é da minha conta o que você fez. Mas você não é a primeira prisioneira a se clamar inocente.

As pernas da garota falharam. Ela caiu no chão.

— Por favor, você tem de acreditar em mim — disse, lutando. — O irmão dela tentou arrancar meu coração.

Ela estava tremendo. Lágrimas escorriam por seu rosto. Olhava para ele com

aqueles olhos castanhos enormes. Ele nunca havia visto alguém tão aterrorizado

em toda a sua vida.

— Eu juro! — disse ela.

Eric olhou para trás. Queria um momento para pensar. Queria um lugar

para sentar, tomar um gole de bebida e pensar sobre a situação. Mas Finn e seus

homens vinham em sua direção, as camisas finas ainda cobrindo seus rostos.

— Trabalho rápido! — Finn gritou. Puxava o colarinho para baixo e limpava

o pólen de seus olhos.

Eric o estudou. Nunca gostou da sua cara fina de doninha ou do seu nariz

empinado. A garota se levantou e se escondeu atrás dele, tentando ficar tão longe

de Finn quanto fosse possível.

— Ele... — ela sussurrou. — Foi ele quem veio até mim com uma faca.
—

Suas mãos tremiam violentamente enquanto Finn se aproximava.

— O que você pretende fazer com ela? — Eric perguntava dando um passo à

frente para retardar Finn.

O lábio superior de Finn curvou-se em desagrado.

— Com o que se importa, caçador? — Voltou-se para os três guardas

restantes, sinalizando para se moverem.

Eric segurou a garota com mais força. Sua cabeça latejava de tantas horas

sem beber. Com gotas de suor na testa, ainda queria lutar.

— Eu vou manter minha palavra quando a rainha mantiver a dela

—disse ele. Afrouxou o aperto no braço da garota, caminhando agora para trás, a

empurrando para as profundezas da floresta e para longe dos homens de Finn.

Finn limpou o suor de seus olhos. — Você é um bêbado e um idiota

— riu — Minha rainha tem muitos poderes, pode tirar a vida ou sustentá-la. Mas

não pode trazer sua esposa de volta dos mortos.

Eric estremeceu, as palavras queimando de uma maneira inimaginável.

— Mas ela me disse... — falou e percebeu que havia sido o tolo o suficiente

para permitir que um minúsculo fragmento de esperança rastejasse de volta a seu

coração.

Quando fechou os olhos, viu Sara como ele a havia encontrado naquele dia.

Ela usava seu vestido favorito, com os minúsculos lírios bordados na gola. A faca

havia entrado logo abaixo da caixa torácica, rasgando o tecido. Havia

outro corte

em seu pescoço. Os aldeões disseram que alguém viera furtar materiais: as duas

moedas de ouro que Eric tinha e as frutas e os legumes machucados escondidos

embaixo do lavatório. Sara tentou detê-los. No momento em que Eric chegara, as

mãos dela já estavam duras e frias.

O caçador, de repente, sabia o que precisava fazer.

Empurrou a garota mais para trás, tentando mantê-la longe dos homens.

Assim que ela se viu fora de alcance, correu para as árvores, não se preocupando

em olhar para trás. Eric puxou o punhal de sua cintura. Atirou-o no peito de um

guarda, bem ao lado do coração. O homem caiu para o lado, agarrando uma

árvore para se apoiar. Em seguida, Eric pegou duas machadinhas que carregava

em seu cinto. Manejou-as no ar, uma em cada mão.

Fin não seguia em frente, segura na sua espada e esperava chegar perto o

suficiente do pescoço de Eric. Os outros dois guardas correram primeiro. Eric

bateu na cabeça de um com o machado. O guarda tropeçou para trás,

momentaneamente atordoado e colocou a mão em seus cabelos louros, onde havia

uma ferida aberta. Eric golpeou o outro, mas o guarda pulou para o lado. Eric

continuou a lutar contra o homem, bloqueando cada um de seus golpes. Mas

depois, com o canto do olho, viu Finn levantando sua espada. Finn estava se

aproximando, pronto para atacar.

Eric atirou o machado no peito de Finn. Finn cambaleou para o lado. Os

outros dois guardas se afastaram, de olho no outro machado nas mãos de Eric. Por

um momento, ninguém se moveu. Todos eles observaram Finn recuperar o

equilíbrio. Como por magia, não havia sangue em torno da ferida. Seu rosto

voltava ao normal, um sorriso era o único sinal de que ele havia sido atingido.

Puxou o machado do peito e riu, sentindo a pele lisa onde aquilo havia entrado.

Sua camisa estava rasgada, mas ele estava bem.

— A rainha me deu proteção — disse ele sombriamente. — Seu toque

transferiu poder e eu não posso ser ferido. Não aqui, dentro da Floresta Sombria

— ele riu quando jogou o machado em Eric. Errou e a lâmina se alojou em um

tronco de árvore próximo.

A garganta de Eric secou. Nunca havia visto nada assim antes, um homem

que não poderia ser ferido. Se havia algo de diferente, era que Finn parecia

fortalecido pelo golpe. Finn o encarava furiosamente, as veias em seu pescoço se

tornavam visíveis conforme ele levantava a espada.

Eric tentou pará-lo, mas seu braço não se ergueu a tempo. A espada de Finn

o furou. O metal queimava à medida que rasgava sua carne. Contorceu-se e correu

para longe, esperando que ele não o tivesse entrado muito na floresta. Quando Finn

arrancou a espada, o sangue se derramou da ferida e escorreu pelas calças cinza

esfarrapadas de Eric.

Os guardas recuaram, para deixar que Finn terminasse com a vida dele. Finn

pulou, mas Eric se esquivou do golpe final, derrubando-o pelos tornozelos com o

pé direito. Finn bateu no chão duro. Ficou ali por um segundo, momentaneamente atordoado.

Eric se abaixou, agarrou Finn pelas costas e o levantou, estremecendo com a

dor que sentia no corte. Em seguida, o jogou em um trecho isolado de cogumelos,

observando uma nuvem amarela que havia se expandido acima dele. Eric cobriu o

nariz para não aspirar nada do pólen.

Os outros dois guardas levaram suas camisas até a boca. Finn tentava se

levantar, mas o pólen já havia tomado conta dele. Seus olhos estavam

vidrados.

Tropeçou, as mãos estendidas, vendo algo que os outros não podiam ver. Estava

sorrindo, a poeira amarela cobrindo suas mãos. Um amontoado daquilo estava

preso ao seu queixo.

Eric tocou sua ferida e olhou para o sangue em seus dedos. Viu que dois

guardas estavam a poucos metros de distância, de pé entre as árvores. Tinham

suas espadas desembainhadas, as lâminas de prata destinadas a sua garganta. Não

poderia lidar com os dois, não agora. Não ferido como estava.

Eric olhou para a Floresta Sombria que estava para trás. A névoa havia se

diluído. As vozes estranhas lhe sussurravam palavras que, pela primeira vez, ele

jurava que entendia. Elas estavam chamando da escuridão, insistindo para que

fosse para lá. Puxou seu machado da árvore e correu o mais rápido que conseguia

em direção ao mato denso, atrás da garota.



8

Branca de Neve disparou pela floresta. Mantinha os olhos no chão, saltando

sobre troncos caídos e serpenteando entre os cogumelos, tomando o cuidado para

não levantar o perigoso pólen. Arbustos espinhosos cortavam suas pernas. Um

galho chicoteou seu braço e fez um vergão vermelho e dolorido. Mesmo com todo

o pavor que sentia, ela continuava correndo sem olhar para trás.

Entrou em um campo de flores vermelhas. A terra tentava puxá-la para

baixo. Arrancava um pé, depois o outro, até que conseguiu cruzá-lo . Começou a

descer uma encosta que terminava em um longo riacho coberto pelo nevoeiro.

Mas eles a encontraram. Entraram na Floresta Sombria e arriscaram morrer

só para capturá-la. E haviam trazido aquele homem terrível, com suas calças

manchadas de suor e álcool. Nunca havia visto alguém tão sujo. Quem era ele? E

por que havia aceitado entrar na Floresta Sombria? Ela podia entender por que

Finn a seguira. Ravenna o controlava, lhe dizendo o que fazer, o que dizer, como

se comportar. Ele nunca teve escolha. Os guardas simplesmente faziam o que lhes

era dito. Mas o caçador, era assim que eles o chamavam, não era? Por que veio até

aqui, arriscando sua vida, se ele não precisava fazê-lo ? Ele mencionou alguma

coisa sobre sua esposa e isso era tudo do que Bran e a de Neve se lembrava, O

rostro dele ficou pálido quando Finn disse alto o nome dela. “Ela está sendo

mantida como prisioneira? Era esse o controle da rainha

sobre ele?”

Branca de Neve e continuou a descer a encosta escarpada. As trepadeiras

finas, que se agarravam nas laterais do morro, enroscavam em seus tornozelos,

prendendo-a à terra. Ela as arrancava e se aproximava do riacho. Quando quase

o havia alcançado, uma mão pesada pousou em seu ombro. Outra cobriu sua boca,

a impedindo de gritar. O caçador fedorento a puxou para si, um dedo sobre os

lábios para pedir silêncio . Quando ele não viu mais sinal de resistência, a soltou,

sua face se desmanchando em um sorriso de alívio.

Ela sentia repulsa do sujeito: ele havia tentado entregá-la para Finn!
Estava

trabalhando com os soldados de Ravenna para que pudessem arrancar seu

coração. Mas e agora? Ela sabia que ele a havia deixado fugir, que ela já poderia

estar morta se ele assim o desejasse. Por que ele mudou de ideia? E por que ainda

a seguia? A incerteza aumentava sua ira.

Então, ela girou seu punho para trás e lhe deu um soco na boca o mais forte

que conseguiu. Ele perdeu o equilíbrio, ela o empurrou e ele colocou os dedos na

boca, sentindo o sangue em seu lábio.

— Pode correr — ele ladrou quando ela seguia em direção à margem

lamacenta. — Você não conseguirá escapar, mas o aviso foi dado. Então a minha

consciência está tranquila. — Ele deu de ombros.

Esse caçador era profundamente irritante, mas ela parou e ficou olhando o

riacho mais de perto. Estava cheio de enguias. Seus corpos escuros se contorciam

sob a água. Havia tantas delas que a água estava negra. Engoliu em seco sentindo

que talvez, só talvez, ele estivesse certo. Temeu ir adiante. Ficaram quietos por um

momento até que o caçador perguntou.

— Por que a rainha quer morta?

Ela virou e notou os seus olhos cinza pela primeira vez. Ele tinha braços

musculosos e um tórax largo. Seus cabelos cor de palha desciam até os ombros.

Percebeu que ele havia sido ferido na luta. O sangue tingia sua camisa e se

espalhava pela roupa de couro.

— Você está machucado — sussurrou quando o viu pressionar a ferida. Ele

acenou, ainda esperando que ela respondesse. Branca de Neve olhou para o chão.

Ela quer todas as jovens do reino. Rouba sua juventude e beleza... Eu vi o que

acontece com elas.

— Mas você escapou — disse o caçador. — Por quanto tempo ficou presa?

Branca de Neve olhou para a Floresta Sombria, assegurando-se de que não

havia ninguém os espreitando no nevoeiro.

— Eu passei dez anos na torre norte.

— *Quem é você ?* — ele perguntou baixinho, aborrecido. Avaliou, novamente, as roupas rasgadas e o cabelo cheio de nós.

Branca de Neve tirou o suor da testa, pensando em como devia estar sua

aparência. Seu corpete de veludo estava gasto e puído em alguns

pontos; a roupa

de baixo, manchada e rasgada.

— Quem é você? — ele perguntou novamente, mais alto dessa vez.

Ela olhou ao redor. Estavam no meio da Floresta Sombria. Não tinha ideia

de qual trilha a levava de volta à aldeia ou se ela conseguiria encontrá-la. As

árvores se moveram, seus ramos pendiam de uma forma não natural, como se

estivessem tentando alcançá-la. Esse homem, esse caçador, era sua única chance.

— Eu sou a filha do rei Magnus — disse, finalmente.

O caçador balançou a cabeça. Não parecia convencido.

— A filha do rei está morta. Morreu na mesma noite em que o pai dela fora

morto.

Ela o fitou, insolente, o desafiando a questioná-la novamente. Ele apertou o queixo e o coçou.

— Não acredito... — resmungou. Foi olhar mais de perto seu cabelo

negro e a pele branca como leite, que não havia visto o Sol desde criança. Branca

de Neve ficou reta e deixou que ele analisasse os grandes olhos castanho s que ela

compartilhava com o pai e o vermelho de seus lábios.

Ele parou diante dela com a cabeça virada de lado. Gentilmente, tomou sua

mão e a levantou, girando seu braço para observar os arranhões e os hematomas

qu e maculavam sua pele . Ela segurou a respiração, com medo; não sabia como

reagir. Ele devia estar segurando a respiração também, porque expirou de repente.

Então, ele segurou o braço dela firmemente e a arrastou daquele lugar, marchando

ao lado do córrego lamacento.

— Para onde estamos indo? - ela gritou, consternada pela violência abrupta.

— Aqui não é mais seguro — disse. — Especialmente para a filha do rei. Eles

não a deixarão fugir tão facilmente. São estúpidos o bastante para nos seguir pela

floresta.

Ela não podia argumentar, mas puxou o braço e caminhou penosamente e ao

seu lado. Eles andaram por muito tempo. Branca de Neve se atentava aos passos

regulares dele conforme a luz diminuía na floresta. A escuridão entre as árvores

estava ainda mais ameaçadora. As sombras se moviam entre os arbustos ao lado

deles, mas Branca de Neve tentava ignorar isso, apesar de ouvir os

animais

selvagens respirando por entre elas.

Enquanto caminhavam, o caçador falou um pouco. Disse a ela seu nome e

que havia sido convocado pela rainha para liderar um pequeno grupo pela

Floresta Sombria, um lugar em que estivera quando rastreava animais. Quando

Branca de Neve perguntou sobre a recompensa, ele disse que a rainha havia

mentido, mas não mencionou sua esposa nem o que ela lhe havia prometido.

Queria perguntar mais sobre sua esposa, mas os olhos dele se encheram de

lágrima. Então, ele se afastou um pouco dela, para não ouvir mais perguntas.

Seguiram o riacho por mais uma hora e, depois, começaram a subir um

morro onde a floresta se abria em uma pequena clareira. O solo quase não tinha

folhas nem plantas, o que fez com que o lugar parecesse seguro para repousar.

Branca de Neve se sentou em um tronco podre. Eric se abaixou ao lado dela.

Despreendeu o cinto e tirou o colete e a camisa, expondo o ferimento. Ela se

encolheu só de olhar para aquilo. Ele andou lentamente, para pegar a garrafa de

bebida.

— Aqui — ela disse finalmente ajudar. — Deixe eu ajudar.
Desrosqueou o

cantil pesado e o segurou.

— Você pode derramar um pouco de bebida aqui? — ele perguntou.
Tocou

no corte de cinco centímetros por onde a espada havia entrado. —
Não acho que

tenha atingido algo vital. Se não, eu não teria chegado tão longe.

Branca de Neve ensopou a ferida de bebida e se encolhia conforme ele
se

contorcia de dor. Então, rasgou a bainha de seu vestido até obter um
pedaço

quadrado limpo e o pressionou contra a ferida.

— De nada — ela sussurrou quando Eric permaneceu em silêncio por
um

longo tempo.

— Ficaremos aqui esta noite — ele anunciou.

Branca de Neve limpou um espaço no chão e se sentou. Olhou para
ele, que

ainda estava segurando o pano sobre a ferida. Ele examinava as
árvores sobre os

ombros dela.

— Você não me respondeu — disse Branca de Neve.

— O quê? — Eric tirou o cabelo suado da testa.

Branca de Neve se curvou, segurando os joelhos para blindar o frio.

— Para onde estamos indo? — repetiu a pergunta. Eric se inclinou para

frente. As raízes das árvores ao redor deles brilharam com uma luz fosforescente

misteriosa, lhes dando claridade o suficiente para verem um ao outro. Pegou um

graveto do solo e desenhou uma caixa, alguns triângulos e um círculo gigante.

Apontou para a caixa.

— Aqui está o castelo da rainha — ele disse. Então, o graveto, apontando os

triângulos e o círculo ao lado dela, montanhas e a Floresta Sombria. Aqui, depois

delas, há uma aldeia.

Branca de Neve balançou a cabeça. Tomou o graveto dele, escrevendo as

palavras no solo: “DUQUE HAMMOND” Sublinhou o nome duas vezes.

— Eu preciso ir para o castelo do duque. Eric

pegou o graveto da mão dela.

— Você irá onde eu a levar.

Ela estudou as roupas do caçador, notando as botas desgastadas e as calças

com buracos. Se ele não estava fazendo aquilo por pura bondade, haveria outras

razões para fazê-lo.

— Há uma recompensa o aguardando — ela sugeriu. — Há nobres aqui, um exército.

Eric abaixou sua camisa, aparentemente ignorando a mancha de sangue seco

nela. Ele riu.

— O duque luta? Ele se esconde atrás das muralhas. Eu conheço ovelhas que

têm lutado mais que ele.

— Ele s lhe darão duzentas peças de ouro — Branca de Neve continuou,

implacável. — Nós temos um acordo?

O caçador tomou um gole gigante de sua garrafa. Secou a boca com o dorso

da mão e, então, sorriu.

— Ótimo. Eu a entregarei em segurança, madame.

Branca de Neve chegou mais perto, investigando os olhos dele. Podia sentir

o cheiro do álcool em sua respiração.

—Jure.

— Eu juro — Eric disse. — Constantemente. Essa é uma das minhas maiores

qualidades. — Sorriu afetadamente, uma covinha aparecendo em sua

bochecha.

Ela o olhou de relance e ignorou seu sarcasmo. Não havia tempo para joguinhos. Finalmente, ele assentiu e seu sorriso sumia à medida que se mostrava

sincero.

— Isso é um acordo, então — disse ela.

Ela foi até a clareira e pegou uma braçada de folhas secas. Colocou-as no

chão e foi pegar mais folhas, queria gerar alguma forma de conforto. Depois, se

deitou sobre o travesseiro provisório e jogou ainda mais folhas sobre si. Olhou

para a floresta negra acima. Pássaros gigantes cruzavam o céu. Conseguia ouvir o

som de um rosnado ao longe. Enrolou-se em seu vestido esfarrapado para tentar

se aquecer. No dia seguinte eles retomariam o caminho para o castelo de duque

Hammund. Com um pouco de sorte, chegariam à fortaleza dentro de uma

semana.

Voltou-se para Eric, que havia se deitado ao lado do tronco, com sua mão

comprimindo o pano ensanguentado.

— Você acha que... — disse ela, a preocupação voltando que a noite caía

sobre eles — ... eles nos seguirão?

Eric virou para ela, seus olhos iluminados pelo brilho das raízes das árvores.

— Eu não sei. Eles são tolos, poucos sobreviverão. — Coçou a cabeça e tomou outro gole da bebida.

— Essa

é uma boa

ou má notícia? — Branca de Neve riu

desconfortavelmente. Eric não respondeu; apenas chacoalhou a garrafa para

tentar saber quanto ainda tinha de bebida lá dentro. Ela se sentou e estudou o

rosto do caçador, se perguntando sobre aquele guia que havia arrumado. — Quão

profundo você já entrou na Floresta Sombria?

— Nós passamos por essa marca há alguns quilômetros —

murmurou.

Ela ficou olhando para os bosques, estava ouvindo barulhos estranhos, e ele

continuou bebendo aquela bebida horrorosa sem perceber nada. Tomou um gole,

depois outro e continuou bebendo até quando seus movimentos ficaram mais

lentos. Dentro de minutos, roncava feliz e deixou Branca de Neve completamente

sozinha.

Os barulhos terríveis da floresta a cercavam. Caía a galho estalando ou

pássaro gritando causava arrepios em todo o seu corpo. Fechou os olhos,

desejando que o resto do mundo sumisse, mas sentia insetos se arrastando por

suas pernas. Alguma coisa zumbia em sua orelha. Demorou um longo tempo antes

até que dormisse.



9

O caçador abria caminho em meio à densa vegetação com seus dois machados, cortando as trepadeiras e os ramos que bloqueavam a passagem.

Branca de Neve seguia alguns metros atrás dele, ouvindo vozes estranhas que

murmuravam por entre as árvores.

— O que é isso? — ela perguntou. Não conseguia entender as palavras, mas

elas continuavam a chamar por ela, implacáveis.

— Não dê atenção a elas — Eric disse e golpeou alguns espinheiros

com seu

machado. — A Floresta Sombria ganha força de suas fraquezas.

O caçador continuou. Branca de Neve voltou a segui-lo , mas o caminho se

fechou atrás dele. O espinheiro atingiu o vestido dela. Agarrou o tecido leve e o

puxou, os galhos se retorciam no linho grosso não a deixando prosseguir. Quando

olhou adiante, mal podia ver Eric. Trepadeiras se estendiam das árvores e se

enrolavam em seus pés. Os galhos das árvores se inclinaram a apenas alguns

centímetros de seu rosto.

— Caçador! — ela gritou. Ela empurrava os galhos para trás, tentando escapar, mas era inútil. A floresta a engolia.

Quanto mais lutava, mais as trepadeiras cresciam como molas espessas ao

redor dela. Folhas se espalhavam em todas as direções, bloqueando sua visão.

Estava ficando difícil respirar. Tentou levantar seu pé, mas um ramo havia

crescido sobre um de seus dedos. Forçou até que ele estalou.

— Caçador!

Então, finalmente, ouviu passos em algum lugar além do emaranhado

verde. Um machado cortou as trepadeiras que a agarravam,

passando a

milímetros de seu braço direito. Depois, cortou a mata à esquerda e acima dela, os

galhos quebrados e as folhas caíam aos seus pés em grandes montes. Ela avançou,

mas seu vestido ainda estava preso, aquele ramo grosso e espinhoso se recusava a

soltá-la.

O caçador puxou uma adaga de seu cinto. Pegou um punhado de pano do

vestido da jovem, o cortou e a libertou. Branca de Neve olhou para seu vestido,

que agora revelava a maior parte de sua coxa esquerda, cortado tão curt o que se

perguntou se ele viu sua roupa de baixo. Cravou os olhos nele, o calor subiu pelo

rosto.

— Não se lisonjeie, princesa — resmungou. Então, começou a correr, como

se a punisse. Ela ficou chocada por um segundo e ele tomou a liderança a que

precisava. Teve de correr para alcançá-lo.

Enquanto corria, seu corpo inteiro estava tenso, as mãos fechadas em punho.

Ela o odiava. Odiava o sorriso presunçoso que aparecia em seu rosto quando

zombava dela ou como ele sempre sabia para onde estavam indo, mesmo quando

a floresta era igual em todas as direções. Mas, principalmente, ela odiava precisar

dele: para liderá-la, para libertá-la de alguma terrível planta devoradora de gente

ou para salvá-la do idiota do Finn.

— Então, me diga, caçador — disse, quando finalmente o alcançou

—, você bebe para afogar sua tristeza ou sua consciência?

Eric parou, seu rosto corado de tanta bebida da noite anterior. — Por que se

preocupa se eu bebo? — perguntou para ela, olhando em seus olhos.

Ela não vacilou.

— Acredito que o empreguei para me levar a algum lugar —

sorriu, sabendo que tinha um argumento.

O caçador retrocedeu e cortou os densos bosques com os dois machados,

golpeando os galhos com mais força que o necessário. Alguns galhos quebrados

atingiam o rosto de Branca de Neve.

— E eu acho que reis, rainhas, duques e princesas não devem meter o nariz

na vida de pessoas comuns.

— Mas você serviu à rainha... — Parou, lembrando-se do rosto dele na clareira. Ele ficara muito quieto quando Finn mencionou sua esposa.

— Ela o pagou bem? — Tentava voltar àquela conversa. — O que foi combinado?

O que quis? A rainha fez uma promessa que até ela não poderia cumprir?

Eric parou, descansando sua mão sobre um tronco.

— Não pagou o suficiente — mentiu e retomou o caminho, abrindo a trilha

com seus machados. — A realeza faz isso, veja você. Paga uma ninharia para que

outros lutem suas batalhas.

Branca de Neve balançou a cabeça. Sabia que ele tentava mudar de assunto,

mas não se importou. Quem era ele para falar mal de sua família?

— Meu pai lutou suas próprias batalhas, obrigada — rosnou.

A floresta se abriu diante deles. O caçador baixou seus machados. Assim que

entraram em uma clareira, ele acelerou os passos e se distanciou dela.

— Seu pai. — Soltou uma risada presunçosa. — Foi ele quem deixou o diabo

cruzar a porta. É culpa dele que o reino esteja mergulhado nas trevas.

Branca de Neve saltou sobre um toco de árvore podre. Ficou olhando para

as costas de Eric, seu rosto vermelho de ódio.

— Vigie suas palavras, caçador.

Ele virou e encontrou o olhar ferino dela.

— Vigie seus passos — apontou para os pés dela. Ela notou que o solo era

mais arenoso que em outros lugares. Seus pés estavam afundando. Primeiro seus

pés afundaram, depois seus tornozelos, até que a areia estava quase em suas

canelas.

Eric permaneceu ali observando a cena, muito satisfeito consigo mesmo.

— Quanto custa para uma princesa pedir ajuda? — ele riu . Cruzou seus

braços no peito, marcando o tempo com seu pé direito.

— Quanto tempo leva para um bruto oferecer ajuda? — Branca de Neve

rosnou de volta. Tentava libertar suas pernas, mas já era tarde. Já havia afundado

até os joelhos. A areia era mais fria a cada centímetro que afundava.

Eric descansou um pé em um toco de árvore sólido ao lado dele e lhe ofereceu a mão. Sua expressão era apenas um pouco mais suave do que antes. Ele

a levantou para o alto e agarrou seus braços. Quando a colocou no chão, ela estava

coberta de areia.

Branca de Neve se secou e sacudiu a areia na grama. Poderia agradecê-lo,

mas os insultos dele eram ainda vividos em sua mente. Não havia conhecido seu

pai e certamente não compreendia do que Ravenna era capaz. Aquela mulher,

aquela bruxa, havia se sentado ao lado deles a cada refeição, segurando a mão de

seu pai. Contou-lhe sobre como sua mãe fora ficando cada vez mais doente,

exatamente como a mãe da Branca de Neve. Havia lidado para Branca de Neve e

William quando eles ficavam entediados e oferecia festas para a nobreza, O rei

cometeu um erro. Fora um tolo. De alguma forma, todos eles foram.

Quando ela se voltou para Eric, ele estava ajoelhado na grama. Segurava

algumas dobras de couro. Então, ele arrancou um dos laços de cada protetor de

braço e os jogou no colo dela.

— Você vai congelar antes que cheguemos a algum lugar. Use-os para fazer

perneiras e botas. — Ela agarrou o couro com uma pergunta nos olhos. — É o

revestimento do meu colete. — Então, ele pegou uma bolinha do chão e a rolou

entre os dedos, pensativo.

— O que é isso? — ela perguntou, torcendo para que não fosse o que ela

pensava que fosse.

— Estrume — pronunciou “istrum” — É de veado — replicou. Olhou para

ela de relance, como se dissesse, “por favor, não me peça para explicar” Branca de

Neve o observou amassar aquilo entre os dedos. Então, ele o levou até o nariz,

sentindo o odor. Ela virou para o lado, enojada. Será que eram fezes?

Ele se levantou e foi, rapidamente, em direção a um caminho entre as árvores. O ar era diferente ali, o nevoeiro era tão espesso que não se podiam ver

dois metros adiante.

— Fiqu e aqui — ele disse, deixando Branca de Neve fazer algum tipo de

roupa para si mesma.

Seu estômago reclamara a manhã toda. Apertou o estrume de veado entre

os dedos. Veados não costumavam entrar na Floresta Sombria, a não ser

afugentados por outro predador. Supôs que haviam tido sorte. O quanto a garota

estava com fome, ela não havia dito, mas não parecia ter sido bem alimentada na

torre.

Manteve os olhos no chão e rastreou o animal, como havia feito centenas de

vezes antes. Moveu-se rápido e silenciosamente, puxando um machado de sua

cintura, pronto para atirá-lo caso o veado aparecesse. Viu um esterco, então outro,

conforme caminhava mais para dentro do denso nevoeiro branco.

Além do nevoeiro, o ar estava claro. Havia um afloramento de rochas diante

dele . Uma delas se abria para uma grande caverna. O vento mudou e ele ouviu

uma voz familiar.

— Eric — ela chamou de dentro da caverna.

Aquela voz. Ouvi-la em bom tom, depois de tanto tempo, deixou Eric

arrepiado. Largou seu machado no chão. Sara saiu da caverna. Estava usando seu

vestido favorito, o tecido de uma cor púrpura mais vibrante do que jamais havia

sido. Seus cabelos castanho-escuros emolduravam seu rosto, caindo em grandes

cachos pelas costas. Os lábios carnudos, que ele beijou mil vezes antes, estavam ali

na sua frente, esperando para serem beijados novamente.

— É você? — ele perguntou, olhando da cabeça aos pés. Estava inteira

novamente; a ferida havia desaparecido. Não havia corte em seu pescoço.

Eric secou os olhos. Aquilo era mais real do que qualquer sonho.

— Eu estou... ?

—Toque-me e comprove — disse Sara e estendeu seus braços para ele, chamando-o para perto de si.

Eric espio u em volta, olhando para além das árvores. “Não. 4 pensou, lembrando a si mesmo de quem ela era. Aquilo tudo era uma ilusão, uma imagem

conjurada pela Floresta Sombria com algum propósito desconhecido. Mas,

conforme ele se voltou para Sara, vendo seu rosto doce novamente, não conseguiu

resistir. De u um passo em direção a ela e fico u mais próximo da caverna escura.

Ela estendeu os braços para ele.

— Por onde você esteve, Eric? Fique comigo. Venha me proteger...

Alguma cois a rompeu dentro dele. Lágrimas encheram seus olhos.

Lembrava-se do dia tão claramente, quando Sara finalmente chegou à sua casa. Os

olhos dela estavam abertos, cobertos por uma fina película cinza. Seus lábios

estavam separados. Suas mãos, frias ao toque. Tudo o que ela foi, toda a alegria

que tinha dentro de si, havia desaparecido.

— Eu sinto tanto — Eric sussurrou. Sua voz tremia enquanto caminhava em

sua direção. — Por favor, me perdoe.

Ela estava muito perto dele agora. Ele queria correr seus dedos sobre a pele

macia dela. Queria que ela desse aquela risada doce e animada, senti-la se enroscar

a o lado dele na cama, esquentar os pés frios dela em suas panturrilhas. Queria

sentir o cheiro do seu cabelo, o suco de limã o que ela colocava nele durante o

verão ou o maravilhoso óleo de gardênia que ela passava atrás das orelhas.

Os dedos dela estavam quase o tocando, quando algo o golpeou na cabeça.

Eric caiu de joelhos e estremeceu de dor.

— Ela não é real! Você está me ouvindo?— alguém estava gritando tão alto

que os seus ouvidos doíam.

Olhou para cima para ver a garota, Branca de Neve, segurando um pedaço

de madeira. Estava gritando com o rosto em pânico. Apontou para a caverna. Eric

olhou para lá , mas o local estava vazio . Ali, na escuridão, viu lobos pretos

monstruosos amontoados, seus longos focinhos pouco visíveis na reduzida luz da

manhã. Aqueles olhos lupinos amarelos os encaravam. Chutou a terra, se atirando

para trás e tentando fugir.

— Ela não é real... — Branca de Neve repetia. — Ela não...

— Eu ouvi você! — Eric gritou. Fitou o lugar em que Sara estivera,

momentos antes. Estava tão perto de tocá-la. Tudo o que ele queria era sentir sua

pele, seu calor. Pegou a garrafa ao seu lado e bebeu, deixando o último dos goles

aquecer sua garganta. Mas nem isso o ajudou. As lágrimas vieram rapidamente e

ele virou vara o outro lado, não queria que a garota o visse daquele jeito.



10

Eles correram por um campo de capim alto e flexível, que alcançava o queixo de Branca de Neve. Ela abria caminho com as mãos e só podia ver a nuca

de Eric quando ele chegou ao outro lado do campo. Ele estava esfregando o local

onde ela o tinha ferido, O sangue havia secado e seu cabelo havia grudado nele.

Ela o ouviu conversando com alguém para além das árvores. Quando o

encontrou, seu rosto estava coberto de lágrimas e suas mãos tremiam, buscando

alcançar algo que ela não podia ver.

— Sara — continuava dizendo à medida que dava mais um passo em direção à caverna . Como não vira aqueles lobos monstruosos? Eles tinham três

vezes o tamanho de um lobo normal e seus olhos amarelos horríveis brilhavam.

Como não ouvira aquele rosnado conforme se aproximava deles? Eles estavam

rosnando e mostrando os dentes afiados.

Branca de Neve saiu de trás da grama alta, chutando os talos que grudavam

em suas pernas recém-cobertas. Estava grata por ter algo que as protegesse agora.

O caçador não havia se virado para ela desde que tinham deixado a caverna.

Não havia falado com ela ou comentado sobre a aparição de sua esposa.

Simplesmente continuou andando, cortando galhos e arbustos desgarrados com

seu machado.

— Foi por ela que você barganhou, por Sara. A pessoa que falou com você —

Branca de Neve começou. Sabia que ele não queria falar, mas não podia fingir que

nada tinha acontecido. Ele a tinha visto lá? Que tipo de ilusão havia sido aquela?

Estava claro, agora, para ela, que a esposa do caçador não estava sendo mantida

cativa. — Sara morreu? — perguntou ela.

O caçador ficou rodando feito um louco, mesmo lugar, e apontou a ponta do

machado para ela.

— Nunca mais diga o nome dela — retrucou. Branca de Neve deu um passo

para trás, seu coração batendo forte. A lâmina afiada estava quase tocando seu

pescoço.

O caçador abaixou seu machado.

— Só não me pergunte nada - com o rosto triste. Puxou a adaga da bainha e

a passou para ela, como se quisesse mudar de assunto. Ela balançou a cabeça

sinalizando que não, mas ele a apertou em suas mãos.

— Aqui, sinta o peso. Passe de uma mão para a outra.

Ela notou que a adaga era mais pesada do que pensava e que sua ponta era

ligeiramente curvada para dentro. Os olhos do caçador estavam fixos nela, vendo

como ela a girava em suas mãos e depois a apontou para o chão.

— Agora, segure-a com a ponta voltada para mim.

Seu rosto estava mais sério do que antes. Seu cabelo cor de palha estava

escondido atrás das orelhas; a barba, coberta de terra. Ela segurou a adaga

apontada acima da cintura dele.

— Por que você...?

Antes que ela terminasse a pergunta, ele se lançou contra ela. Ela recuou,

levando a lâmina até a garganta dele. Ele parou bem pertinho dela. Então, sorriu

pela primeira vez naquele dia.

— Ótimo. Agora, me diga: qual é seu pé de apoio? — perguntou. Descansou

o pé em uma árvore próxima e a observou.

— O que você quer dizer? — perguntou ela. Atrás dele, a floresta estava

estranhamente tranquila . Dois corvos os assistiam em um galho baixo. Ele se

lançou sobre ela novamente. Instintivamente, ela colocou o pé direito à frente, não

o deixando ganhar qualquer terreno dessa vez.

Ele seguia em direção a ela. Ela se inclinou para ele, a adaga em sua mão

direita ainda apontada para o seu pescoço.

— Fique longe — disse ele, lhe acenando para se distanciar. — Você é muito

pequena para o ataque, tem de se defender. Use a força do seu oponente contra

ele. Levante seu outro antebraço.

Branca de Neve elevou o braço esquerdo, seu punho paralelo ao chão.
O

caçador ainda estava sorrindo, como se aprovasse o que estava vendo.
Pela

primeira vez, desde que se conheceram, não a desprezava. Parecia
mais amável

agora, até caloroso, conforme a observava. Adiantou-se novamente e,
dessa

vez, Branca de Neve sentiu a distância diminuindo entre eles.

— Assim, você vai bloquear e desviar a investida do adversário. Você
vai se

ferir, mas não vai morrer — falou suavemente, dando mais um passo.
— Espere

até que eu esteja perto — insistiu ele.

Ela não desviava o olhar do dele. Ainda que o suposto inimigo
estivesse

em direção a ela, ele estava se divertindo. Aquela covinha
apareceu

novamente. A palma da mão suada segurava a adaga e ela tentava
manter a

concentração.

— Ainda não — Eric sussurrou. — Observe minhas mãos, não meus
olhos.

Ela baixou o olhar para o machado. Seus movimentos eram estáveis,
conforme ele dava mais um passo em direção a ela. Resistiu ao
impulso de

assustá-lo de volta com a adaga. — Ainda não — ele repetiu.

— Só se mexa quando sentir minha respiração.

Ele deu mais um passo, depois outro, até que chegou bem pertinho dela.

Então sorriu, seus olhos cinzentos a desafiando a agir. Ela não hesitou. Levantou a

adaga, a apontou para cima e parou pouco antes de bater no esterno dele.

— Sim! — Eric sorriu. — É nessa hora que você irá cravá-la nele. Até o

punho. Mantenha seus olhos fixos nos dele e não a puxe de volta até ver a alma do

seu inimigo. Envolveu a mão dela na dele. Segurou a adaga com ela, sorrindo

como se ela tivesse feito uma coisa maravilhosa.

A respiração dela ficou mais curta. Puxou a mão, pois não sabia o que estava

sentindo quando viu o rosto do caçador tão próximo ao seu.

— Por que está me mostrando isso? — perguntou Branca de Neve.

— Por que agora?

O caçador olhou por cima dos ombros dela. Seguiu seu olhar através do

campo, para onde estavam as cavernas.

— É importante que você saiba... — ele cortou a conversa e não disse o que

estava sugerindo : que ele era tão vulnerável à Floresta Sombria quanto ela. —

Fique com isso — disse, acenando com a adaga.

Branca de Neve a baixou e se sentiu mal só por se imaginar sozinha na floresta. Ela odiava admitir, mas ele era a única pessoa que lhe trouxera conforto

até agora. Ele deu um passo por entre as árvores e começou a descer um caminho

estreito à esquerda.

— Aonde você está indo? — perguntou ela. Eles deveriam seguir em direção

ao norte por mais um quilômetro e meio, e que ele mesmo lhe havia dito.

Eric sorriu para ela, seus olhos cinzentos se iluminando. Era cerca de cinco

anos mais velho do que ela, talvez mais. Seu cabelo estava cheio de nós e fedia a

bebida. Mas ali, ao lado da árvore, ela viu um lampejo do que ele poderia ter sido

antes. Estava mais calmo, quase feliz. Apontou para uma bolota marrom perto de

seus pés.

— Estrume — ele deu de ombros.

— Certo. — Branca de Neve riu. Esperava que ele não percebesse o rubor

em seu rosto. — O estrume chama.

Ele começou a descer. Branca de Neve ficou ali, observando-o ir, até as

costas dele desaparecerem por trás da mata densa.



11

Ravenna permaneceu no jardim do claustro, esfregando o dorso da mão,

onde a pele estava envelhecida e enrugada. Fechou os olhos por um momento e

vui o que Finn vira. As visões vieram em flashe s rápidos, um vislumbre de um

cavalo , uma ferida aberta. Os mercenário s estavam atrás dele, abrindo caminho

através do grosso mato com suas espadas. Em algum lugar da Floresta Sombria um

homem gritou, o som tão estridente que fez o cabelo do pescoço dela se eriçar.

Ela tentou tira r Finn do terreno perigoso, apesar das limitações de seus

poderes. Agora que ele estava no interior da Floresta Sombria, ela não podia sentir

tão claramente onde estava ou com quem estava. O rosto dos homens não tinha

traços. Porém, com o passar das horas, vira a silhueta dele atravessar um pântano

e percorrer um campo denso de capim alto e flexível. Estava vivo, a camisa

coabrindo a boca e o nariz quando saiu do estupor causado pelo pólen.

Os vislumbres da garota foram o que a assustou. Branca de Neve estava com

ele, o caçador, movendo-se em direção aos arredores da floresta. Ela não estava

ferid a ou mesmo prejudicada pela floresta perigosa. Em apenas algumas horas,

eles emergiram da vegetação rasteira. E se Fin n não conseguisse? E se a Floresta

Sombria o devorasse como fizera com tantos outros? Quem iria recuperar a garota,

então?

Ravenna voltou pelo jardim, com passos lentos e deliberados. A grama

estava murcha e marrom. Havia apenas uma única flor na macieira, como se todo

o castelo fora enfraquecido como ela e agora estava vulnerável ao tempo e à

morte. Olhou para a flor rosa-claro, suas pétalas murchando nas bordas. Ela

também cairia. A flor murcharia e cairia. A árvore apodreceria de dentro para

fora.

Apertou-a entre os dedos, torcendo a flor pelo ramo seco. Ela era tão macia

e suave. Então, fechou os olhos, tentando aproveitar os poderes dela, levando seu

irmão para mais próximo da garota.

— Encontre-a — sussurrava enquanto as pétalas se desfaziam em sua mão.

Eric caminhou até a orla da floresta, onde as árvores grossas desciam por

uma ladeira íngreme. Sinalizou para que Branca de Neve o seguisse. Então,

colocou ambos os machados em um lado do quadril e se sentou, escorregando pelo

morro lamacento. Tropeçou no final e a dor começou a latejar em seu ferimento.

Agora que a bebida havia acabado, sua ferida doía mais do que antes. A cada

torção era como se outra espada rasgasse sua carne.

O nevoeiro estava menos denso, porém mal conseguia decifrar a estrutura

trinta metros acima, um pouco além de uma pilha de pedras grandes.
Moveu-se

em direção a ela, subindo em uma pedra para obter uma visão melhor.
Um riacho

serpenteava entre os bosques. Uma ponte de pedra ligava ambas as margens. Lá,

além dela, a Floresta Sombria finalmente terminava. Havia quilômetros de campo

aberto em todas as direções.

— Não pode ser tão fácil — murmurou para si mesmo.

Ouviu os passos de Branca de Neve se aproximando por trás.

— Este é o fim da Floresta Sombria? — perguntou ela.

Eric virou para olhar a floresta. As árvores enormes se erguiam acima deles.

— Aparentemente — disse ele, olhando para a ponte. Aquele era o caminho

certo, ela sabia disso. Rastrou o veado para o mesmo local. Mas, agora que

chegaram, vendo o fim da floresta tão próximo, era difícil de acreditar que tinham

conseguido, que o pesadelo havia terminado. Alcançaram o outro lado. Ele olhou

para Branca de Neve, o rosto se iluminando com um sorriso.

Ela passou por ele em direção à ponte. Estava praticamente correndo.

— Quão longe fica o castelo do duque? — gritou por cima do ombro com a

voz suave e alegre.

Eric correu atrás dela. Penteou o cabelo com os dedos, deixando o Sol tocar

sua pele. A Floresta Sombria era tão densa que não sentia o calor do Sol há algum

tempo.

— Deve estar a mais de oitenta quilômetros em linha reta — disse ele, apontando para o bando de pássaros que circulavam no horizonte.

Ela olhou para ele e sorriu. A luz da tarde avançada era filtrada pelas árvores e lançava um brilho rosa em seu rosto. Sabia que Branca de Neve era

bonita desde a primeira vez que a vira.

Mas, quando olhou para ela naquele instante, percebeu que estivera alheio a

esse fato. Embora ele nunca fosse admiti-lo, de alguma forma aquela luz a deixara

ainda mais atraente. Quando ela desmanchava os nós do cabelo ou quando

estreitava os olhos escuros para ele, olhando como se ele fosse o mais terrível

homem vivo, não era um jogo de sedução que ela fazia. Seus modos não eram

vulgares.

Descansou a mão na costela inferior, grato por ter passado pela pior parte da

viagem. Se conseguisse levá-la para aque la aldeia, descansariam por lá. Ele a

entregaria em segurança e isso bastava. Não podia cumprir o acordo, Carmathan

estava fora de questão. No pior dos tempos, havia roubado suprimentos do duque

e vendido os homens dele para os soldados da rainha. Era muito vergonhoso falar

aquilo em voz alta , mas isso aconteceu na época em que a bebida era mais

importante do que qualquer outra coisa. Assim que Branca de Neve estivesse

segura, ele desapareceria nos bosques, quer ela lhe pagasse ou não . Iria embora

antes de encarar o duque e seus homens. Ele estaria quieto e com tudo aquilo e o

desagradável acordo que havia feito com a rainha seria parte de seu passado

apenas.

Começaram a subir a ponte, seus ombros quase se tocando. O campo se

estendia diante deles. A grama ondulava ao vento, Atrás dele, o borbulhar do

riacho misturado com um som seco e pedregoso. Olhou para trás, à procura de

pedras caindo. A ponte parecia estar sempre ligeiramente se movendo. A pedra

desmoronou nas laterais. Eric segurou o braço de Branca de Neve, alertando.

Perscrutaram o riach o raso. Havia centenas de carcaças de animais abaix o da

superfície da água. Pôde perceber exatamente um crânio de urso e a caixa torácica

recém- mastigada de um gamo gigante. Os ossos ainda brilhavam com sangue.

A ponte começou a tremer. Ele sabia o que era: as histórias da

Floresta Sombria vindo a ele todas de uma vez.

— Troll! — ele gritou.

A ponte se levantou. Olhos se abriram na lateral de pedra. A besta gigante

estava enrolada em uma bola, apenas esperando que eles a atravessassem. Eric

agarrou o braço de Branca de Neve e correu em direção ao final da Floresta

Sombria, mas ela ainda estava a alguns metros de distância. Eles nunca

conseguiriam atravessar em tempo.

O troll se levantou e os lançou pelo ar. Eric bateu com força no riacho raso,

esmagando um esqueleto quebrado sob seu corpo. O ar deixou seus pulmões e ele

ficou ali, arfando, at é que finalment e recuperou o fôlego. Suas roupas estavam

encharcadas, a água fria lhe dava calafrios por todo o corpo.

— Você está bem? — perguntou , olhando para a garota. Ela

aterrissou na

margem lamacenta com a cabeça perigosamente perto de uma pedra afiada.

Nã o respondeu. Em vez disso, estava olhando para trás e seguindo seu

olhar. A enorme criatura tinha quase 20 metros de altura. Seu rosto manchado de

cinza se fixou neles. Tinha chifres no alto da cabeça e seus olhos, pequenos,

redondos e brilhantes, eram negros como o carvão.

— Corra! — Eric gritou, levantando-se. Branca de Neve disparou na frente

dele e ambos voaram pelo leito do riacho. O gigante seguia atrás, balançando os

punhos.

Toda vez que o animal dava um passo, a terra tremia. Eric falhou em conseguir seu ponto de apoio, mas logo o troll estava bem atrás dele.

— Vá, saia daqui — gritou para a garota e indicou o caminh o rio acima. Se

ela voltasse para lá, poderia sair da Floresta Sombria em minutos.

Ela olhou para ele, incerta.

— Apenas vá — gritou e a empurrou. Então, se colocou de frente para o

monstro gigante. O troll parou, seus pés repousavam nas duas margens do riacho.

Eric sacou os dois machados, empunhando um em cada mão. Não tinha tempo

para pensar e correu para o monstro, mantendo os machados direcionados para as

pernas dele.

O troll balançou o braço. Eric se curvou e o punho da criatura roçou o alto

de sua cabeça. Cravou ambos os machados na perna esquerda do gigante, mas isso

não o feriu. A pele do troll era grossa como couro. A lâmina do machado só a

marcou e o monstro mal recuou.

O gigante olhou para ele, um som de resmungo escapava da boca. Em

seguida, agarrou Eric pela cintura e o atirou ao riacho. Ele bateu no leito

lamacento. Virou para o lado direito, a cabeça latejando e seu corpo todo dolorido

do golpe.

O troll avançou em sua direção. Eric olhou para o lado, no chão, que agora

estava coberto de sangue. O corte abaixo das costelas abriu novamente. Pressionou

a mão contra ele, tentando parar o sangramento.

Em segundos, o troll estava pairando sobre ele, seu rosto de pedra perto o

suficiente para que seu hálito quente e podre despenteasse seu cabelo. Tinha

dentes amarelos que se sobressaíam sobre o lábi o inferior, O gigante puxou o

punho para trás. Eric fechou os olhos, à espera do golpe final.

— Afaste-se dele! — a garota gritou. Eric abriu os olhos. Branca de Neve

estava descendo o riacho, a água espirrando em torno de seus tornozelos.

Estendeu a adaga diante de si, como ele tinha lhe mostrado. Parecia tão pequena e

patética agora. Não era maior que a unha do polegar do gigante.

— Não — disse Eric em voz baixa, como se algo pudesse fazê-la parar. Seu

corpo todo doía. Tentou se levantar, mas a dor era lancinante, O troll se afastou

dele, interessado agora em Branca de Neve.

O gigante começou a descer o riacho e chegou até ela. Seus olhos estavam

cravados nos dela. Levantou o antebraço. Mesmo à margem do riacho, Eric via que

ela tremia. Engoliu em seco, com medo do que a besta faria. Tinha ouvido como

trolls esmagavam os crânios de suas vítimas antes de se deleitar com as entranhas.

Tiraria sua própria vida antes de assistir ao troll tirar a dela.

Mas o gigante apenas ficou ali parado, seus olhos se estreitando. Cada uma

d e suas inspirações era elaborada, o fedor delas fazendo Branca de Neve se

encolher, O impasse durou apenas alguns minutos. Então, lentamente, ele abriu os

punhos. A besta se dobrou para a frente, a cabeça inclinada, observando a figura

minúscula diante dele. Branca de Neve nem mesmo vacilava, somente fitava a

besta enorme. O troll soltou um ronco baixo, então começou a se afastar dela,

descendo novamente o riacho. Chuto u uma pedra quando partiu. Eric assistia a

tudo, sem saber se aquilo realmente tinha acontecido.

Quando o troll estava fora de vista, Branca de Nev e finalmente baixou a

adaga. Correu para Eric e o abraçou. Lentamente, ela o ajudou a se levantar. Eric

balançou a cabeça. Não acreditava que ela havia sido tão imprudente. O troll

poderia ter quebrado seu pescoço com o movimento de um dedo.

— Eu disse para você correr — disse ele, procurando seus olhos castanhos.

Seu rosto endureceu.

— Se eu tivess e ido, você estaria morto. Um “muito obrigado” seria o suficiente — ela disse, e ele cambaleou para trás, tentando recuperar o equilíbrio.

Então, ela avançou sozinha para a costa rochosa.

— Espere — disse suavemente e olhou para a garota. Um cacho de cabelos

pretos caiu sobre os olhos dela. Tinha um arranhão na testa, mas, fora

isso, não

havia se machucado. Continuou a observá-la, aquela magreza, imaginando o que a

fizera ser tão forte. Por que ela se arriscou?

O que a fez voltar para trás com apenas uma lâmina de 5 polegadas para

defendê-la? Ele tinha conhecido homens com menos coragem dentro de si.

Branca de Neve cruzou os braços sobre o peito.

— O que foi? — disse com voz aguda.

Ele sorriu, andando lentamente até ela. Pousou a mão sobre seu ombro e,

sem desviar os olhos, disse:

— Obrigado.

Parte Dois



E somente pelo
mais belo sangue
pode ser desfeito...



12

Viajaram cinco quilômetros cruzando outro bosque, no qual a terra se abria

em um pântano. Branca de Neve tirou os sapatos de couro improvisados e deixou

seus pés descalços afundarem na lama. Arrastava-se, um passo de cada vez. Eric

seguia atrás dela.

Ele havia lhe dito que esse era o caminho para Carmathan. Disse a ela para

continuar cruzando o pântano. Mas a cada quilômetro completado, ela ficava mais

desconfiada. Não conseguia enxergar a fortaleza do duque. Não via sinais de seus

homens. Pensava somente no mapa que ele tinha desenhado e naquela aldeia para

a qual Eric havia apontado, o lugar para onde queria levá-la inicialmente.

A água subiu. Branca de Neve levantou a bainha de seu vestido, ou o que

restava dela, tentando mantê-la seca. Seus pés chapinhavam pela terra molhada, a

lama fria entre os dedos. Observava os peixinhos nadando em volta de seus

tornozelos. Grupos inteiros deles vinham em sua direção para então dispararem

para longe, movendo-se conforme ela se movia. Quando finalmente olhou para

cima, notou as figuras escuras à frente. Estavam na margem do pântano

delineados contra o pôr do sol, com arco e flechas pendurados nas costas.

Era tarde demais para voltar. Branca de Nev e manteve a cabeça baixa,

esperando que não a reconhecessem. Quando se aproximaram, uma das figuras

tomou a frente, o rosto escondido por um capuz preto. A pessoa apontava uma

flecha para o peito de Branca de Neve.

— Dizem que apenas demônios ou espíritos podem sobreviver à

Floresta Sombria. Qual deles é você?

Eric puxou os machados da cintura e entrou na frente de Branca de

Neve, colocando-se entre ela e a figura encapuzada.

— Talvez vocês sejam espíões da rainha? — a pessoa continuou.

— Somos fugitivos da rainha — Eric informou.

Branca de Nev e olhou para cima, deixando a figur a encapuzada ver seu

rosto.

— Queremos dizer que você não corre perigo — arriscou. Descansou a mão

no braço de Eric, sinalizando para que abaixasse os machados. Ele a obedeceu.

Então, a figura deu um passo para trás, deixando o capuz cair. A pessoa era

uma mulher. Seu cabelo vermelho estava trançado. Tinha feições delicadas e

pequenas, um nariz estreito e bochechas salientes. Mas sua característica mais

marcante era a cicatriz. A linha grossa rosada percorria o alto da testa, sobre o

olho, e ia para baixo pela bochecha direita, parando logo acima do queixo.

Os outros baixaram as armas e tiraram seus capuzes. Eram todas mulheres e

todas bonitas. Mas tinham cicatrizes idênticas, no mesmo local, cortando o lado

direito de seus rostos.

— Onde estão os homens? — Eric perguntou.

— Foram-se — a mulher de cabelos vermelhos respondeu. Então sorriu,

estendendo a mão para Branca de Neve. — Eu sou Anna — disse.

— Bem-vinda.

Algumas horas depois, Branca de Neve se sentou ao fogo, com um cobertor

de lã jogado sobre os ombros. Estava usando roupas limpas e secas pela primeira

vez em anos. As calças estavam um pouco grandes e a camisa era áspera, mas

nunca se sentira tão luxuosa.

Viu quando uma das mulheres mais velhas da aldeia costurou a ferida de

Eric. A mulher o enfaixou com tecido limpo, amarrando gaze no local antes de

acabar. Eric parecia mais calmo. Seu rosto era belo à luz do fogo.

A aldeia consistia em uma série de cabanas de palha construídas sobre estacas, a água rasa passava por baixo. Anna os levava de barco para sua casa

rodeada por uma plataforma de madeira, a poucos metros do pântano. Quando

chegaram lá, ela se sentou no canto do deque com sua filha. A menina não tinha

mais que 7 anos. As duas trabalhavam lentamente, limpando peixes e, em

seguida, os pendurando em um pedaço de barbante para secar.

— Essa é a aldeia, não é? — Branca de Neve perguntou a Eric, mas já sabia a

resposta. — Aquela para a qual você pretendia me trazer antes de jurar me levar

ao castelo do duque?

Eric baixou os olhos.

— Eu não sei quão calorosa seria minha recepção ao chegar ao castelo de

Hammond. — Puxou a camisa, estremecendo quando ela sentou ao seu lado.

— Por quê? — Branca de Neve perguntou. Cruzou os braços sobre o peito, à

espera de uma desculpa. Ele tinha mentido para ela. Disse que a levaria ao castelo

do duque e não o fez, simples assim.

Eric suspirou. Inclinou-se para frente, colocando as mãos maltratadas sobre

o fogo.

— Posso ter premiado alguns dos rebeldes do duque ao longo do caminho.

Eu roubo o duque, ele rouba a rainha; um tipo de ciclo de vida.

Branca de Neve quas e riu . Ele disse aquilo tão casualmente, sem nenhum

remorso. Nunca conheceu alguém tão desprovido de sentimento.

— Eu vou até o duque, com ou sem você. Eric encontrou seu olhar.

— Dei minha palavra. Prometi que lhe entregaria em segurança.

Aqui é seguro, certo? — ele fitou as cabanas em frente a eles. Cada uma tinha um

pequeno fogo queimando na varanda de madeira. Mulheres se sentavam umas

com as outras, algumas comendo, outras falando sobre a chegada de Branca de

Neve.

Branca de Neve olhou para as mãos. Ainda estavam sujas da Floresta

Sombria. Havia sujeira incrustada por baixo de cada unha, embora tivesse se

lavado. Quando olhou para cima, Eric estava olhando para ela. Segurava algo na

palma da mão.

— O que é isso? — perguntou ela.

— É feito da cartilagem do coração de um veado. — Ela deu de ombros, não

sabendo que significado aquilo tinha. Ele continuou. — O veado é o animal mais

tímido da floresta, e há um osso em seu coração. Alguns dizem que é esse osso que

lhe dá coragem quando necessário. É um amuleto de proteção.

À medida que Eric dizia aquilo, seus olhos se enchiam de lágrima. Falava

lenta e deliberadamente, como se estivesse tentando controlar suas emoções.

Branca de Neve e instintivamente sabia que havia sido um presente de Sara. Ele

balançou a cabeça e riu.

— Não funciona, entretanto. — Sorriu, prendendo o objeto de volta no

bolso.

Nesse momento, Anna trouxe, a passos largos, um prato com peixes.

Colocou-o sobre o fogo e deixou os peixes assarem. O cheiro de trutas encheu o ar.

Branca de Neve olhou para a filha dela, Lily, que continuava a limpar o restante

dos peixes. Tinha grandes olhos azuis e bochechas cheias. Mesmo sendo marcada

como as outras, Branca de Neve não conseguia desviar o olhar.

— Ela é linda — disse, finalmente.

Os longos cabelos vermelhos de Anna haviam se soltado e caíam em torno

de seu rosto em cachos pequenos. Ela massageou a testa.

— Esse não é o tipo de coisa a se dizer nesses tempos. O elogio se torna uma

maldição. Juventude não se pode alterar, beleza, no entanto...

Os olhos de Branca de Neve se encheram de lágrimas ao pensar em mães

gerando cicatrizes em suas filhas para que não se tornassem vítimas da rainha.

Tudo isso para que Ravenna não pudesse lhes fazer o que havia feito para Rose.

— Isso me deixa muito triste — disse ela. Anna olhou

para Eric e para Branca de Neve.

— Nós temos sacrificado a beleza para criar nossas crianças em

paz. E quanto a você, seu sacrifício virá, princesa.

Branca de Neve olhou acusadoramente para Eric. Ele balançou a cabeça.

— Não olhe para mim — disse ele, erguendo as mãos. — Eu não disse nada.

Anna inclinou a cabeça.

— Eu sei quem você é. Há notícias de sua fuga. Dois líderes rebeldes de

Carmathan foram pegos pela rainha no mesmo dia em que você saiu do castelo.

Um sobreviveu e voltou para o duque. — Anna estendeu a mão e tomou a de

Branca de Neve. — Prepare-se, minha querida, pois se aproxima o dia em que

você deverá fazer o sacrifício de governar esse reino.

— Como você sabe disso? — Branca de Neve perguntou, incerta sobre aquela mulher. Elas se conheciam há algumas horas. Não importava o quanto a

mulher a havia ajudado, ainda era uma estranha. Como falava com ela dessa

maneira?

Anna olhou para Branca de Neve.

— Eu posso sentir isso. Levantou-se e voltou a limpar o restante dos peixes

com Lily.

Branca de Neve sentiu o rosto queimar. Anna não sabia o que estava dizendo, O que importava o que ela sentia? Branca de Neve não era um guerreiro.

Iria até a aldeia do duque Hammond e ficaria lá até o fim da guerra. As mulheres

nunca haviam lutado no exército, não era permitido.

Branca de Neve se deitou na plataforma, cobrindo-se com o cobertor de lã.

Tentou dormir, mas sentiu que Eric a observava.

— O que foi? — finalmente perguntou. Eric

sorriu para ela.

—Nada, princesa — disse suavemente. Então, pegou um peixe do fogo e

arrancou a carne das espinhas. Pensou no que Anna havia dito. De alguma

maneira, aquilo não o surpreendeu. A forma como Branca de Neve o salvou na

Floresta Sombria significava algo. Ela tinha uma coragem incomum dentro dela. Se

Anna podia sentir isso, como havia dito, era uma história totalmente diferente.

Ele observou a garota finalmente ceder ao sono. Anna e sua filha se retiraram para a cabana de palha, lhe desejando boa noite discretamente. Ficou ali

por um longo tempo, com todos os fogos morrendo em torno dele. Logo estava

sozinho no escuro.

A rainha procuraria por ele em breve. Havia fugido com sua prisioneira,

traído o seus homens e ferido seu irmão. Não demoraria até que ela o rastreasse

pelos bosques além da Floresta Sombria. Sentindo que a morte estava chegando,

ele não queria que acontecesse daquela forma, nos termos dela. Não depois que

ela mentira.

Embora fosse possível que Anna tivesse imaginado todo o cenário do “seu

sacrifício virá” essa era justamente a desculpa de que ele precisava. Branca de

Neve ficaria bem sozinha. Ela o havia salvado duas vezes na Floresta Sombria,

tinha a adaga e era inteligente o suficiente para chegar à fortaleza do duque por

conta própria. Levaria, no mínimo , mais um dia para que os homens da rainha

circundassem a Floresta Sombria.

Ele juntou suas coisas no escuro, colocando os machados em seu cinto.

Pegou gaze extra para colocar em sua ferida e outra truta para o dia seguinte.

Então, olhou para o rosto de Branca de Neve uma última vez. Seus lábios estavam

se movendo no sono.

— Maldição murmurou, odiando não ser tão fácil quanto esperava. Ele

não

era mais o tipo que gostava de relacionamentos e de todas as complicações que

vinham quando se acostumava a ter alguém em sua vida. Era mais fácil viver por

conta própria.

Avançou em direção à escada do outro lado da cabana. Então parou, sentindo o peso do amuleto no bolso da calça. Segurou-o com força, se lembrando

do dia em que Sara o presenteara. Fora depois que as batalhas começaram. Havia

notícias de homens sendo mortos na floresta por ladrões que saqueavam e

incendiavam carroças de abastecimento nas estradas.

— Só para garantir — ela disse, pressionando-o na palma da mão dele.

Sempre foi supersticiosa.

Olhou-o pela última vez, sabendo o que e Sara teria desejado que a garota o

tivesse. Teria gostado do seu espírito, do jeito que ela parecia estar sempre

pensando em algo que não gostaria de compartilhar. E Sara teria sido grata pelo

que a garota fizera aquele dia, a coragem que tinha mostrado na Floresta Sombria.

Embora odiasse admiti-lo, ele também era grato.

Descansou o medalhão na palma da mão da garota, na esperança de que

fosse verdade o que Sara havia dito. Talvez o amuleto realmente funcionasse.

Talvez não fosse mera superstição. Ele estava vivo, não estava? Havia sobrevivido

à sua perda, apesar de descuidar da própria vida. Havia sobrevivido na Floresta

Sombria. Algo o tinha protegido por todos esses anos.

— De qualquer forma — disse, calmamente. Então, desceu a escada e não

ousou olhar para trás.



13

Ouviu-se um grito. Branca de Neve acordou, os olhos lentamente se ajustando à escuridão. Levou um tempo para lembrar onde estava. O fogo estava

apagado. Sentiu que algo em sua mão: era o medalhão de osso, o mesmo que Eric

tinha lhe mostrado horas antes. Olhou ao redor do deque de madeira e no interior

da cabana de palha, onde Anna e Lily dormiam. O caçador tinha ido embora.

Examinou a aldeia, O ar se enchia de fumaça. A casa levantada do outro

lado brilhava com uma estranha luz. Duas das mulheres perscrutavam o exterior

da pequena janela na lateral, uma delas cobrindo a boca em horror. Branca de

Neve circulou o deque, finalmente vendo o que elas viam, O céu estava cheio de

flechas incendiárias. Arqueiros estavam posicionados na encosta acima da aldeia,

delineados pelo céu estrelado.

Dentro de segundos, a primeira flecha chegou. O míssil de fogo acertou uma

casa próxima à de Anna. O teto pegou fogo, as chamas se espalharam e

consumiram a pequena estrutura. A mulher mais velha, que havia enfaixado a

ferida de Eric, correu para fora da cabana. Seu vestido de linho fino pegava fogo

nas costas. Ela tentou tirá-lo, mas era inútil. Enquanto corria, as chamas cresceram

e seus cabelos pegaram fogo. Gritou quando pulou do deque de madeira e sumiu

no pântano abaixo.

O exército de Fin n estava se aproximando. Branca de Neve podia ver seus

rostos agora, brilhando à luz do fogo enquanto se aproximavam das margens do

pântano. Alguns conduziam seus cavalos pelas águas rasas. Continuaram atirando

flechas nas casas. Outros subiram nos barcos, desatracando-os nas águas paradas.

Bem abaixo, um homem com uma faca pulou para uma escada de madeira e

começou a subir até a cabana de palha. Uma mulher, com uma longa trança, jogou

lenha sobre ele do dequ e acima , tentando retardar seu progresso. Em seguida,

Branca de Neve o avistou. Finn conduzia seu cavalo, que estava atrás das árvores.

Ergueu seu arco, lançando urna flecha em uma cabana das proximidades.

— Encontrem-na! — gritou.

Branca de Neve escorregou para trás da cabana, tomando cuidado para não

ser vista. Moveu-se rapidamente.

— Eles estão aqui! — gritou, disparando para a sala . Correu em direção a

Anna, sacudindo-a para que acordasse. — Os homens da rainha estão aqui.

Anna esfregou os olhos. Olhou para Branca de Neve, incrédula. Quando se

sentou, uma flecha atravessou o telhado e se alojou no colchão ao lado da cabeça

de Lily. O colchão de lã pegou fogo. Branca de Neve correu para a menina, que

dormia, puxando-a da cama e colocando-a sobre o ombro. Estava prestes a correr

quando Anna gritou. Branca de Neve virou-se. Atrás dela, em pé no deque, estava

um dos homens de Finn. Ele sorriu quando seus olhos se encontraram, revelando

um dente da frente faltando. Era tão alto e largo que tomava a porta inteira,

tornando impossível a passagem. Então, sem qualquer aviso, ele correu em direção

a elas.

Sem pensar, ela arrancou a flecha do colchão e cravou a ponta flamejante na

coxa dele, parando de enfiá-la apenas quando encontrou o osso. Ele soltou um

grito lancinante e desabou no chão, as chamas se espalhando para as panturrilhas

e para a cintura, até que metade do corpo estava queimando. Ele se contorcia de

dor.

Branca de Neve o observava, horrorizada. Não conseguia parar de olhar

para o rosto deformado. Lágrimas se espremiavam pelo canto dos olhos dele. A

cabana se encheu de um fedor de carne queimada. Ele se dobrou ao meio, a

fumaça presa em seus pulmões. Por um momento, temeu estar condenada.

Anna a segurou pelo braço.

— Venha — gritou, apontando para a porta. Branca de Neve avançou,

voltando-se uma última vez para ver o soldado. Ele arfava, com as mãos tentando

dominar as chamas crescentes.

Correram escada abaixo, quase dois degraus por vez. Branca de Neve se

jogou no pântano com Lily em seu ombro. A menina começou a chorar quando

avancaram pela água barrenta, que alcançava o peito de Branca de Neve. Havia

apenas caos ao redor delas. Muitas das palafitas estavam em chamas. Fumaça e

cinzas enchiam o ar. Destroços em chamas caíam do alto, mergulhando nas águas

rasas do pântano e se extinguindo com um assobio.

Anna apontou para a praia adiante. Algumas das mulheres já haviam chegado lá e agora corriam para as árvores. Branca de Neve as seguia pela lama,

movendo-se tão rápido quanto podia. Atrás delas, ouviram os berros e os gritos

das outras mulheres. Uma menina mais jovem do que Lily segurava a mão de sua

mãe quando elas pularam do deque de madeira. Branca de Neve mantinha os

olhos na margem à frente, não queria olhar para trás.

— Onde ela está? — um dos homens gritou.

Quando finalmente chegaram à terra, suas roupas estavam encharcadas.

Branca de Neve avançava, seguindo o restante das mulheres, quando um

cavalo cruzou seu caminho. Um dos mercenários pulou dele. O homem era mais

pesado do que os outros, com um papo que se derramava sobre o colarinho de sua

camisa. Desembainhou a espada e seguiu em sua direção.

— Corra! — Branca de Neve gritou, passando Lily para os braços de Anna.

Branca de Neve apontou para o bosque. Se o distraísse, elas teriam tempo

suficiente para fugir. Dirigiu-se para onde o homem pudesse vê-la claramente.

Segurou a adaga em sua mão direita, tomando a posição que o caçador havia lhe

mostrado, um braço para cima e o outro parado, apenas esperando o inimigo se

aproximar.

O mercenário veio até ela. Branca de Neve segurou a adaga no alto, olhando

em seus olhos negros. “Um...”, pensou, observando-o se aproximar “Dois, três”

Quando ele estava a um palmo, ela o cortou com a adaga. Ele se envergou para

trás, com uma pequena ferida aberta no peito e riu. Então, deu-lhe um soco no

estômago. Ela caiu no chão, não conseguia respirar.

Ele ergueu a espada. Branca de Neve o olhou, ofegante, esperando a lâmina

descer em seu pescoço. Então, uma flecha passou zunindo e atingiu o soldado um

pouco acima de seu coração. Ele soltou um grito horrível enquanto o cambaleava

para trás. Deixou cair a espada e não tentou arrancar a flecha.

Branca de Neve se sentou. A três metros de distância, estava um jovem soldado, o arco ainda em suas mãos. Era alto e magro, com o queixo quadrado e as

maçãs do rosto salientes. Tinha cabelos castanhos ondulados e grossos, que caíam

sobre seus olhos, e uma sutil covinha no queixo. Ficou ali, olhando para ela, com

um leve sorriso nos lábios. Ela notou a maneira como ele empurrou o arco por

cima do ombro, de modo a pendurá-lo nas costas. Havia algo muito familiar

naquele gesto. Ela reconheceu, mas de onde?

A fumaça se levantou em torno deles. O fogo se espalhou para algumas

árvores. As mulheres gritavam à medida que corriam em direção às montanhas, O

jovem tentou falar, mas Anna correu e agarrou Branca de Neve pelo braço.

— Vamos! — sussurrou. — Não temos muito tempo. Apontou para as margens lamacentas, de onde os homens de Finn estavam avançando.

Saíram correndo. Uma flecha flamejante caiu no chão ao lado delas. Em

um lugar, uma criança chorava, os soluços geravam calafrios pelo

corpo de

Branca de Neve. Ela seguiu Anna pela floresta, correndo tão rápido quanto suas

pernas podiam. Olhou por cima do ombro uma última vez, para as árvores que

queimavam, mas o rapaz havia ido embora.



14

Branca de Neve corria tão rápido que mal respirava. Sabia que conhecia o

rapaz da floresta de algum lugar. E, da maneira como olhou para ela, tinha certeza

de que ele a havia reconhecido também. Mas como?

Correu por entre as árvores segurando a adaga. Anna estava logo atrás dela.

Branca de Neve podia ouvir pés batendo na terra. Reviveu a memória de tantos

anos atrás. O garoto que havia escalado a macieira com ela, seu arco de brinquedo

pendurado nas costas. Era William! Tinha reconhecido traços dele no rosto do

jovem. Eram os mesmos olhos cor de avelã, o mesmo sorriso. Finalmente se deu

conta de que era ele. Ele estava vivo! Mas o que estava fazendo na aldeia? Como a

tinha encontrado?

Branca de Neve fez uma pausa e o ficou procurando na floresta. Anna e Lily

havam ficado para trás. Anna estava debruçada sobre o tronco de uma árvore,

tirando um espinho do pé de Lily. A menina chorava. Atrás delas, Branca de Neve

via a destruição. O fogo havia se espalhado. A maioria das palafitas estava em

chamas. Mulheres corriam por entre as árvores. Melva, uma das jovens, passou

segurando o que havia sobrado de seus pertences.

Em seguida, Branca de Neve viu Finn, que a olhava diretamente.

— Ali!— ele gritou para outro soldado. Gesticulou para que o mercenário a

cercasse.

Branca de Neve saiu correndo, mas alguém a agarrou por trás. Cortou o ar

com a adaga até que ouviu uma voz familiar.

— Por aqui — disse o caçador. Apontou para um caminho estreito entre as

árvores, que serpenteava para o alto da colina, a leste da Floresta Sombria. —

Vamos! —Eric sibilou.

—Temos de ajudá-las! — ela se soltou dele. O caçador as abandonou, mas

ela não podia fazê-lo. Então, correu de volta e ajudou Anna a se levantar. Anna a

empurrou.

— Vá — disse ela. Apontou para baixo. Finn estava muito perto.—

Vá, já disse!

Branca de Nev e olhou para seu s olhos e percebe u que ela estava falando

sério. Um mercenário estava correndo por entre as árvores à esquerda. Finn estava

se aproximando. Branca de Neve pegou a mão do caçador e ele a puxou pelos

bosques, pelo caminho escuro, até a cena de horror desaparecer na vegetação

densa.

Corriam por entre as árvores, quilômetros após quilômetros, circundando a

margem de um gigantesco lago e depois em direção ao leste, onde a floresta

rareava. Quando o Sol apareceu, os sons da batalha estavam muit o atrás deles.

Branca de Neve parou, as pernas estavam muito cansadas para seguir. Então, se

ajoelhou na margem de um riach o raso. Suas mãos ainda estavam tremendo.

Mergulhou- as na água fria, tirando o sangue seco de suas unhas. O

cheiro de

fumaça estava impregnado nela . Ainda ouvia as mulheres gritando, embora a

floresta estivesse calma e as aves, silenciosas. Olhou para o caçador e odiou

naquele instante. Ele as havia abandonado. Esgueirou-se na escuridão da noite e as

abandonou. As mulheres estavam indefesas contra os homens de Finn.

— Por que você voltou? — perguntou ela em pé, para olhar nos olhos dele.

— Por quê?

Eric cobriu o rosto com as mãos.

— Eu os levei lá — disse calmamente. Fora ele quem trouxe Branca de Neve

para a aldeia delas. Achava que os homens de Finn estavam mais longe, os julgou

erroneamente. Então, quando subiu o morro, viu a primeira flecha voar. Sentiu o

cheiro da fumaça de longe. — Eu sou o único culpado. — Sua garganta estava

apertada, era difícil pronunciar cada palavra. Nunca deveria tê-la deixado. Foi

exatamente como havia sido com Sara. Fizera uma escolha e, quando voltou, já era

tarde demais.

Eric segurou as mãos de Branca de Neve. Estavam tremendo. O rosto dela

estava sujo de cinzas e havia respingos de sangue seco no braço.

Sangue de quem,

ele não sabia.

— Vou levá-la para o duque Hammond — disse. O que quer que enfrentasse

no castelo do duque não poderia ser pior do que o que sentia agora, a vendo

daquele jeito.

Ela assentiu e não disse mais nada. Eric se deitou na margem e ouviu o som

de cascos na floresta. Ele s poderiam descansar ali por alguns minutos, mas não

muit o mais. Os homens encontrariam seu s rastros... Fechou

os olhos, o

esgotamento tomou conta dele. Seu corpo doía muito por causa dos últimos dias.

Sua ferid a latejava e os pontos beliscavam a pele. Sentia mais dor agora, sem a

bebida. Aquele sentimento de torpor havia ido embora. Era uma bênção ou uma

maldição? Não sabia.

Olhou para cima, a luz do Sol cintilava por entre as árvores. Uma sombra

passou por cima dele. Tentou se levantar, quando alguém o chutou com força.

Outra pessoa acertou seu rosto. Vislumbrou pequenas figuras dando-lh e socos,

outras batendo nele com galhos de árvores. Todas usavam máscaras de batalha

esculpidas em madeira.

— Anões — murmurou, reconhecendo finalmente quem eles eram.
Tentou

chegar até Branca de Neve, mas uma daquelas coisinhas desagradáveis tinha

amarrado uma corda em volta de seus tornozelos. Em segundos, ele estava sendo

arrastado pela margem. Eles o levantaram amarrado pelas pernas. O mundo girou

em torno de si quando foi pendurado, todo o sangue indo para o rosto.

Quando finalmente parou de girar, notou Branca de Neve no chão ao lado

dele. Os braços dela estavam amarrados atrás das costas. Os anões estavam

enfileirados na frente dele. Levantaram suas máscaras de batalha grotescas sobre a

testa.

— Bom, bom, bom... O caçador canalha — disse Beith. Ele era o líder e o

mais difícil de se livrar. Seu cabelo preto e grosso descia na frente, formando um

“V” gigante na cabeça.

— Vamos lá, Beith — Eric riu, estreitando os olhos no tampinha. — É assim

que você trata um amigo? — qualquer um que tivesse viajado pelo reino conhecia

os anões. Eles se escondiam na mata, muitas vezes bêbados, prontos para brigar

com quem estivesse disposto. Eric sempre estava disposto.

Beith chegou tão perto dele que Eric podia sentir o cheiro das tripas de sapo

em sua respiração.

— Não, sua besta de chifre. — Pegou um galho grosso do chão.

— É assim que trato um amigo. — E bateu-lhe com força na cabeça.

— Pare com isso — Branca de Neve gritou, mas os anões riram.

Eric segurou a cabeça entre as mãos, esfregando o local em que Beith havia

batido. Aqueles pequenos roedores tinham pouco mais de um metro de altura:

homens atarracados e malcheirosos, com cabelos emaranhados e dentes podres.

Beith tinha uma barba preta amarrada e roupas grandes demais. Segurava as

calças com um pedaço velho de corda. Eric avistou Muir, o anão cego, atrás. Nion

estava ao lado dele. Era o mais maldoso de todos. Se fosse por ele, o mundo inteiro

seria governado por anões e os altos seriam seus escravos.

Branca de Neve tentava tirar a corda que amarrava seus punhos.

— O que você fez para eles? — sussurrou, enquanto os homens consultavam

um ao outro sobre Eric.

Eric esfregou o rosto. Estava ficando tonto. Tudo ficava estranho de cabeça

para baixo.

— Tentei conseguir uma recompensa por suas cabeças... Algumas vezes.

A garota revirou os olhos.

— Não há ninguém com quem você não tenha agido errado?

Olhou para ela, amando o modo como seu nariz se encolhia quando estava

com raiva. Tecnicamente havia uma pessoa a: ela. Poderia ter-lhe e dit o aquilo se

Beith não tivesse virado e socado, com força, seu estômago.

— Hoje é o meu dia de sorte! — Beith gritou. — O tagarela que eu mais

detesto no mundo, nas minhas mãos...

— É seu dia de sorte, Beith — Eric disse, tentando soar leve. Os homens de

Finn estariam ali em breve. Não tinha tempo para discutir sobre quem havia

tentado vender quem à rainha. Aqueles eram apenas pequenos detalhes. — Eu

tenho ouro suficiente para abastecê-lo de cerveja por um ano. Coloquem-me no

chão e eu vou... Nion bateu em sua orelha.

— Cala essa boca fedida, caçador! Se você tivesse alguns tostões, eles já

teriam caído de seu bolso.

Eric segurou a cabeça, que agora latejava. Então, gritou:

— Apenas me digam o que eu fiz de errado!

—Primeiro, me diga o que você fez de certo — Beith responde u.
Gotas

voavam de sua boca enquanto falava. Atrás dele, o anão mais jovem, Gus, estava

olhando para Branca de Neve como se ela fosse a mulher mais bonita que já havia

visto. Sorriu, revelando seus dentes amarelos.

Eric apontou para a garota.

— Eu a salvei da rainha. Beith

balançou a cabeça.

— Não parece algo que você tenha feito, caçador.

— As pessoas mudam — Eric respondeu. Nion

bateu em sua orelha de novo.

— *Pessoas mudam, porcos lascivos não.*

Alguns dos outros anões começaram a discutir. Coll e Duir, que sempre

brigavam um com o outro, iam e voltavam, tentando decidir se deviam matar Eric

ou deixá-lo amarrado, esperando a morte.

— Vamos espetá-lo e deixá-la apodrecendo! — Duir sugeriu. Eric odiava o

tom alegre em sua voz.

— Não! — uma voz gritou atrás deles. Muir, o anão idoso, tomou a frente da

situação. Seus olhos estavam cobertos com uma fina película branca. — Ela está

destinada — continuou ele. Levantou um dedo para silenciá-los.

Eric se lembrou do homem cego de uma outra visita que fizera à floresta. Os

outros ouviam o que ele falava. Beith voltou-se para a garota, a estudando com

uma curiosidade nova.

— Você odeia a rainha? — Branca de Neve perguntou, aproveitando a oportunidade. — Meu pai era o rei Magnus.

O grupo se sentou. Eric observava a garota, ela se divertia. Era a mesma

ousadia que ela havia demonstrado na Floresta Sombria. Estava começando a se

perguntar se havia alguém a quem ela não desafiaria. Beith inclinou a cabeça para

um lado.

— Se vocês nos acompanharem ao castelo do duque, serão pagos regamente

— Branca de Neve continuou. — O peso de vocês em ouro. Para cada um de vocês.

Duir olhou para Coli de cima a baixo, atentando para seus braços e pernas

finos.

— Eu recebo mais do que você — sussurrou, batendo na barriga volumosa.

— Verdade — respondeu Coll e sufocou uma tosse pesada. — Mas por causa

de seu tamanho, você come mais e bebe mais, o que custa mais, por isso...

— Tudo bem — Beith interrompeu. — Nós a levaremos, mas o caçador pode

ficar pendurado. — Limpou a garganta e, em seguida, cuspiu uma bola gigante de

catarro no chão ao lado da cabeça de Eric.

— Nós dois — disse a garota. Olhou de soslaio para Eric e balançou a cabeça,

para o tranquilizar.

Beith coçou a barba preta como se estivesse considerando se a proposta era

boa ou ruim. Enquanto esperavam por sua resposta, Duir, um dos irmãos que Eric

tentou vender, apontou para um ponto no horizonte. Eric seguiu seu olhar,

percebendo as figuras vindo pelo monte. Era Finn e os mercenários!

— São os homens da rainha, Beith — disse Eric . Contorceu-se e chutou,

tentando libertar seus pés. — Melhor decidir mais rápido.

— Um anão vale uma dúzia de altos — Beith rosnou. — Eu que determino

meu tempo, obrigado. — Então Beith olhou para o monte. Mais dez homens

apareceram a cavalo, suas espadas desembainhadas. Alguns dos anões recuaram,

correndo do que viram.

— O que você estava dizendo? — Eric perguntou, estreitando os olhos para

o homenzinho. Mal conseguia enxergar.

Todo o sangue havia corrido para sua cabeça, fazendo as têmporas pulsarem.

— Ponha-o no chão — disse Beith, sinalizando para Nion. — Vai logo!

Gus ajudou Branca de Neve a se livrar das amarras. Nion libertou Eric com

um golpe de faca. Então, eles começaram a descer o morro, Eric e Branca de Neve

seguiam agachados atrás dos anões, para evitar serem vistos.



15

Branca de Neve olhou para a cúpula gigante da caverna. A água escorria

pelas paredes de rocha. Um filete de luz penetrava por um buraco no teto,

destacando os grupos de morcegos pendurados lado a lado, dobradas em torno

deles, O estrondo de cascos soava acima. O exército de Finn berrava do outro lado

da floresta.

— Achei uma corda! — um homem gritou. Então, os cavalos mudaram de

direção, galopando até que a floresta ficou em silêncio novamente.

Duir e Coll apontaram para um longo túnel no lado da caverna, sinalizando

para que os demais os seguissem. Os anões entraram em fila. Eles se encaixavam

facilmente no corredor estreito. Branca de Neve se curvou, tentando ficar

pequena, mas os cotovelos ainda raspavam nas paredes. Olhou para trás e viu

como o caçador estava espremido.

Os anões os haviam levado para baixo da raiz de uma árvore gigante e
entrado na caverna, os ajudando a fugir dos homens de Finn.
Conheciam bem o

labirinto subterrâneo. Avançavam dando voltas pelo labirinto de
túneis

entrecruzados, tomando desvio após desvio, até que estavam nas
profundezas da

terra. Branca de Neve olhou para os trilhos de madeira sob seus pés,
percebendo

que ali era uma mina. Tentava pensar apenas em colocar um pé na
frente de outro

e não em... “William. Onde ele está? ” Continuou seguindo os anões
até que, de

repente, o túnel se abriu para um pasto verde.

Lá fora, a luz era tão intensa que ela protegeu os olhos. Uma
paisagem

centilante se espalhava diante dela. Cada cor de flor brotava da terra:
margaridas

amarelas luxuriantes, hortênsias em flor e exóticos botões de rosa
enchiam o ar

com a mais intoxicante fragrância. E, então, havia som, um zumbido
encantador

que crescia em seus ouvidos, fazendo-a ter vontade de dançar.

— Maldita música de fadas! — Nion resmungou. Ele mergulhou os
dedos no

musgo espesso que revestia as rochas, arrancando um grande
punhado da

substância. Moldou alguns tampões e os enfiou nos ouvidos.

Branca de Neve olh o u em volta, absorvendo o cenário deslumbrante.

Trepadeiras floridas se enrolavam em torno de árvores enormes, cobrindo-as com

exuberantes flores roxas. Borboletas vermelhas e douradas pousavam em seus

galhos. Coelho saltavam pela grama alta, disparando em todas as direções.

Minúsculas partículas de pólen pairavam no ar em todos os lugares diante dela.

Elas eram brilhantes, refletiam a luz e davam a impressão de que até o ar brilhava.

— Que lugar é este? — perguntou, tentando pegar os pequenos pontinhos

com as mãos. Gus correu para seu lado.

— Eles chamam isso de Santuário, minha senhora — disse ele, olhando para

ela com seus grandes e lacrimejantes olhos cinzentos. Sorriu , revelando seus

tortos dentes amarelos. Odiava admitir, mas o rapaz estava se tornando querido

por ela.

— A Floresta Encantada. É a casa das fadas.

Branca de Neve virou para o caçador, que estava tão atordoado quanto ela.

Ele abriu a boca para falar, mas alguma coisa passou zunindo por sua cabeça,

assustando os dois. Branca de Neve estudou a fada minúscula pairando à sua

frente. Tinha a pele branca translúcida, orelhas pontudas e suas asas azuis

brilhavam sob a luz do Sol. A fada olhou para ele e sorriu antes de sair voando

bem rápido, deixando uma trilha de pólen densa em seu rastro.

— Fadas — Gus disse docemente. Estendeu a mão para segurar a mão de

Branca de Neve.

Gort chutava a grama alta. Era o mais pesado de todos os anões, com uma

barriga cheia que pairava sobre o cinto.

— Pragas — bufou. Em seguida, os anões se dispersaram na floresta para

montar um acampamento para a noite.

Branca de Neve e o caçador os ajudaram a cortar a madeira para o fogo,

enquanto Coll e Dair limpavam a grama alta e os galhos quebrados, deixando um

pedaço de chão para que se deitassem. Depois recuperou alguns suprimentos que

mantinham escondidos com raízes das árvores trançadas, criando uma pilha.

desajeitada de frascos, potes amassados e carne seca de raposa. Havia até um

violino desgastado. Quando os anões finalmente se estabeleceram em torno do

fogo, Gus pôs o violino no ombro e começou a tocar.

— Toque mais alto, seu medroso! — Gort gritou. — Eu ainda posso ouvir

aquelas fadas. —E tapou os ouvidos com ambas as mãos . Do out r o lado do

caminho, Muir se sentou com seu filho, Quert, descansando a mão no ombro do

jovem anão . Duir e Coll estavam beben d o cerveja, seu s movimentos soltos

enquanto gesticulavam descontroladamente, absorvid o s em outra de suas

discussões.

Branca de Neve se sentou ao lado de Eric, observando os anões caindo ao

redor deles e empurrando uns aos outros enquanto dançavam uma dança

selvagem.

Eric riu.

Diz a lend a que os anões foram criados para descobrir todas as riquezas

escondidas na terra. Não apenas ouro ou pedras preciosas, mas a beleza a no

coração das pessoas.

Branca de Neve olhou para ele, perguntando se a frase “a beleza no coração

das pessoas” realment e tinha saído da boca do caçador Olhou para a cintura de

Eric. Havia alguns ossos de raposa, mas nenhum frasco de rum ou de

outra bebida.

Fitou seu rosto, notando pela primeira vez que seus olhos eram claros.
Ele falava

lentamente e com cuidado, escolhendo as palavras. Fazia dois dias, no
mínimo,

que não tinha bebido nada.

Eric apontou para Nion. O anão estava tropeçando e cantando uma
melodia

tão alta nos ouvidos de Gort que o anão se encolhia.

— Pergunte para mim como perderam a habilidade se nunca a
demonstraram. Quando a rainha tomou suas minas, ela não tomou
apenas seu
tesouro... ela roubou seu orgulho.

Branca de Neve analisava os homens. A maioria estava bêbada. Coll e
Duir

lutavam no chão, apertando a cara um do outro na terra. Gus dançava
no ritmo do

violino, com o suor escorrendo pelo rosto. Era difícil imaginar
qualquer magia

dentro deles. Como poderiam trazer o melhor das pessoas quando eles
mesmos

pareciam tão infelizes?

Quando Quert se ergueu para cantar uma música mais alegre, Muir
avançou

em direção a eles. Gort segurou a mão do anão cego e o ajudou a
alcançar um toco

de árvore antiga, onde se sentou para descansar. O anão tinha
longos cabelos

grisalhos e o rosto enrugado. Tinha de ser, pelo menos, 20 anos mais velho do que

os outros. Branca de Neve colocou a mão no joelho dele para que soubesse que ela

estava lá.

— Obrigado pelo que houve antes — disse baixinho. — Por me defender.

Muir assentiu. Seus olhos estavam nublados, uma película branca cobria as

íris.

— Seu pai era um homem bom. O reino prosperou naquela época. Nosso

povo prosperou.

— Havia mais de vocês? — Branca de Neve perguntou e Muir assentiu.

Gort se encostou no toco da árvore e tomou outro gole de sua bebida.

— Um dia, o grupo que você vê à sua frente desceu na mina para o revezamento de um mês de duração. Gus era apenas um menino. Quando

chegamos de volta à superfície, não havia mais nada. A terra estava negra. Tudo e

todos estavam mortos. Desapareceram. — E estalou os dedos para mostrar a

rapidez com que tinha acontecido.

— Isso foi um mês depois que seu pai morreu — acrescentou Muir. Branca

de Neve balançou a cabeça. Lembrava-se daquele primeiro mês também. Ouvia as

explosões para além das muralhas do castelo . Incêndios queimavam as florestas.

Os soldados de Ravenn a gargalhavam no pátio, se gabando das aldeias que

havam incendiado e das mortes que haviam causado por vingança. Tinha apenas

7 anos naquela época, mas sabia que o reino nunca mais seria o mesmo. Sentia-o

na boca do estômago. Ela nunca mais seria a mesma.

Ficaram sentados ali, Muir ao seu lado, até o pôr do sol. Branca de Neve

dançou uma melodia mais alegre com Gus, deixando o jovem anão na ponta dos

pés. Cantou com Nion e comeu os restos de carne de raposa, desfrutando de sua

primeira refeição de verdade depois de um longo tempo. Mas, no final da noite,

quando os anões adormeceram, não conseguia parar de pensar no que Muir havia

dito antes, lá na floresta. “Ela está destinada.” Era o futuro que Anna havia

predito, em que ela iria se sacrificar e conduzir o reino. Quando as palavras saíram

da boca de Anna, pareceram muito estranhas. Passou sua vida como prisioneira da

rainha, trancada dentro da torre do castelo. Como poderia conduzir alguém? E,

mesmo se tentasse, por que alguém a ouviria?

Pensou na aldeia de Anna, em como as mulheres haviam fugido para a floresta, em suas casas em chamas. Lily não conseguia parar de chorar. Agora,

depois de tudo o que Branca de Nev e tinha visto, era mais fácil acreditar na

profecia de Anna. Não podia ver os homens de Ravenna arrancarem outra vida.

Não queria ouvir os gritos das mulheres que perderam suas casas ou ver os rostos

de crianças com cicatrizes, cortados apenas para que a rainha não as tirasse de suas

mães.

Observou a densa floresta ao redor. Flores cresciam em torno do caçador,

cujo rosto parecia mais calmo, bonito o mesmo, quando ele dormia. Coll e Duir

cochilavam com as costas uma na outra, como se estivessem sempre unidas. À

medida que a noite caía, mais criaturas emergiam da densa floresta: esquilos,

castores e aves coloridas desciam das árvores.

Duas pega-rabudas voaram diante de seu rosto, e suas asas coloridas

cintilavam ao luar. Elas se transformaram, em uma fração de segundo, em fadas.

Fitou-as, percebendo o que haviam sido elas as duas aves que a haviam ajudado

quando estava trancada no castelo. Foram elas que a salvaram.

Elas dispararam para longe, acenando para que as seguisse. Seu doce

zumbido encheu o ar. Avançou pela floresta até uma ofuscante luz branca que

brilhava nas trevas, um pouco além de uma pilha de ruínas de pedra. Enquanto se

aproximava, a magia da floresta se mostrou. Os animais a cercavam, se movendo

conforme ela passava em meio às árvores altas. Pássaros voavam. Coelho e cervos

saíam da floresta, seguindo em um grupo enorme atrás dela.

Foi somente de bem perto que pôde ver de onde vinha a luz. Um garanhão

branco majestoso estava embaixo de uma árvore gigante. O ar ao redor da criatura

brilhava com uma luz dourada mágica.

Branca de Neve se aproximou do cavalo gigante. Ele se inclinou e a deixou

tocar sua bochecha. Seus olhos castanho-escuros a fitavam, como se soubessem

tudo o que ela estava pensando e sentindo. Pressionou a cabeça contra a dela.

Branca de Neve podia sentir a respiração quente do animal em seu pescoço. Ela

virou para a floresta, notando pela primeira vez que os anões e o caçador haviam

acordado e a seguido. Todos eles estavam atrás dela, vendo a cena por detrás das

árvores.

Beith balançou a cabeça em descrença.

— Ninguém jamais o viu antes — disse ele.

— Ele a está abençoando — Muir sugeriu.

— Ela é a própria vida. Ela vai curar a terra. Ela é única.

Branca de Neve envolveu o pescoço do animal com suas mãos e sentiu a

mais profunda paz. Ouvindo a profecia agora, ali, estava preenchida com o desejo

de agir. Faria qualquer coisa que o reino lhe pedisse. Restauraria a dignidade do

trono. Conforme ela acariciava o cavalo, a luz ficava mais brilhante. Partículas de

ouro reluzente flutuavam ao seu redor, envolvendo-a.

— Com ouro ou sem ouro — Muir disse aos outros homens. —

Para onde ela conduzir, eu a sigo.

Branca de Neve sorriu e descansou a cabeça no pescoço do cavalo. Quando

foi acariciar aquele magnífico pelo branco, viu algo pelo canto do olho. Uma

flecha zuniu pelo ar. Ela veio do alto, perfurando o flanco macio da criatura. O

animal gentil empinou de dor e, em seguida, fugiu floresta afora. Todos os outros

animais se dispersaram. Os anões viraram, com suas armas em punho. Na colina

acima deles, estavam os homens de Finn com as espadas desembainhadas.

Um vento feroz chicoteou por entre as árvores, espalhando sombras escuras

onde antes havia luz. Os anões vestiram suas máscaras de batalha e pegaram as

armas. Eric sacou os machados de seu cinto, empunhando um em cada mão.

Branca de Neve avaliou cuidadosamente os homens de Finn, analisando o rosto de

cada um. Então congelou, olhando nos olhos cor de avelã que conheceu quando

criança. William estava ao lado deles. Estava em seu cavalo, e sua espada

desembainhada. Por que ele estava ali naquele momento? Por que estava lutando

com eles?

Não havia tempo para processar aquilo. O bruto que tinha ferido o cavalo

branco levantou seu arco, engastando outra flecha. Apontou-a para ela e sorriu.

Antes que ela pudesse se mover, William derrubou o homem do cavalo, enviando

a flecha em direção à copa das árvores. Gus agarrou a mão dela e a puxou para

dentro da floresta, para longe dos homens.

— Vamos! — gritou enquanto o exército de Finn descia a colina.

O zumbido da floresta encantada foi substituído por gritos de guerra.

Espadas retiniam. Os cavalos relinchavam. Branca de Neve continuou correndo,

com Gus ao seu lado. Olhou para trás. William manobrou seu cavalo por entre as

árvores. Ele a seguia, sua armadura brilhava ao luar. Gus passou à sua frente, sua

mão apertava os dedos dela com tanta força que doíam.

— Mais rápido! — gritou, saltando sobre galhos caídos e rochas. Mas Branca

de Neve mantinha os olhos em William. Ele estava bem perto deles. Libertou-se

das garras de Gus e disparou para o mato, esperando lá até que William estivesse

ao seu alcance. Assim que ele passou correndo, pulou e agarrou seu braço com as

duas mãos. Então, o puxou para trás com força e o derrubou do cavalo. Gus correu

para ela. Sacou seu machado, pronto para derrubá-lo no pescoço de William.

— Gus, não! — Branca de Neve gritou. Gus desacelerou seu machado na

hora certa. Parou a poucos centímetros da pele de William.

Ela o olhava, reconhecendo seu rosto. Seus cabelos castanhos ondulados

eram espetados em centenas de direções, tal como quando ele era criança.

— O que você está fazendo? — perguntou ela. — Eu vi você na aldeia.

— Sou eu — disse ele. William. — Sentou-se, com o peito arfando.

Pegou

seu arco do chão e reuniu as flechas na mão.

— Eu sei — disse Branca de Neve com a voz firme. Mal podia acreditar, O

menino em que ela tinha pensado por todos esses anos havia retornado. Ele

chorou por ela aquela noite, a noite em que eles tinham fugido. Mas estava ali

para ajudá-la? — Por que você está com eles? —

perguntou ela, balançando a cabeça.

William estudou a floresta por trás deles.

— Houve notícias em Carmathan de que você estava viva. Thomas e seu

filho Jan haviam sido capturados pela rainha. „Thomas estava lá quando você

escapou, ele ouviu que você tinha fugido. Eu estava com eles porque eram as

únicas pessoas que sabiam como encontrá-la.

— Ela tentou me matar... — Branca de Neve começou, com os olhos cheios

de lágrima. Ela ia continuar, mas um galho se partiu nos arbustos próximos. Eles

viraram e viram o guerreiro gigante que havia tentado matá-la poucos minutos

antes. Dessa vez, a flecha já estava em seu arco. Dessa vez, ele não a perderia.

Ele a levantou e Branca de Neve saiu correndo. Mas havia uma moita densa,

que bloqueava seu caminho. Ele deixou a flecha voar. Em um instante, Gus se

lançou na frente dela e recebeu a flecha no peito. Caiu no chão aos pés de Branca

de Neve, se encolhendo de dor.



16

Os homens desceram a colina. Um deles galopou em direção aos anões com

sua espada desembainhada. Dair se abaixou e a lâmina afiada cortou um tufo de

seu cabelo. Outro atirou uma flecha em direção ao pescoço de Eric. Não o acertou,

mas passou zunindo ao lado de sua cabeça. Eric olhou para as árvores, procurando

apenas um rosto. Então, ele o viu. Finn estava a cavalo, correndo pelos bosques,

perseguindo Branca de Neve. Seu cabelo oleoso caía sobre os olhos. Um

hematoma havia se formado no rosto dele onde Eric o ferira.

Eric correu atrás dele, seu s machados sacados. Terminaria o que havia

começado na Floresta Sombria. Enquanto Finn estivesse vivo, Branca de Neve

nunca estaria segura. Finn iria segui-la até Carmathan. Travaria uma guerra no

castelo do duque e queimaria suas terras, não satisfeito até que tivesse o coração

da garota.

Correu pelo mato. Sombras se espalhavam ao seu redor, secando as folhas e

a grama, murchando as flores e dispersando as fadas pelo céu. As criaturas da

floresta desapareceram. As raposas foram para suas tocas, as tartarugas se

esconderam sob o musgo. Quando ele finalmente parou de correr, a floresta estava

em silêncio. Não via Finn.

Examinou o espaço entre os troncos das árvores, mas era difícil ver alguma

coisa na escuridão crescente. Sua respiração se espalhava em uma nuvem diante

de si, o ar de repente estava muito mais frio do que antes. Em algum lugar atrás

dele, um galho se partiu. Virou e viu o cavalo de Finn sair da floresta. Ergueu o

machado, mas o cavalo passou sem o cavaleiro.

Eric o observou desaparecer por trás das árvores, percebendo, tarde demais,

que era um truque e . Finn avançou para fora da floresta atrás dele e desceu a

espada, mas Eric se esquivou, e a lâmina arranhou seu braço.

Seu bíceps deu uma fígada. Olhou para a ferida, o sangue caía sobre a grama

murcha.

Eric não hesitou, baixou seu machado e correu para ele. Finn puxou um

galho de árvore para trás e o soltou. O galho enorme ricocheteou no peito de Eric

e o jogou contra um carvalho enorme. A parte de trás de seu crânio se encontrou

com o tronco gigante , quase o nocauteando . Mal conseguia se mover. Sua

respiração estava curta e dolorosa. O sangue escorria pelo braço e se espalhava

pela camisa.

Observava o rosto de Finn. A doninha sorria, parecendo mentalmente perturbada e satisfeita. Devia estar amando vê-lo assim, com sua energia sendo

drenada e uma ferida jorrando em seu braço. Estendeu a mão para os machados,

mas eles haviam caído de sua cintura. Repousavam no chão a poucos metros de

distância.

— Eu capturei muitas garotas — disse Finn, seguindo em frente. —

Mas sua esposa foi especial.

Eric se levantou, uma onda de energia o revigorava.

— O que você disse? — perguntou. Olhou os machados no chão, sabendo

que não poderia recuperá-los sem ficar vulnerável a um novo golpe. Finn olhou de

soslaio.

— Ela lutou. Quando ficou claro que havia acabado, ela implorou. Você

devia saber que ela chamou por você. Sua Sara.

Eric mal conseguia respirar. A raiva ardente lhe deu forças. Finn estava

mentindo, ele não estava lá. Pensara em que fosse um dos saqueadores de outra

aldeia. Foi o que lhe dissera em seu retorno. Então, por que Finn estava

contando a história de outra maneira? Por que estava brincando com ele agora?

— Como você sabe o nome dela? — Eric gritou. Olhou sobre o ombro de

Finn, mirando em uma árvore caída. Suas raízes mortas se eriçavam do solo. As

sombras a haviam matado de dentro para fora, tornando as raízes secas e

cortantes. Pareciam lanças de madeira pontiagudas com as quais Eric costumava

caçar.

—Ela me disse — Finn sibilou. — Pouco antes que eu cortasse sua

garganta.

Isso era tudo o que Eric precisava ouvir. Descontrolou-se, suas lembranças

iam voltando todas de uma só vez, O pescoço dela, aquele belo pescoço que tantas

vezes acariciou, havia sido aberto com um corte, crostas de sangue pretas se

formaram ao redor do ferimento. Ele correu suas mãos por cima do vestido dela e

sentiu outro corte logo abaixo das costelas. Continuou a olhar para seu rosto, se

perguntando que tipo de monstro poderia machucar uma mulher como aquela.

Que tipo de homem covarde e sem alma poderia tirar a vida de Sara?

Agora ele sabia.

Avançou em Finn, não se importando com a espada levantada em sua mão,

que tinha a lâmina afiada o suficiente para decapitá-lo. Só abaixou seu ombro

enquanto corria, desferindo um golpe no meio do abdome de Finn. Eles voaram

para a árvore. Finn caiu sobre as raízes com muita força, as raízes afiadas

cravavam-se em sua pele. O bastardo uivava em agonia.

Seus gritos só aumentaram a raiva de Eric. “Este homem matou Sara não

parava de pensar enquanto empurrava os ombros de Finn para baixo,

espetando-

os sobre as raízes da árvore gigante. Não parou até que elas romperam a frente da

camisa de Finn. Finn se contorcia em agonia, tentando se libertar dos galhos, mas

Eric o empurrava para baixo.

— Irmã! — Finn gritou. Derrubou a cabeça para trás. — Me cure, irmã!

As sombras giravam em torno deles. A fumaça preta se enrolava em torno

das extremidades da árvore afiada, tentando curar suas feridas, mas era

impossível. As raízes as mantinham abertas. Finn sangrava, os cortes estavam em

carne viva.

Ainda assim, a nuvem negra circulava.

— Irmã? — Finn engasgou. Eric não soltou os ombros dele. Continuou o

empurrando para baixo, vendo-o morrer, as lágrimas escapando do canto dos

olhos. Aquele homem tomou sua mulher. Será que ele seria capaz de amar alguém

tanto quanto a amara?

Conheceu Sara um dia em uma festa da aldeia. Pequenos botões de rosa

estavam aninhados em seu coque trançado. Ela estava dançando. Foi sua risada

que ele mais amou, aquela risada que havia enchido o ar e alcançado todos ao

redor dela.

— Você a matou — sussurrou e viu que a luz deixava os olhos de

Finn. — Você matou minha mulher.

Quando Finn finalmente se foi, com seu corpo mole contra as raízes da

árvore, Eric se afastou. Não se sentia poderoso ou valente. Não estava satisfeito

consigo mesmo ou muito feliz com o que tinha feito. Mas havia um consolo na

morte de Finn. E não era a seu favor, pela primeira vez. Eric pensava em Branca de

Neve. Talvez a morte de Finn indicasse que Branca de Neve poderia viver livre

agora. Talvez ela pudesse viver em paz em Carmathan.

Quando voltou para a floresta, os homens de Finn estavam todos mortos. Os

anões, guerreiros ferozes, cuidaram deles um a um. Eric focou em Branca de Neve

e os outros estavam aglomerados em torno de alguém. Ao se aproximar, pôde ver

que era Gus, o mais novo. Seu rosto estava pálido. A flecha ainda estava alojada

em seu peito, logo acima do coração.

Eric olhou em volta, contando os outros anões para ter certeza de que estavam todos lá. Foi quando notou um jovem agachado entre eles. Não devia ter mais de 17 anos. Eric poderia jurar que o reconheceria, embora não tivesse certeza de onde.

— Quem é ele? — perguntou.

O garoto se levantou. Estufou o peito como um pássaro bobo, tentando desesperadamente parecer maior do que era.

— Meu nome é William — disse ele. — Sou filho do duque de Hammond.

Eric balançou a cabeça. O duque. O covard e que estivera escondido em

Carmathan todos aqueles anos. E claro que aquele era seu filho.

— O que o filho do duque estava fazendo correndo com os homens da rainha? — perguntou, buscando uma resposta entre os anões. Coll e Duir estavam

ao lado de Gus, chateados demais para falar alguma coisa.

William deu um passo adiante.

— Eu estava procurando pela princesa.

— Para quê? — Eric ladrou. Eles tinham problemas suficientes com as coisas

do jeito que estavam. Não precisavam de algum aspirante a soldado grudando

neles.

William pousou a mão na manopla da espada.

— Para protegê-la.

Eric não conseguiu segurar o riso.

— A princesa está bem protegida, como você pode ver. —

Gesticulou ao redor para os sete anões, apontando para suas armas.

William olhou Eric de cima a baixo.

— E quem é você? — desafiou.

— O homem que conseguiu trazê-la tão longe, Vossa Senhoria. — cuspiu as

palavras para ele, odiando o tom do garoto. Era uma criança. Eric se aproximou,

ficando a poucos centímetros de seu rosto.

Branca de Nev e olhou para ele. Sua mão estava descansando no peito de

Gus, com o rosto riscado de lágrimas.

— Deixe-o em paz, caçador —disse suavemente. — Ele é nosso amigo.

Branca de Neve baixou a cabeça, as lágrimas ensopando a camisa de Gus.

Eric deu um passo para trás, com o rosto nas mãos. Os anões começaram a cantar

uma canção fúnebre. Suas expressões eram tensas e tristes enquanto cantavam.

Cantavam canções de amor e amizade, de vida e de morte, em voz alta. Suas

canções encheram a floresta. Nada podia aquecer o ar. Os animais não saíam de

baixo da terra. As fadas haviam desaparecido. A nuvem negra que havia descido

sobre eles ainda permanecia ali, circulando-os em colunas escuras e retorcidas.

Quando a música terminou, Coll e Duir trouxeram braçadas de madeira

para queimar na pira funerária. Quert colocou pedras no chão em um grande

retângulo, fazendo uma cama para Gus repousar. Moveram seu corpo minúsculo,

empilhando os galhos em cima dele e cruzando-os até que ele desapareceu sob a

madeira. Beith trabalhou com um pedaço de sílex para acender a pira.

Ficaram ali, todos juntos, assistindo enquanto ela queimava. As chamas

cresceram. Os galhos estalavam) pipocando enquanto eram engolfados. Alguns

dos anões choravam. Quais deles, Eric não sabia. Tudo o que ouvia

eram os soluços

d e Branca de Neve, sua tristeza que provocava arrepios em sua coluna.

Continuou olhando para ela, desejando tomar a dor dela para si. Mas, conforme a

noite caía, a tristeza deles só crescia. Aquele não era o fim da batalha, era apenas o

início, pois sua rainha má e demente ainda estava viva.



17

Ravenna estava deitada na cama estudando o dorso da mão. Havia

retornado ao normal, as manchas de idade marrons haviam sumido e a horrível

pele enrugada estava, agora, firme e suave. Descansou seus dedos delicados no

peito, tentando diminuir sua respiração. Uma hora inteira se passara desd e que

Fin n morrerá. Esse foi o tempo mais lo n go qu e levava para se sentir jovem

novamente.

Duas garotas. Não uma, duas s . Consumira-as de forma rápida e voraz,

sugando a energia de suas bocas doces e pequenas e sentindo que a juventude

delas a preenchia das pontas dos dedos dos pés até o alto da cabeça. Sua força

havia retornado. Mas mesmo sua beleza, a suavidade de seus cabelos e sua pele de

porcelana não eram suficientes. A dor ainda a dilacerava por dentro. Um vazio

havia tomado o espaço entre suas costelas. Sentiu como se alguém tivesse

escavado seu interior.

Seu único irmão. O que ela significava para ele, e ele, para ela? Eram os dois

únicos sobreviventes que se lembravam daquele dia no acampamento quando as

tropas do rei invadiram as carroças. Eles fugiram juntos para a floresta,

escondendo-se de todos. Finn era a única pessoa que conhecia o rosto de sua mãe.

Estava no banho, deixando o leite suave cobrir cada centímetro de sua pele,

amaciando-a, quando ouviu o primeiro grito dele. O grito estridente ecoou dentro

dela como se ele estivesse ali. Ela se contorceu, sentindo as raízes afiadas da árvore

cravando em suas costas. O caçador segurava seus ombros quando segurava os de

Finn, a empurrando contra as estacas de madeira. Sentiu o tecido mole dentro do

peito se rasgando. A dor a dilacerou; foi tão forte que os dedos dos

pés se

dobraram e as mãos se fecharam em punhos apertados.

Tentou salvá-lo com todas as suas forças. Convocou todo o poder que sua

mãe lhe dera e o canalizou para Finn, tentando lhe dar forças para lutar. Quando

viu que isso não tinha funcionado, tentou fechar suas feridas. Mas, com as raízes

da árvore em sua carne, era um esforço inútil. Lentamente, a cada segundo que

passava, ficava mais fraca. Seu corpo envelheceu. Seu cabelo ficou branco. A pele

do seu rosto ficou enrugada e flácida.

— Perdão, meu irmão — sussurro quando viu que as feridas levariam a

vida de ambos. Teve de cortar sua conexão com ele. Não podia mais lutar.

Ela tamborilava os dedos no peito, sabendo o que tinha de ser feito. Estava

sozinha. Ninguém além de seu próprio irmão caçaria a garota na Floresta

Sombria, nem lutaria com o caçador e com aqueles anões desagradáveis. Agora, se

ela ainda queria o coração da garota, teria de consegui-lo com suas próprias

mãos...

Levantou-se, um encantamento silencioso se formava em seus lábios. Falava

tão baixo que as palavras eram quase inaudíveis, saindo como um zumbido baixo e

desigual. Fora do castelo, os pássaros gritavam nas árvores. O primeiro corvo

desceu e se chocou, com um baque muito alto, contra a janela . Uma pequena

rachadura se espalhou ao redor do ponto onde o pássaro havia batido, enfraquecendo o vidro.

Em segundos, outro pássaro apareceu entre as árvores. Bateu na mesma

janela, quebrando seu bico com o impacto. Outro pássaro repetiu o movimento,

depois outro, até que o vidro se despedaçou com seus cacos se dispersando pelo

chão de pedra. Os primeiros pássaros do bando entraram na sala do trono.

Voavam fazendo a grande curva das paredes, voavam em volta de Ravena em

uma revoada gigante. Mais pássaros

vinham das árvores pela janela quebrada, até que ela desapareceu debaixo deles.

Seus braços foram levantados e sua cabeça tombou para trás. Se alguém

conseguisse vê-la por entre a horrível massa negra de penas, saberia que ela estava

sorrindo.



18

Um dia se passou e ninguém pronunciou o nome de Gus. Haviam passado

por quilômetros de colinas áridas, cruzado riachos rasos e caminhado por

canteiros mortos. Os anões conduziam à frente, o caçador e William os seguiam

atrás. O Sol estava se pondo quando chegaram à base das montanhas rochosas. A

fortaleza do duque estava no vale além delas. Seriam não mais de dois dias de

caminhada.

Branca de Neve seguia atrás de Coll e Duir. Mantinha os olhos no chão,

incapaz de acreditar no que havia acontecido. Lembra-va-s do rosto de Gus

quando ele fora deitado sobre as folhas secas. Sua respiração estava rouca e curta

até que, aos poucos, parou. Havia se sacrificado para que ela pudesse viver. Agora,

vendo o resultado, desejava que ele não tivesse feito aquilo. Desejava que tivesse

sido a única a receber aquela flecha. A culpa que sentia era insuportável. Naquelas

últimas horas, se perguntava o que os outros anões pensavam. Será que eles a

culpavam? Será que eles secretamente desejavam nunca terem se deparado com

ela aquele dia na floresta?

Enxugou os olhos, tentando fazer com que a imagem de Gus saísse de sua

cabeça. Levou um minuto para perceber que William estava ao seu lado. Ele

olhava para ela com o rosto cheio de preocupação.

— O que foi? Branca de Neve perguntou, sentindo que algo estava errado.

William relanceou para o caçador, avaliando quão longe ele estava.

— Eu sinto muito — disse , quase sussurrando. — Eu sinto muito tê-la deixado para trás. — Esfregou a testa, enquanto seus olhos se enchiam de

lágrimas.

— Você não me deixou. — Branca de Neve suavizou e segurou a mão dele.

William balançou a cabeça.

— Se soubesse que você estava viva, eu teria chegado mais cedo.

Os anões avançaram pela floresta. Coll e Duir derrubaram suas mochilas

atrás de algumas pedras. Os outros os seguiram, montando acampamento. Branca

de Neve fez uma pausa e olhou nos olhos cor de avelã de William. Nem uma

única vez, em todos aqueles anos na torre, ela o havia responsabilizado pelo que

tinha acontecido. Quando a solidão a deixava quase louca, quando não podia

suportar as baratas subindo pelas paredes ou o som das explosões a distância,

pensava nele. Ele estava lá com ela. Essas lembranças eram a única coisa que a

mantivera viva.

— Nós éramos crianças, William — disse. — Você está aqui agora. -

— E apertou sua mão.

Branca de Neve e olhou para o acampamento. Os anões arrastavam galhos

caídos e ramos velhos e faziam uma pilha. Trabalhavam em silêncio, sem se

olharem, a tristeza ainda sobre eles. Caminhou em direção a eles, gesticulando

para William segui-la. Não era bom olhar para trás, pedir desculpas pelo que

havia acontecido ou se perguntar o que poderia ter sido diferente. Quem poderia

dizer o que e qualquer um deles deveria ter feito? Ela esteve se

torturando,

pensando no ataque de ontem. Qual a utilidade daquilo? Tudo o que ela sentia era

um nó doloroso na boca do estômago.

Ajoelhou-se ao lado de William, arrancando o musgo seco para usar como

isca para o fogo. Ele fez o mesmo, trabalhando em silêncio com as mãos, o rosto

mais suave do que antes. Branca de Neve olhou para o céu escurecendo. Corvos

circulavam acima. Ainda tinham mais um dia ou dois até chegarem a Carmathan,

e Ravenna viria atrás deles, em breve. Eles tinham de olhar para frente e à frente.

Branca de Neve se sentou na beirada do acampamento, ouvindo o coro de

roncos atrás dela. Os anões havia m caí do no sono rapidamente, assim como

William e o caçador. No entanto, horas depois, Branca de Neve ainda estava

acordada, uma sensação desconfortável a dominava. Examinou a floresta. O Sol

estava surgindo no horizonte, preenchendo o céu com um estranho brilho laranja.

Será que Ravenna já sabia que Finn estava morto? Ela podia senti-lo? Branca de

Neve pensou novamente em Rose. Seu rosto estava enrugado e co m manchas de

idade, os ombros curvados para frente. Ravenna tinha poderes que

ninguém mais

tinha. Quanto tempo havia até que a rainha a encontrasse?

As folhas farfalharam atrás dela . Empertigou-se, sentindo a adaga em seu

cinto . Colocou os dedos em volta do cabo e a giro u, apontando a lâmina para

frente. William apareceu diante dela. Seu cabelo castanho estava bagunçado pelo

sono.

— Sou só eu — disse ele. Levantou as duas mãos até que ela baixou a adaga.

— Venha. Caminhe comigo. — Eles se afastaram do campo, se certificando de que

o caçador estava fora do alcance da voz. Tentou arrumar o cabelo para baixo,

enquanto caminhavam.

Logo estavam no meio da floresta, completamente sozinhos. As bétulas prateadas se levantavam ao redor deles. Um pouquinho de neve cobria a terra.

— Até aqui, é como se nada tivess e mudado, O mun do parece bonito novamente — disse ela, balançando a cabeça. Sua voz estava mais calma agora que

William estava ao seu lado. Sentia-se um pouco menos sozinha.

— Ele será. Quando você for rainha — disse. Branca de Neve o olhou, sem

saber por que dizia aquilo . Po r que todos estavam tão certos de que ela poderia

derrotar o exército de Ravenna? Eles não haviam visto a magia de Ravenna? — O

povo desse reino odeia Ravenna com todas as forças — explicou.

Ela balançou a cabeça. Lembrou-se do que Ravenna havia no dia do casamento, como estavam unidas.

— É estranho... — Branca de Neve começou. — Mas eu apenas sinto pena

dela.

William olhou de soslaio, curioso.

— Assim que as pessoas descobrirem que você está viva, elas se levantarão

em seu nome. Você é a filha do rei e a legítima herdeira.

— Como vou fazer isso? Como faço para inspirar as pessoas? — disse Branca

de Neve, balançando a cabeça. — Como faço para conduzir os homens? — Gus

estava morto por causa dela. Pedira aos anões para levá-la a Carmathan . Como

poderia ser responsável por tantas vidas quando já havia falhado com um

homem?

William sorriu.

— Da mesma maneira que me conduzia quando crianças. Eu a seguia para

todo lado, corria quando você chamava. Teria feito qualquer coisa por você. —

Fitou-a intensamente.

Ela virou, sentindo o calor aumentando em seu rosto.

— Não é dess a maneira que eu me lembro. — Não era ela quem havia seguido William até a macieira naquele dia? Ele estava sempre brincando com ela,

lhe dizendo para correr mais rápido, reclamando que ela não era um menino.

Queria alguém com quem escavar rochas e alguém para perseguir pelo pátio do

castelo. — Eu me lembro de que estávamos sempre discutindo. E lutando, e... —

ela teria continuado, mas ele estava olhando para ela tão intensamente, os olhos

procurando algo invisível em seu rosto.

Ele se inclinou para tão perto dela que ela podia sentir a respiração dele em

sua pele. Ele sorriu, seu rosto corado. Seus lábios estavam a poucos centímetros

dos dela. Então, puxou algo do bolso e segurou entre eles. Branca de Neve olhou

para a maçã. Sua casca não tinha sequer uma marca. William a aproximou dela,

com um sorriso travesso atravessando os lábios.

— Eu conheço esse truque. — Branca de Neve riu, se lembrando do que

acontecera muitos anos antes.

— Que truque? — William perguntou. Ergueu a maçã a apenas alguns centímetros do rosto dela, a desafiando a tomá-la dele.

Branca de Neve sorriu . Depois de todos aqueles anos, ele se lembrava.

Perguntou-se se ele pensava nela tanto quanto ela pensava nele. Talvez, de certa

forma, aquelas memórias também o mantivessem vivo. Arrancou-a de suas mãos.

Antes que ele pudesse recuperá-la, ela mordida a pele fina, deixando o doce suco

escorrer por sua garganta.

Os olhos de William se estreitaram. Havia algo estranho em seu sorriso. Ele

a observava, assistindo- a mastigar, rindo enquanto ela engolia . Ela sentiu uma

forte dor no peito. Algo estava terrivelmente errado. Enquanto arfava para

respirar, William a observava, seu rosto ainda mais familiar do que antes. Ela

tropeçou e caiu, desabando na neve.

Seus membros ficaram dormentes. Olhou para o céu, tentando mover seus

dedos. Era inútil. Seu corpo parecia feito de chumbo. Não conseguia nem piscar. O

rosto de William apareceu em seu campo de visão, os cabelos caindo sobre os

olhos, que agora brilhavam com um azul brilhante. Percebeu de imediato que não

era William; de fato, era ela. Ravenna finalmente a havia encontrado.

— Veja, criança disse Ravenna. O rosto de Willia m mudou, revelando os

lábios cheios que Branca de Neve havia admirado quando criança e o pequeno e

delicado nariz de Ravenna. — Pelo mais belo sangue isso foi feito e somente pelo

mais belo sangue pode ser desfeito. Você era a única que poderia quebrar o feitiço

e acabar com minha vida, e a única pura o suficiente para me salvar.

O coração de Branca de Neve batia em seus ouvidos. As roupas de Ravenna

voltaram ao que eram. Usava um manto negro coberto com penas de corv o que

farfalhavam ao redor de suas maçãs do rosto salientes em um colarinho alto. Pôs a

mão por dentro do manto, recuperando um punhal cheio de joias. Então, o fez

correr ao longo do peito o de Branca de Neve, marcando o local onde seu coração

estava. Branca de Neve abriu a boca para gritar, mas nada saiu.

Ravenna se inclinou. Pressionou os lábios contra o ouvido de Branca de

Neve.

— Você não percebe quão sortuda é. Você nunca saberá o é envelhecer.

A o longe, Bran c a de Neve ouviu o som de passos esmagando a neve.

Ravenna olhou para cima, alarmada. Levantou o punhal sobre o peito de Branca

de Neve, a ponto de conduzi-lo através de seu estéril, mas, então, instantaneamente, se transformou em uma massa densa de corvos, O céu acima de

Branca de Neve se encheu deles. Os pássaros negros circulavam em uma grande

revoada, voando ao redor de seu corpo. Penas ensanguentadas caíam no chão.

Alguns crocitavam alto. Outros voavam entre as árvores. Branca de Neve podia

ver os machados do caçador cheios de sangue passando através da massa.

William apareceu, golpeando os pássaros com sua espada. Os corpos sem

vida caíam na neve ao seu redor. Os anões vieram correndo também, ouvindo os

gritos de Eric e William. Os homens continuavam oscilando suas armas no ar até

que todas as miseráveis criaturas haviam ido embora. A visão de Branca de Neve

ficou turva e seus cílios se moveram. Ela os ouvia chamá-la, vozes pareciam mais

distantes agora, as palavras fluindo em um estranho e baixo murmúrio.

William se ajoelhou ao lado dela. Embalou sua cabeça nas mãos. Ela não

podia sentir os dedos dele em sua pele. A boca dele se movia, mas não ouvia as

palavras. Fixou seu olhar no rosto dele, observando sua tristeza.

Ele a beijou. Ela não podia nem mesmo sentir seus lábios nos dela. Era

como

s e ele estivesse beijando alguém enquanto ela observava de longe.
Ele a puxou

para si e os lábios dele formaram seu nome, chamando-a outra vez, e
esmagou a

boca contra a dela novamente. Mas aquilo não surtiu efeito.

Ela deixou o mundo tão rápido quanto veio para ele, e a imagem
diante dela

se tornou negra.



19

Eric ficou parado na porta da tumba fria, uma garrafa na mão. Era
estranho

ver a garota daquele modo , silenciosa e imóvel, com os braços
cruzados sobre o

peito. Ela repousava sobre o bloco de pedra como se estivesse apenas
descansando

ali pela noite, desfrutando de um longo sono. Se não fosse por seu
rosto pálido e

os lábios frios e roxos, nunca saberia que ela estava morta.

Então, havia chegado até ali depois de tudo. Manteve sua promessa,

apesar

de tudo, e a levou ao castelo do duque. Nunca imaginou chegar ali daquele jeito,

no entanto. Eles a carregaram pela neve até a fortaleza, entregando-a finalmente

para o duque. O garoto, William, explicou ao pai o que havia acontecido. Ravenna

a tomara deles. De alguma forma, ela passara por eles durante a noite. Entrou no

acampamento onde dormiam e a matou . De alguma forma, eles não haviam

notado a presença dela até que fosse tarde demais.

Eric tomou outro gole da bebida, apreciando o ardor familiar na garganta.

Tinh a visto a fila de enlutados no castelo do duque. Mães trouxeram seus filhos

para vê-la. A princesa, que acreditavam estar morta, havia sido tomada deles mais

uma vez. Alguns homens adultos passaram por ela com lágrimas nos olhos.

Ajoelharam-se diante do corpo e oraram. Ela representava alg o para eles, e isso

poderia ser afirmado por toda a tristeza que sentiam. Não conheceram a filha do

rei, nunca haviam visto seu sorriso e não haviam apreciado o olhar fero z que ela

tinha caso alguém ousasse desafiá-la. Sua morte também era um fim para eles.

O duque havia dito ao seu filh o que não retaliaria. Não haveria guerra em

honra de Branca de Neve. Era um covarde , como Eric sempre havia pensado.

Quantas pessoas mais teriam de morrer pelas mãos da rainha antes que ele

atacasse? Qual era o objetivo de um exército, ainda que pequeno, se não lutar?

Eric deu um passo em direção à garota, bebendo até a última gota de álcool,

desejando que aquilo anestesiasse sua dor.

— Aqui está você — disse, sua voz ecoando na câmara fria. — Onde isso

termina. Tão belamente vestida. — Estava em cima dela, percebendo a rigidez de

seus dedos. Era quase insuportável vê-la daquela maneira, tal como Sara havia

estado. Tão drenada de toda a realidade. Branca de Neve estava exatamente ao

lado dele quando ele foi dormir. Viu que ela descansara contra a pedra, perdida

em seus pensamentos, suas mãos penteando os cabelos emaranhados . Vira-a

pouco antes de morrer.

Como ele não ouviu Ravenna? E por que ela não tinha vindo atrás dele em

primeiro lugar, o homem que matou seu irmão? Odiava a si mesmo por ter

deixado aquilo acontecer. Havia acordado com a sensação de que algo estava

errado. Retirou-se para a floresta. Voou pelo campo de bétulas

prateadas, vendo

Ravenna pairando sobre ela. Ela mudou de forma assim que ele a golpeou com o

machado.

— Você está dormindo. — Ele tentava compreender aquilo

desesperadamente, tomando mais um gole do cantil. — Prestes a acordar e me dar

mais dor. Estou certo?

Estendeu a mão, deixando-a pairando logo acima dela, incerto se poderia

fazê-lo. Lentamente, voltou sua palma para baixo, sentindo quão fria ela estava.

Pegou a manga dela, atentando-se ao vestid o rosa coberto de contas qu e lhe

havia colocado. Era cheio de babados e muito feminino. De alguma forma, sabia

que ela teria odiado tudo aquilo.

Engoliu em seco. Ela não gostaria que ele se transformasse em algum porco

estabanado, não depois de tudo o que enfrentaram juntos. Não depois dela.

— Você merecia algo melhor — disse suavemente. Estudou seu rosto. Seu

cabelo negro havia sido penteado em cachos. Alguém havia colocado uma rosa

atrás da orelha, que estava murchando.

— Ela era minha esposa — disse ele, falando como se ela estivesse viva. As

palavras vieram mais fáceis com a bebida. — Essa era sua pergunta que ficou sem

resposta. O nome dela era Sara. Quando voltava das batalhas, eu carregava

comigo o cheiro da morte e a ira. Eu não era digno de salvação, mas ela me salvou.

Eu a amava mais do que qualquer coisa ou qualquer pessoa. Eu a deixei fora da

minha vista e ela se foi.

Ele abaixou a cabeça.

— Voltei a pensar em mim mesmo novamente. E nunca me cuidei. Até

conhecer você. Você me faz lembrar dela. Seu espírito, seu coração. E agora você

também se foi. — Vacilou sobre as palavras, sentindo o nó aumentar no fundo da

garganta. — Vocês duas mereciam algo melhor e eu sinto muito por ter falhado

com você também.

A luz das tochas projetava um brilho especial no rosto dela. Estendeu a mão,

penteando uma mecha de cabelo que estava sobre a testa.

— Você será a rainha no céu agora. — Inclinou-se e pressionou os lábios

contra os dela, apenas por um momento, o gesto o acalmou. Então, jogou o cantil

no chão. Sim, estava bebendo novamente. Estava certo de que ela teria odiado isso

também.

Eric deixou a câmara de pedra, seus passos ecoando nas paredes. O caçador

não olhou para trás. Tivesse ele virado e a estudado, poderia ter visto a cor tênue

voltando ao rosto dela ou a forma como as pálpebras tremeram. Os lábios de

Branca de Neve se separaram, ainda que levemente. Então, ela puxou sua primeira

respiração, o minúsculo arfar quase inaudível na tumba gigante.



20

Eric chegou ao portão logo depois do nascer do Sol. Sua cabeça latejava da

noite anterior. As velhas dores haviam retomado, O sangue pulsava nos pontos

dos ferimentos.

— Abram a porta! — gritou para os soldados parados acima. Teve o cuidado

de não olhar diretamente para eles, temendo ser reconhecido.

— Abram a porta! — gritou novamente, mas ela não se moveu. Olhou para cima.

Os homens estavam olhando além dele, para o caminho de terra batida que levava

até o castelo. Um jovem estava vindo atrás dele. Caminhava lentamente, lutando

com o saco de juta na mão.

— Caçador — o jovem o chamou. Eric baixou a cabeça. Havia sido muito

cuidadoso na procissão. Manteve os olhos voltados para baixo, os cabelos cobrindo

seu rosto, tentava passar despercebido. Como sabiam quem era ele?

O jovem correu em sua direção. Usava uma camisa de linho branco e calças

limpas, o cabelo preto untado para o lado. Eric o reconheceu como um dos

funcionários do duque. Percy... Era esse seu nome?

— Sim, eu o reconheci. — Percy assentiu, como se estivesse se desculpando.

Eric suspirou. Ergueu as mãos diante dele.

— Olha, se você quiser...

— Não queremos briga com você — disse o jovem. — Não mais. Você trouxe

a princesa para nós. Por isso... — ergueu um saco e o entregou para Eric. O

caçador o aceitou, percebendo de repente o que era.

As moedas de ouro eram mais pesadas do que ele imaginava que seriam. Já

tinha gastado o dinheiro, em sua mente, com uma casa no campo, para além do

reino, e com um cavalo que o levaria até lá. Quando estava viajando pela Floresta

Sombria, horas depois de ter conhecido a garota, comprou três novos machados,

um casaco de inverno forrado e botas de couro. Havia, na verdade, contado

quantas garrafas poderia comprar com apenas uma daquelas moedas (duzentas e

trinta e três).

Mas agora que elas estavam exatamente ali, em seus braços, não as queria

mais. Fracassara da pior maneira possível. Quem poderia se preocupar com

moedas quando Branca de Neve estava morta? Passou-as de volta para o jovem.

— Fique com seu dinheiro — disse e continuou a caminhar.

Não conseguiu andar mais do que alguns metros. Dentro das muralhas do

castelo, ouviu uma salva de aplausos, gritos e vaias. Olhou para o jovem, buscando

uma explicação, mas Percy apenas deu de ombros. Eric não conseguia ver além da

fachada do castelo de pedra, mas retornou para lá, sentindo que alguma coisa

havia mudado. Acelerou o ritmo conforme as comemorações se levantavam em

torno dele, ainda mais sonoras do que antes.

Branca de Neve estava postada no topo da escada, observando o pátio do

castelo. Homens do duque havia montado barracas de lona ao ar livre para

todos os refugiados do reino. Famílias se amontoavam ao lado de fogueiras para se

aquecerem, outros ficavam na fila da sopa, que dava voltas e voltas, esperando

pelo café da manhã. Muir e Quert estavam sentados um ao lado do outro. Falavam

em voz baixa do lado de fora de uma tenda maltratada, com cobertores jogados

sobre os ombros.

Várias horas se passaram. Ela acordou de repente, a voz do caçador ecoando

na câmara de pedra. Percebeu as tochas ao lado do caixão fúnebre. As paredes

estavam cobertas com uma fina camada de poeira.

Pouco a pouco, sentiu o cheiro de mofo no ar. Ouviu a condensação gotejando do

teto. Aquele som marcava a passagem dos minutos. Dentro de uma hora, a

sensibilidade das pernas havia voltado.

Enquanto voltava lentamente a si mesma, sua mente desperta dentro do

corp o imóvel só pensava em Ravenna . Ela havia pressionado os lábios contra o

ouvido de Branca de Neve.

— Você era a única que poderia quebrar o feitiço e acabar com minha vida

— disse. — Você era a única. — Conforme Branca de Neve voltava a respirar, o

calor retornando às suas mãos, aquelas palavras ficara m muito claras. Havia

apenas uma coisa a fazer.

Começou a descer as escadas. Quert a viu primeiro e sussurrou para Muir,

que chamou os outros anões. Eles saíram da tenda, olhando para ela, seus olhos

arregalados.

— É um milagre! — Beith gritou do outro lado do pátio. Ele apontava para

ela enquanto ela descia os últimos degraus.

William e o duqu e Hammond a olhavam com admiração. Mulheres e crianças deixaram suas tendas e se amontoara m na base das escadas. William

tapou a boca, incapaz de falar.

— Vossa Alteza... — duqu e Hammond disse . Cobriu as mãos dela com as

suas e observou seu rosto. Estava muit o mais velho do que ela se lembrava. Seu

cabelo estava completamente branco e andava curvado por causa da idade. — Nós

achávamos que você... William veio para a frente, descansando a mão no ombro

dela, como se para confirmar que ela era real. Branca de Neve assentiu. Não sabia

dizer o que a havia acordado de seu sono. Naquelas horas, não ouvira nada e não

sentira nada. A última coisa de que se lembrava era dos pássaros pretos circulando

acima de sua

cabeça e a lâmina brilhante do machado que os espalhava pelo céu. Tudo o que

sabia era que estava viva e que tinha algo a fazer.

— Não, meu senhor — disse ela, suavemente.

Todas as pessoas no pátio observavam a cena. Longe dali, perto das últimas

barracas, o caçador estava de pé, balançando a cabeça em descrença. Caminhou

em direção a ela até que estava perto o suficiente para que ela pudesse ver seu

rosto. Lágrimas enchiam seus olhos.

Duque Hammond apontou para uma cadeira de madeira.

—Você precisa descansar.

— Eu descansei tempo o bastante — disse ela. Olhou para a grande multidão. Uma mulher estava chorando, o rosto nas mãos, enquanto dizia a seus filhos como Branca de Neve havia sido trazida de volta dos mortos.

— É um milagre — todo mundo continuava a sussurrar. Aquela palavra pairava no ar.

Branca de Neve e olhou nos olhos cinzentos do duque. Seu rosto estava coberto de rugas.

— Estou pronta para andar ao seu lado, meu senhor — disse ela —, quando você enfrentar a rainha em batalha.

William fitou o chão. O duque olhou para suas mãos sobre as dela com o rosto cheio de preocupação.

— Não haverá batalha, Vossa Alteza. O melhor que você pode fazer pelo seu povo é permanecer segura atrás dessas muralhas.

Branca de Neve olhou para as crianças atrás dele. Elas olhavam para ela com os mesmos olhos tristes e desesperados que havia visto na aldeia em ruínas.

— Isso é o que eu queria fazer quando escapei. Mas aprendi que não há paz enquanto os outros sofrem.

O duque apertou suas mãos.

— A rainha não pode ser derrotada — disse ele em voz alta. Os soldados em

torno dele assentiram. — Ela não pode ser morta. Não pode haver vitória.

Branca de Neve olhou para o grupo de generais, se lembrando das palavras

de Ravenna.

— Eu posso derrotá-la. Eu sou a única que pode, ela mesma me disse.

Afastou-se do duque Hammond e avançou pelo pátio em direção às

centenas de refugiados. Os soldados observavam, segurando seus capacetes nas

mãos. Os anões mantinham os chapéus sobre seus corações.

— Foi-me dito que eu os represento — Branca de Neve disse em voz alta, as

palavras lhe vindo facilmente. Não sentia nada além de paz. Nunca estivera tão

certa sobre alguma coisa. — Foi-me dito que meu papel não é lutar, mas ficar aqui,

de forma segura por trás desses muros. Eu não vou fazer isso. — Olhou para Muir,

que a olhava com olhos brilhantes. — Acredite o que a vida é sagrada, ainda mais

desde que eu experimentei a liberdade — Branca de Neve continuou. — Mas

perdi o medo da morte. Se Ravenna vier contra mim, vou correr ao seu encontro.

E se ela não vier contra mim, vou correr ao seu encontro. Sozinha, se eu precisar.

— Branca de Neve voltou-se para os generais postados do lado de fora de uma

tenda enorme. — Mas, se vocês se juntarem a mim, terei prazer em dar a minha

vida por vocês. Porque esta terra e seu povo já perderam muito.

Seu coração batia forte em seu peito. Postou-se diante deles, com os ombros

para trás, esperando por apoio. Duque Hammond a estudou cuidadosamente,

observando o manto funéreo rosa e seus cabelos longos. Ela esperou, ouvindo o

som dos pássaros gritando a distância. Perguntou a si mesma se teria de sair pela

noite no dorso de um cavalo, sozinha, e enfrentar Ravenna. Então, lentamente, o

duque inclinou a cabeça em reverência. William ficou de joelhos, seguindo o

exemplo de seu pai. Os cavaleiros e os generais os seguiram.

Ela encontrou o olhar do caçador. Havia ternura em seus olhos quando ele

sorriu e se inclinou diante dela. Os anões o seguiram. Logo o pátio inteiro estava

de joelhos, mostrando respeito. Ela era a líder deles, assim como seu pai havia

sido. Jurou que acabaria com o reinado de Ravenna ou perderia sua vida tentando.

Branca de Neve ficou parada diante deles, com lágrimas nos olhos.
Quase já

podia sentir sua vitória, parecia tão próxima. Imaginava o reino
novamente como

havia sido sob o reinado de seu pai. Viu as pastagens verdes e as feiras
das aldeias,

as crianças dançando em volta do mastro. Os campos seriam
novamente frutíferos,

as fazendas enviariam carretas cheias todos os dias e em todas as
direções.

Ninguém passaria fome. E todas as crianças estariam seguras.

Havia apenas mais uma coisa a dizer agora que estavam ali, esperando
para

lutar. Eles haviam mostrado a coragem que, ela sabia, haviam sempre
possuído.

— Então, está feito — anunciou, sinalizando para o povo, seu povo, se
levantar. — Partiremos hoje à noite.



Branca de Neve e cavalgava na frente. A cota de malha pesava em suas
costas, o metal frio picava sua pele. Seguiu seu escudo, desfrutando

de

como o sentia natural em seu braço. Era exatamente como aquele que seu pai

havia usado, O brasão da família estava cravado na parte frontal. Lembrou-se de

como ele o havia mostrado a ela quando criança, deixando-a passar os dedos sobre

os ramos de ouro da árvore de carvalho. Suas raízes afundadas na terra. A parte

superior do tronco era apontada em uma cruz, assim como a coroa.

— É um símbolo de força — ele disse , lhe mostrando as raízes. — Isso a

mantém firme no lugar, ligada à terra, por tudo o que é invisível. Ela cresc e em

altura e orgulho.

Ela o segurou, reconfortada com o peso do escudo. Sentia - enquanto ouvia

as batidas constantes dos cascos atrás dela. Seu pai estava em todo lugar para onde

olhava, na Lua crescente, na mudança das árvores e na rebentação das ondas.

Conforme subiam a colina junto à praia, quase podia senti-lo ao seu lado.

Virou para trás, olhando para o duque, William e Eric, que cavalgavam atrás

dela. Havia centenas de homens e mulheres os seguindo, seus rostos brilhando à

luz das tochas. O exército , seu exército, se estendia pela floresta. Estava surpresa

pela bravura daqueles que se ofereceram. Garotos com não mais de 15 anos. Mães

e pais, camponeses

e rebeldes. Alg u n s haviam esta d o em Carmathan,

sobrevivendo todos esses anos na fortaleza do duque, e outros ainda haviam saído

de seus esconderijos na florest a, levando escassos suprimentos e se juntando à

luta. A cada quilômetro que passavam, seu exército crescia. Agora ela estava na

colina acima da praia, observando o castelo de Ravenna, com algumas centenas de

soldados atrás dela. Enquanto Branca de Neve e o duqu e seguiam adiante, um

general trotou ao lado deles.

— Meu senhor — disse ele, apontando para a costa rochosa abaixo -, só

temos uma ou duas horas antes que a maré suba. Não é tempo o bastante para abrir

uma brecha nas muralhas do castelo. Ou seremos completament e expostos ou nos

afogaremos.

O duque assentiu.

— Existe outra maneira de entrar? Túneis? Cavernas?

Branca de Neve não olhou para eles. Mantinha os olhos no mar negro, no

mesmo local de onde emergira na semana anterior. A maré ainda estava baixa.

Rochas se projetava m acima das ondas. Notou a abertura no lado da borda das

falésias, o mesmo esgoto por onde se arrastou para fora.

Passou a olhar para a praia. Os anões já haviam chegado à beira da água e

andavam por ali. Agacharam-se na parte rasa, como ela os havia direcionado. Não

levariam mais de uma hora para chegar à entrada do esgoto. Já estavam no meio

do caminho.

— Se estivermos no portão levadiç o quando o Sol abandonar o horizonte,

ele estará aberto disse firmemente, guiando seu cavalo para descer a colina

rochosa. Olhou para as faces nervosas do duque e do general. William e Eric a

seguiram sem questioná-la e o exército se espalhou ao longo da praia.

Dirigiram-se para a praia, passando pelo labirinto de pedras no qual Branca

d e Neve havia tropeçado quando alcançara a terra. Conforme a maré subia, os

cavalos e os soldados eram empurrad o s para cima da are i a. Continuavam se

movendo enquanto as ondas chegavam cada vez mais perto, ameaçando fixá-los

contra a borda da rocha íngreme.

— Nós não temos muito tempo — duque Hammond disse.

Branca de Neve olhou para o oceano. Podia ver os anões imergindo a cada

onda. Estavam quase na entrada do esgoto. O Sol estava quase no horizonte. Tão

logo ele surgisse, os cavaleiros seriam visíveis na praia e perderia qualquer

chance de um ataque-surpresa. Tinham de avançar e esperar que o portão levadiço

estivesse elevado a tempo. Era a única chance que tinham.

— Devemos andar agora — disse Branca de Neve, voltando-se para o duque.

— Eles terão levantado o portão levadiço no momento em que chegarmos.

Quando o duque levantou sua espada, ordenando o que os soldados

avançassem, Branca de Neve voltou-se para Eric. Ele estava logo atrás de William

e dos generais, que insistiram para que os militares estivessem à frente. Ela

encontrou seu olhar por apenas um momento, mas ele pareceu sentir o que ela

queria. Trotou até estar ao lado dela, quebrando a ordenação, e seus cavalos se

aceleraram. Correndo juntos, com os olhos ardendo devido ao ar salgado, ela não

sentia medo.

Correram adiante, o exército acelerando, os olhos na borda do penhasco

onde ficava o castelo. Lentamente, ele ficou visível. O coração de Branca de Neve

acelerou, O portão levadiço ainda estava abaixado. A treliça negra podia ser vista

a um quilômetro. O duque olhou para ela, o rosto cheio de preocupação, mas ela

não abrandou. Coll e Duir e todos os anões deveriam estar no pátio do castelo

agora. A qualquer momento, o portão subiria.

Ela olhou para trás, para o enorme exército na praia. A maré subia, os

cavalos espirravam nas ondas enquanto cavalgavam para frente. O Sol subia,

aquecendo o céu. Estavam completamente expostos.

— Vamos — Branca de Neve sussurrou para si mesma, desejando que o

portão levadiço se abrisse. — Rápido...

Mas, então, ela notou as minúscula s luzes piscando na parte superior da

parede do castelo. Os trabucos estavam sendo carregados. Os pontinhos de luz se

levantaram no ar e os mísseis de fogo caíram sobre eles. Uma bola de fogo

explodiu a poucos metros dela . Mas ela não parou. Manteve a cabeça baixa,

andando rápido em direção às muralhas do castelo.

O exército vacilou. Algumas das tropas estacaram quando viram os dardos

inflamados caindo sobre eles. Um homem caiu do cavalo quando o

chão explodiu.

Não havia escolha. Se não continuassem se dirigindo para as muralhas do castelo,

seriam afogados pela maré alta. Ela avançava mais rapidamente, o oceano

inundando a areia, subindo à altura das pernas dos cavalos. Branca de Neve

ergueu seu escudo, incitando os soldados a avançar.

Gritaram atrás dela. Ela virou e viu uma mulher loira que havia sido atingida por uma flecha flamejante. O cavalo relinchou e a jogou no chão. Seu

corpo foi pisoteado conforme os outros soldados cavalgavam. Branca de Neve

engoliu em seco, se protegendo do ataque. Dois generais caíram ao lado dela. Um

deles foi atingido no pescoço com uma flecha. Em todos os lugares ao seu redor

havia sangue e fogo. De tempos em tempos, olhava de soslaio para o caçador,

agradecida por ele ainda estar ali.

A fumaça encheu o ar. O vento mudou e ela viu a entrada do castelo novamente. O portão levadiço ainda estava abaixado. Correu para as muralhas,

sabendo que só tinham mais alguns minutos. Dez, no máximo. Se o portão não

estivesse levantado no momento em que chegassem, ficariam presos contra as

rochas. Os soldados de Ravenna estariam acima deles e o oceano avançaria pelos

lados.

Mais arqueiros apareceram na muralha do castelo. Branca de Neve segurou

o escudo sobre a cabeça enquanto andava. Ouvia as flechas ricocheteando em cima

dele. Podia sentir o calor delas em seu braço. Não olhou para trás. Alguém estava

gritando por socorro. Corpos flutuavam de bruços nas ondas. Um cavalo malhado

havia caído sobre as rochas. Estava gritando, com uma ferida borbulhando em seu

corpo. Contorcia-se de dor à medida que a água salgada afluía sobre ele. Ela queria

desesperadamente que alguém pudesse dar um fim à vida dele.

William andava na frente dela, seu escudo sobre a cabeça.

— Você tem de voltar! — ele gritou. Mal conseguia ouvi-lo por causa do

barulho das ondas.

— Eu dei minha palavra que estaria com eles! — Branca de Neve falou. Um

cavaleiro ao seu lado foi atingido no ombro com uma flecha de fogo. Tentou

puxá-la do peito, mas já era tarde demais. Suas roupas estavam em chamas. Girou

e caiu nas ondas, gritando de dor.

Branca de Neve começou a subir a rampa e em direção ao castelo, não

atendendo ao alerta de William. Eles não tinham escolha. A única maneira de se

salvarem era a luta. Cavalgava decidida em direção ao portão de ferro maciço. A

qualquer segundo, ele subiria. A qualquer segundo, os anões o levantariam.

Flechas em chamas choviam à sua volta.

Manteve seu escudo voltado para cima, esperando que não estivesse errada.

Quando estava a quinze metros de distância, o portão gigante apareceu. Ela

podia distinguir Gort e Nion aferrados às extremidades da corda, usando seus

corpos como contrapeso. William e Eric estavam ao seu lado quando galoparam

sob o portão para o pátio do castelo com o exército atrás deles.

Os arqueiros no alto miravam os soldados que haviam entrado. Quando a

maior parte do exército havia passado pelo portão levadiço, superou os guardas de

Ravenna na proporção de três por um.

—Alinhem-se! —Branca de Neve gritou para Eric e William. Se fizessem

uma formação em cunha, se espalhando por todo o pátio numa diagonal,

poderiam encurralar os guardas de Ravenna. A luta poderia durar poucos

minutos.

Alguns generais avançaram violentamente, formando a linha de frente.

Branca de Neve, William e Eric mantiveram seus escudos no mesmo ângulo, ficando exatamente atrás deles. Os dardos inflamados batiam contra seus escudos. Eric saltou à frente, atingindo dois guardas com os machados. William dirigiu sua espada para o lado de outro guarda. Branca de Neve bateu em outro homem com seu escudo, prendendo-o contra a parede do pátio. Sua cabeça bateu na pedra e ele caiu no chão, inconsciente.

Havia apenas um punhado de guardas restantes. Alguns guerreiros do exército de Branca de Neve urraram alto, já sentindo que a luta havia acabado.

Quatro guardas de Ravenna fugiram para os corredores do castelo buscando

segurança. Os que foram deixados para trás baixaram suas armas no chão em sinal

de rendição.

Branca de Neve buscou entre os homens por sinais do duque. Ele estava

apenas algumas pessoas atrás dela na densa formação. Seus olhos se encontraram

e ele sorriu, um semblante de alívio no rosto. Acabou, ambos sabiam disso agora.

Eles só tinham de encontrar Ravenna. Qualquer que fosse a magia que ela tivesse,

Branca de Neve poderia superar. A própria rainha lhe havia dito isso.

Então, algo no rosto do duque mudou. Ele franziu as sobrancelhas. Olhou

além de Branca de Neve, até o teto do pátio. Ela seguiu seu olhar, estudando as

estranhas sombras negras que se aninhavam sob o beiral, O exército se aquietou.

Eric apontou para uma porta em arco, na qual uma sombra negra pairava no ar.

Eles observavam aquilo boquiabertos. Lentamente, as sombras se condensaram em

figuras. Guerreiros da escuridão emergiram de cada arco e de cada corredor.

Branca de Neve olhou ao redor, seu escudo escorregava de sua mão enquanto se

dava conta de que estavam cercados por todos os lados.



22

Os soldados de sombra formaram uma nuvem sobre eles. Um deles avançou

na direção de Eric. O caçador cortou o peito do soldado com o machado, O

homem quebrou como vidro, os fragmentos minúsculos explodindo de seu centro.

Em segundos, o homem ficou inteiro de novo, os fragmentos se unindo. Ele

avançou em Eric novamente, balançando sua espada brilhante.

Branca de Neve nunca havia visto nada parecido. Os guerreiros de sombra

estavam atacando seu exército. Ao seu redor, os homens caíam, incapazes de se

manterem contra o ataque selvagem. As sombras não mostravam sinais de

cansaço. Seus rostos eram estranhos e sem traços característicos. Todos os

ferimentos que sofriam rapidamente se curavam. Quando eles se moveram,

dirigindo as espadas contra o exército de Branca de Neve, ela sentiu os olhos de

alguém sobre ela. Olhou para a varanda do terceiro andar. Lá, Ravenna estava

postada, o manto de penas negras cobria seu corpo. Sorria assistindo ao ataque do

exército mágico, os guerreiros da escuridão vencendo a batalha.

Branca de Neve não hesitou. No canto, perto da escada, os corpos estavam

empilhados. Resistentes à dor, os guerreiros de sombra estavam matando

rapidamente. Eles lançaram um de seus soldados com as espadas, depois se

viraram para outro. Ela correu para uma das sombras, bloqueando-a com seu

escudo. O guerreiro negro tropeçou, dando-lhe tempo suficiente para correr.

Balançou sua espada contra outro soldado e o quebrou. Continuou serpenteando

pelo pátio, a batalha crescente em torno dela, quando finalmente chegou à

escadaria. Disparou pelos corredores silenciosos, assustada com o som de sua

própria respiração ofegante.

Desembainhou sua espada enquanto se dirigia para o segundo lance. Era a

mesma ala do castelo onde seu pai vivera todos aqueles anos antes de se casar com

Ravenna. Agora estava diferente, porém. As cortinas estavam rasgadas. O longo

corredor estava escuro, sem tochas para iluminá-lo. A cômoda estava tombada de

lado, a madeira tomada pelo bolor.

Ao lado dela, havia uma porta entreaberta, o quarto brilhando com uma

estranha luz. Atentou-se para a sala do trono da rainha. Uma cadeira coberta de

joias repousava encostada na parede. Espadas polidas estavam penduradas acima

dela. Havia também uma caixa de madeira cheia de coroas ornamentadas com

rubis enormes. Branca de Neve segurava a espada à sua frente, observando tudo.

Atrás de outra porta, ao lado de um espelho de bronze maciço, estava Ravenna.

Branca de Neve reconheceu seus olhos no reflexo deformado.

— Isso termina hoje — disse Branca de Neve, seguindo em frente.

— Eu vim por você.

Ravenna virou, um leve sorriso nos lábios.

— Então, minha rosa está de volta — disse rindo. Olhou para a espada de

Branca de Neve. — Com um espinho. Veio vingar o pai, que era muito fraco para

levantar sua espada. — Puxou uma adaga repleta de joias do manto, girando-a em

sua mão.

Branca de Neve subiu os degraus e ficou diante de Ravenna, fitando seus

olhos azuis penetrantes. A ira cresceu em seu peito . Como Ravenna ousava falar

de seu pai, o homem que ela havia assassinado?

— Por meu pai— disse Branca de Neve, segurando sua espada no ar —, pelo

reino e por mim. — Saltou em direção à Ravenna , mas a rainha disparou para

longe. Ela se esgueirou pelas costas, circundando Branca de Neve por trás. Branca

de Neve virou e golpeou contra ela novamente. Ravenna se moveu muito rápido,

contudo, e avançou a passos largos para o outro lado da sala.

Passos soaram no corredor de pedra. Branca de Neve viu Eric e William na

entrada da sala do trono. Ravenna levantou o braço. Com um estalo de seu dedo, o

candelabro do teto acima deles se quebrou. Os cacos de vidro caíram, as peças se

transformaram em fadas da escuridão. Elas avançaram em direção aos homens e

os mantiveram longe de Branca de Neve.

Quando Ravenna estava convencida de que não mais seriam perturbadas,

virou para a garota com seus olhos azuis e a estudou. Aquela criança, que ela

havia salvado há tantos anos, havia voltado agora para matá-la. A ironia daquela

situação era quase insuportável. Ravenna não desejara que a garota morresse, mas

não tinha escolha. O espelho já havia dito: ou era a sua vida ou a de Branca de

Neve. E ela já havia se divertido com essa rixa o bastante.

Branca de Neve avançou sobre ela com a espada desembainhada. Quando

estava a trinta centímetros, Ravenna a fez tropeçar e a garota caiu de bruços no

chão. Sua espada patética deslizou, cruzando a sala para o lado mais distante.

Ravenna pairava sobre ela, os olhos fixos no peito de Branca de Neve, O coração

estava tão perto e, dentro de poucos minutos, ela o seguraria em suas

mãos. Dessa

vez ela não seria interrompida.

— Isso é tudo o que a vida tem para oferecer — Ravenna sibilou. Fitou os

olhos castanhos enormes de Branca de Neve, quase sentindo um pouco de pena da

garota. — O tempo passa. A esperança morre. Mas nem tudo está perdido. Pois,

pelo menos agora, uma de nós viverá para sempre... — Ravenna levantou a adaga

enfeitada com jóias que havia confeccionado dez anos antes, na noite de seu

casamento. Era tão fácil agora como fora então. Soltou um suspiro e a levou na

direção do peito de Branca de Neve, quando a garota a parou com o antebraço e

torceu seu pulso. A dor rasgou no peito de Ravenna e ela soltou um grito,

sacudindo-se com o impacto.

Olhou para baixo, para o espaço macio onde as costelas se encontram. A

garota havia cravado uma faca nela. Uma pequena faca sem corte. Ravenna arfou,

mas podia sentir o sangue em seus pulmões. Sentiu como se estivesse se afogando.

Era impossível respirar. Ravenna, então, caiu no chão, com o assoalho frio de

pedra batendo contra suas costas.

— A esperança não c a morre — Branca de Neve sussurrou. A garota se

ajoelhou ao lado da rainha, embalando a cabeça dela entre as mãos, enquanto

Ravenna tentava desesperadamente respirar. Era inútil. O sangue escorria por seu

peito e se empoçava no chão. Sua visão estava turva. Não era assim que as coisas

deveriam acontecer. Mas uma minúscula parte dela dizia que aquilo era o correto,

a garota estava apenas fazendo o que a própria Ravenna havia feito anos antes,

vingando sua família.

De onde estava deitada, Ravenna via as fadas da escuridão na sala do trono

desaparecerem. Quando elas se transformaram em pequenas nuvens de fumaça,

soube que estava acabado. Estava morrendo, o último dos seus poderes mágicos,

sumia.



Depois que Ravenna morreu, seu corpo ainda quente ao toque, Branca de

Neve soltou a mão dela. Passou pelo caçador e por William, descendo pelo

corredor rumo à varanda. Os guerreiros de sombra haviam desaparecido. Corpos

estavam espalhados por todo o pátio. Espadas e escudos estavam dispersos, cheios

de sangue. Soldados repousavam em montes retorcidos. Alguns dos feridos

cambaleavam para fora do portão levadiço, procurando por ajuda. A destruição

era grande. Mas Branca de Neve viu além dela, notando um trecho de luz no

jardim do claustro.

Embora fosse primavera, os ramos estavam secos e marrons. Eles não carregavam uma única flor. Durante a batalha, uma sombra escura havia

consumido tudo ao redor do castelo. Mas agora a sombra se dissipava, ainda que

muito lentamente. As cores do reino estavam mais vivas do que Branca de Neve

tinha visto em anos. As folhas rebentavam nos galhos das árvores. Um bando

de pega-rabudas passou em disparada, suas asas azuis capturavam a luz do Sol.

Em todos os lugares havia sinais da celebração da vida. O duque cambaleava por

um corredor abaixo, uma bela jovem o seguia.

Ela olhou para cima, seu olhar encontrando o de Branca de Neve. Estava

ainda mais radiante do que havia sido antes, seu rosto redondo e pálido jovem

novamente. Rose acenou, o sorriso acalmando o coração de Branca de Neve.

Branca de Neve acenou de volta, enxugando as lágrimas dos olhos.

No dia seguinte, se sentou perante o reino na mesma catedral em que estivera dez anos antes. Olhou para os bancos lotados, observando os

amontoados lado a lado em uma fileira. Seus rostos estavam bem barbeados, seus

cabelos, penteados para trás e repartidos de lado. Duque Hammondlhes havia

providenciado ternos sob medida para a ocasião. Branca de Neve

enquanto os observava se movendo em seus assentos, obviamente desconfortáveis

com a roupa formal.

— Você está pronta, minha rainha? — William perguntou. Ficaram

lado a lado, quase tocando os ombros. Estendeu a mão para ela e a apertou sutilmente.

Ela olhou de soslaio para ele e sorriu, sabendo que seria mais fácil se

sentisse por ele o que o reino inteiro queria que ela sentisse. Eles adoravam aquele

jovem, o líder rebelde, filho do duque Hammond. Mas, em sua mente, ele ainda

era o garoto com quem ela havia crescido, aquele que havia brincado com ela na

macieira. Ele era William, sempre e para sempre, seu bom amigo.

Duque Hammond colocou a coroa em sua cabeça, que, devido aos rubis e

safiras, era mais pesada do que ela imaginava. Anna e Lily estavam na segunda

fileira, levantando as mãos em aplausos. A sala irrompeu em aclamações.

Mas, de todos os rostos agora familiares no grande salão, Branca de Neve

continuava prestando atenção em um. O caçador estava na entrada dos fundos.

Usava uma roupa semelhante à do dia em que se conheceram, mas sua camisa

de linho estava bem passada. Suas calças não cheiravam a bebida. Seu cabelo

desgrenhado estava colocado para trás das orelhas. Se ela não o conhecesse

melhor, diria que estava bonito.

Ele já havia lido o que estava partindo, que não havia lugar para ele no

castelo entre a realeza. “Realeza ele pronuncia a aquela palavra com tanto

desdém. Não havia como discutir com ele, nem meios de lhe dizer o que fazer e

por quê. Talvez ela fosse sua rainha agora, mas Eric ainda vivia

por regras

diferentes. E quanto mais ela o conhecia, mais se perguntava se aquela sua regra

incontornável jamais mudaria. “Será que ele sempre estará sozinho?”

Ele levou a mão à testa, acenando enquanto saía. Ela o observou ir embora.

Tinha visto um reino cair, a morte de tantos homens. Explosões e fogo a haviam

cercado. Enfrentou a morte e voltou. Por que, então, sentia tanta tristeza agora,

uma tristeza tão grande que trouxe lágrimas aos seus olhos? Ele era apenas um

homem.

Ficou aliviada quando Beith gritou, quebrando o silêncio na catedral.

— Salve a rainha! — ele gritou. Então os outros se juntaram a ele, suas vozes

se elevando em torno dela.

Não estava mais sozinha. Olhou para os cabelos castanhos macios e os olhos

brilhantes de William na primeira fila. Ele sorriu e se inclinou.

— Salve a rainha!



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Document Outline

- [Folha de Rosto](#)
- [Índice](#)
- [Introdução](#)
- [Prólogo](#)
- [Parte 1](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
- [Parte 2](#)
 - [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)
 - [Capítulo 14](#)
 - [Capítulo 15](#)
 - [Capítulo 16](#)
 - [Capítulo 17](#)
 - [Capítulo 18](#)
 - [Capítulo 19](#)
 - [Capítulo 20](#)
 - [Capítulo 21](#)
 - [Capítulo 22](#)
 - [Capítulo 23](#)